



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CAMPUS MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

KARINE ELLEN ALMEIDA DE FREITAS

**NO RASTRO DAS MEMÓRIAS:
UM ESTUDO SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO RURAL
DA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA - PB**

PAU DOS FERROS

2023

KARINE ELLEN ALMEIDA DE FREITAS

**NO RASTRO DAS MEMÓRIAS:
UM ESTUDO SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO RURAL
DA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA - PB**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Anna Cristina Andrade Ferreira,
Profa. Dra.

PAU DOS FERROS

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

F866r Freitas, Karine Ellen Almeida de.
No rastro das memórias: Um estudo sobre a
preservação do patrimônio histórico rural da
microrregião de Catolé do Rocha - PB / Karine
Ellen Almeida de Freitas. - 2023.
194 f. : il.

Orientadora: Anna Cristina Andrade Ferreira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2023.

1. Preservação. 2. Arquitetura rural. 3. Memória
coletiva. I. Ferreira, Anna Cristina Andrade,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

KARINE ELLEN ALMEIDA DE FREITAS

NO RASTRO DAS MEMÓRIAS: um estudo sobre a preservação do patrimônio histórico rural da microrregião de Catolé do Rocha – PB

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defesa realizada em 17/05/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Anna Cristina Andrade Ferreira
Orientadora

Prof. Dr. Damião Esdras Araújo Arraes
Membro Interno

Prof. Dr. Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros
Membro Interno

Às minhas queridas avós, Beta e Maria, minha madrinha Tereza e meu tio Marcos, por seu apoio incondicional e por sempre terem acreditado no poder transformador da educação. Suas palavras de encorajamento e seu amor inabalável me deram a força necessária para superar todos os desafios. Ao meu primo João Vitor, que sempre compartilhou comigo sua paixão pela arquitetura (In Memoriam).

Á minha amada família por todo o apoio inestimável que me concedeu durante este período de preparação do meu TCC. Sem o amor, incentivo e compreensão que vocês me deram, eu não teria sido capaz de chegar tão longe.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a Deus, cuja benevolência me agraciou com saúde, energia e a inspiração, possibilitando a conclusão deste trabalho.

Também gostaria de agradecer aos meus pais, amores da minha vida, Célia e Neto, cujo amor incondicional, dedicação incansável e apoio inabalável iluminaram o meu caminho. Desde sempre, eles me ensinaram a perseverar e acreditar em meu potencial.

Aos meus irmãos, Káthia e Éder, pelo apoio incondicional e por me incentivarem sempre que precisei. E ao Théo, minha fonte de força e alegria.

À minha tia Silvia, que sempre me motivou com suas palavras de força e encorajamento. E também aos amigos e familiares que estiveram ao meu lado nesta jornada, próximos ou distantes, compartilhando votos de confiança e estímulo, agradeço de coração.

Desejo expressar minha gratidão especial às amigas Gabriela e Liliane, por compreenderem minhas ausências e por estarem sempre disponíveis quando tudo parecia desmoronar. E aos amigos da UnP, Débora, Pâmela, Luan, Gley, Anne, Ellen, Júnior e Mycarla, meus primeiros companheiros nesse mundo da arquitetura, que compartilham comigo esta jornada até os dias de hoje.

À turma 2019.1, onde tracei meus primeiros passos na Ufersa, e, acima de tudo, ao Paulo, Victor e Arthur, verdadeiros presentes que a universidade me agraciou. Ao Paulo, cuja presença e amizade sempre trouxeram equilíbrio e inspiração, agradeço por ser uma âncora em tempos de tempestade, mostrando-me a importância da resiliência e da perseverança. Ao Victor, cujo espírito otimista sempre foi uma fonte de motivação, agradeço por trazer leveza aos momentos mais desafiadores, recordando-me da importância de abraçar a alegria em meio às adversidades. E ao Arthur, cuja amizade e empatia transbordam de generosidade, agradeço por estar ao meu lado. Vocês foram pilares de apoio e confiança e que a vida nos reserve novos encontros e que nossos laços se fortaleçam com o passar dos anos.

Aos amigos Carol e Kelvin, parceiros não apenas em projetos, mas na própria vida, expressei minha sincera gratidão pelo acolhimento generoso e pela aprendizagem compartilhada. Foi ao lado de vocês que aprendi o verdadeiro significado de trabalho em equipe. Juntos, compartilhamos risos, desafios, triunfos e apoio mútuo. Vocês são uma inspiração constante e agradeço por estarem ao meu lado, nutrindo uma amizade que transcende o tempo e as circunstâncias.

À Gleice e Karol, que vieram como preciosos brindes nesta amizade, mas que rapidamente conquistaram um lugar especial e cativaram meu coração, desejo estender minha gratidão.

À Flávia Luiza, sou profundamente grata pelo apoio emocional incansável e por me ajudar a encontrar o meu eu perdido no meio dessa trajetória turbulenta.

Sou especialmente grata à minha professora e orientadora Anna Cristina, que me instigou a apreciar o campo patrimonial e me orientou com zelo e cuidado ao longo da construção deste trabalho. Me abraçou muitas vezes sem saber e foi uma peça fundamental para a conclusão deste projeto. Além disso, agradeço aos professores Esdras e Gabriel, por suas considerações de extrema importância ao trabalho e à minha futura profissão. É uma honra ter compartilhado este momento com vocês.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação, permitindo que eu chegasse até aqui, meu mais profundo agradecimento.

Desejo expressar minha mais profunda gratidão a Ronildo e Genaldo, cuja generosidade e prontidão em auxiliar nas pesquisas e visitas de campo foram verdadeiramente indispensáveis para a realização deste trabalho. Suas contribuições inestimáveis e dedicadas abriram portas e janelas para um universo de conhecimento, permitindo-me mergulhar nas histórias que habitam esta região.

A todos os que gentilmente abriram suas casas e compartilharam suas vidas, contando suas histórias com sinceridade e generosidade, desejo expressar minha mais profunda gratidão. Vocês são os verdadeiros protagonistas deste projeto, e sem a abertura e colaboração de vocês, ele não teria ganhado vida. Suas contribuições valiosas, sejam elas grandes ou pequenas, moldaram a trajetória deste projeto e enriqueceram minha jornada de aprendizado e descobertas.

RESUMO

A consciência de que existem espaços que correm o risco de cair no esquecimento impulsionou a realização deste trabalho, o qual busca promover uma reflexão teórica acerca da preservação desses lugares, destacando a importância de se conservar a memória e a identidade histórica de uma região específica, com enfoque na microrregião de Catolé do Rocha, situada no estado da Paraíba. Tendo em vista a escassez de documentação técnica e a prevalência de iniciativas privadas para preservação, a análise do patrimônio cultural existente se revela um mecanismo eficaz para conservação da memória e dos bens tangíveis, auxiliando na compreensão dos valores inerentes a esses espaços. Diante desse contexto, propõe-se a elaboração de um guia ilustrado que registre o patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial, presente nas propriedades rurais da microrregião de Catolé do Rocha/PB. Tal iniciativa visa contribuir para a preservação, conhecimento e salvaguarda do patrimônio histórico da região, por meio de uma linguagem acessível e recursos visuais, que poderão ser utilizados em atividades de educação patrimonial em escolas e universidades da região, bem como ser divulgado para o público em geral, inclusive para aqueles que não possuem familiaridade com o tema. Ademais, espera-se que esse guia possa servir de base para futuras pesquisas relacionadas ao patrimônio histórico e cultural rural, à memória e à identidade da microrregião de Catolé do Rocha e arredores.

Palavras-chave: Preservação; Arquitetura Rural; Memória Coletiva.

ABSTRACT

The awareness that certain spaces are at risk of falling into oblivion has prompted the development of this work, which seeks to promote a theoretical reflection on the preservation of these places, highlighting the importance of preserving the memory and historical identity of a specific region, with a focus on the microregion of Catolé do Rocha, located in the state of Paraíba. Considering the scarcity of technical documentation and the prevalence of private initiatives for preservation, the analysis of existing cultural heritage is revealed as an effective mechanism for conserving memory and tangible assets, aiding in the understanding of the inherent values of these spaces. In this context, it is proposed to develop an illustrated guide that records both material and immaterial cultural heritage present in the rural properties of the microregion of Catolé do Rocha/PB. Such an initiative aims to contribute to the preservation, knowledge, and safeguarding of the historical heritage of the region, through an accessible language and visual resources that can be used in heritage education activities in schools and universities in the region, as well as for the general public, including those who are not familiar with the topic. Additionally, it is expected that this guide can serve as a basis for future research related to the rural historical and cultural heritage, memory, and identity of the microregion of Catolé do Rocha and its surroundings.

Keywords: Preservation; Rural Architecture; Collective Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da microrregião de Catolé do Rocha/PB	16
Figura 2 – Propriedades rurais inventariadas da microrregião de Catolé do Rocha/PB.	18
Figura 4 - Distribuição Aproximada das Tribos Indígenas da Paraíba.....	39
Figura 5 - Vias de penetração do sertão paraibano.....	40
Figura 6 – Principais ribeiras que levaram a ocupação das capitanias do atual Nordeste.....	41
Figura 7 – Propriedades selecionadas para elaboração do inventário.	45
Figura 8 - Mapa das edificações inventariadas.....	46
Figura 9 – Elementos estéticos encontrados na fachada.....	47
Figura 10 - Antiga fotografia da casa de morada da Fazenda Santa Idalina.	48
Figura 11 - Elementos característicos do engenho Santa Idalina.	49
Figura 12 - Elementos encontrados na casa das caldeiras.	49
Figura 13 – Casa de morada, armazéns, engenho e alambique.	50
Figura 14 - Objetos e esculturas adquiridos em viagens.	50
Figura 15 - Antiga fotografia da casa de morada da Fazenda Cabeços.....	51
Figura 16 - Modificações realizadas na Fazenda Cabeços.	51
Figura 17 - Antiga moenda encontrada na Fazenda Cabeços.....	52
Figura 18 - Detalhes da arquitetura colonial encontrados na Capela N. Sra. da Conceição. ...	53
Figura 19 - Elementos encontrados na Capela N. Sra. da Conceição.	53
Figura 20 - Semelhanças entre as edificações "Diomedes Lobo".	54
Figura 21 - Dona Chica e a pintura de Nossa Senhora Aparecida na fachada.	54
Figura 22 - Túmulo e objetos de João Agripino e família.....	55
Figura 23 - Interior da casa de morada da Fazenda Cachoeira.....	55

Figura 24 - Materiais de construção e obra inacabada.	56
Figura 25 - Capela encontrada no Casarão Bonfim de Cima.	57
Figura 26 - Elementos encontrados na fachada posterior.	57
Figura 27 - Modificações realizadas no casarão do Bonfim de Cima.	58
Figura 28 - Detalhes do Sobrado.	59
Figura 29 - Planta do Sobrado.	59
Figura 30 - Residência dos cuidadores.	60
Figura 31 - Desgastes nas esquadrias e piso do sótão.	61
Figura 32 - Recorte de notícias sobre os saques realizados pelos cangaceiros na região.	61
Figura 33 - Elementos da fachada da Fazenda Dois Riachos 2.	62
Figura 34 - Inserção de elementos.	62
Figura 35 - Vestígios do engenho da Fazenda Dois Riachos 2.	63
Figura 36 - Vestígios da antiga edificação em taipa.	64
Figura 37 - Móveis e objetos encontrados na edificação.	65
Figura 38 - Sótão inacabado.	65
Figura 39 - Fachada da Fazenda Curralinho.	66
Figura 40 - Detalhes na fachada do casarão do Sítio São Gonçalo.	67
Figura 41 - Fachada com detalhe.	67
Figura 42 - Características da edificação encontrada no Sítio Cajueiro.	68
Figura 43 - Alguns danos identificados.	69
Figura 44 - Capela 1 (Fazenda Olho D'Agua) e Capela 2 (Capela do Casarão do Bonfim de Cima).	71
Figura 45 - Exemplos de edificações em bom estado de conservação (à esquerda) e em estado precário (à direita).	71

Figura 46 – Partes das edificações apresentando estado de ruína.	72
Figura 47 - Exemplares de currais encontrados nas propriedades.....	73
Figura 48 - Exemplares de depósitos encontrados nas propriedades.	73
Figura 49 - Edificação de taipa em estado precário de conservação.	74
Figura 50 - Exemplares com telhado em duas águas, com empena lateral.	74
Figura 51 - Exemplares compostos de platibandas retas, com detalhes e elementos vazados.	75
Figura 52 - Exemplares compostos de platibandas com recortes sinuosos e triangulares.	75
Figura 53 – Telhas modificadas.	76
Figura 54 - Sistemas estruturais dos telhados.....	76
Figura 55 - Detalhes estéticos na cobertura.....	77
Figura 56 - Exemplares de pisos encontrados nas edificações.....	78
Figura 57 - Exemplares de pisos substituídos e em estado precário de conservação.....	78
Figura 58 - Elementos inseridos nas esquadrias.....	79
Figura 59 - Exemplares de janelas encontrados.	79
Figura 60 - Escadaria frontal em formato de "meia-lua".....	80
Figura 61 - Escadas modificadas.	81
Figura 62 - Personagem do guia ilustrado.	83
Figura 63 - Capa do guia ilustrado.	84
Figura 64 - Atividade elaborada pela personagem, disponibilizada por QR Code.	85
Figura 65 - Atividade inserida no guia ilustrado.	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C.F.	Constituição Federal
CIAM	Congresso de Arquitetura Moderna
DCR	Divisão de Conservação e Restauração
DET	Divisão de Estudos e Tombamento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PNPI	Programa nacional do Patrimônio Imaterial
SPHAN	Serviço do patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	Organização das nações Unidas para Educação e Ciência

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	PATRIMÔNIO E IDENTIDADE: A IMPORTÂNCIA DOS LUGARES, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS	22
2.1	Revisitando o Conceito de Patrimônio: da Antiguidade à Paisagem Cultural Contemporânea	25
3	ESTRATÉGIAS PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO .	34
3.1	Valorizando o Passado para o Futuro: Educação Patrimonial como meio de Preservação da Identidade e do Patrimônio Histórico.....	34
3.2	Turismo Cultural: Conscientização e Resgate da Memória Coletiva	36
4	TRAÇANDO A HISTÓRIA DA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA: UM OLHAR SOBRE SUAS CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E TERRITORIAIS..	38
4.1	Propriedades Rurais como Patrimônio Cultural: Um Resgate Histórico das Características Arquitetônicas do Passado.....	44
4.2	Preservação em Detalhes: Análise das Fichas de Inventário das Propriedades Históricas.	70
5	NO RASTRO DAS MEMÓRIAS – O GUIA ILUSTRADO.....	83
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICE A – MODELO DE FICHA DE INVENTÁRIO	93
	APÊNDICE B – MODELO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA	97
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	98
	APÊNDICE D – FICHAS DE INVENTÁRIO PREENCHIDAS.....	100
	APÊNDICE E – GUIA ILUSTRADO.....	167

1 INTRODUÇÃO

A cidade é uma fonte inesgotável de conhecimento, história e cultura, que precisa ser lida, explorada e compreendida como um livro. Cada caminhada pelas ruas da cidade pode revelar segredos e particularidades únicas, assim como a leitura de um livro pode levar o leitor a novas descobertas e aventuras.

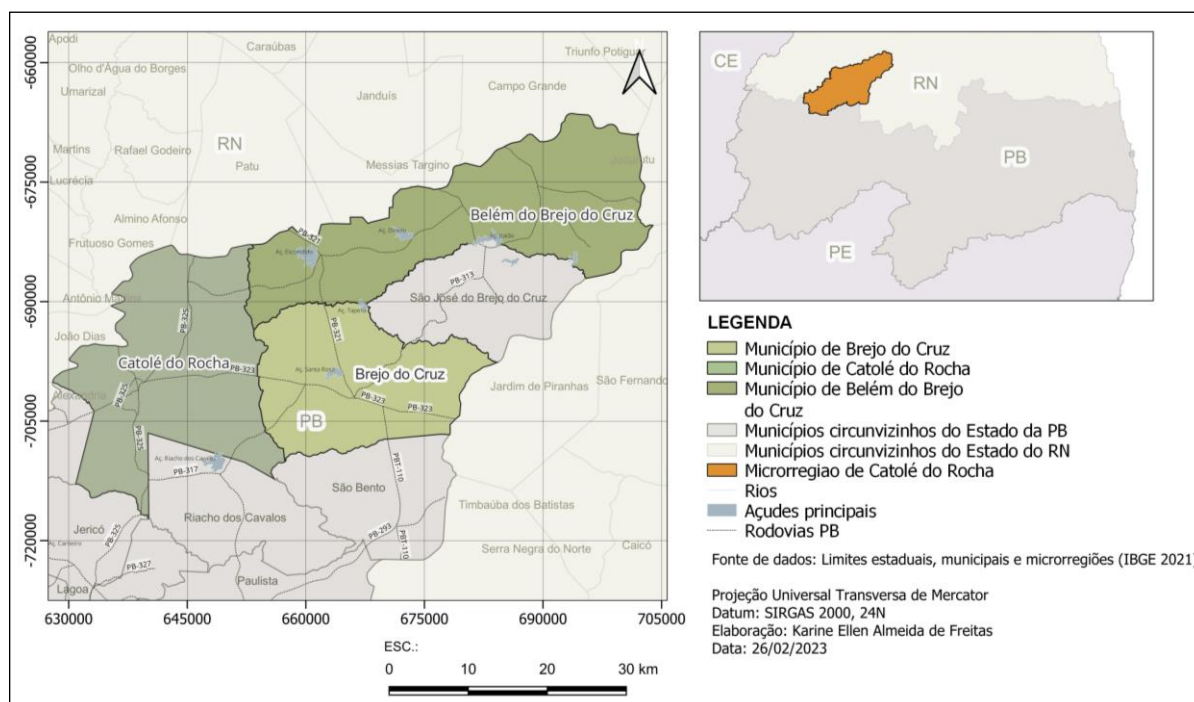
Como um livro, a cidade é formada por diversas camadas e histórias, que podem ser interpretadas de diferentes maneiras. No entanto, a cidade é um objeto em constante evolução, sujeita a mudanças e transformações ao longo do tempo, o que torna a leitura contínua ainda mais essencial para compreender as novas histórias que a cidade pode nos contar.

Infelizmente, alguns espaços da cidade correm o risco de serem esquecidos, perdendo sua importância histórica e cultural. Por isso, é fundamental preservar a memória e a identidade histórica de uma região, mantendo vivas as histórias e os legados deixados pelos antepassados. Cada espaço, registro e fragmento de tempo passado contribui para construir e consolidar a história de uma região, e preservá-los é uma forma de manter viva a identidade da comunidade.

Ao caminhar pela cidade, é possível perceber que cada edificação, independentemente de seu porte, técnica construtiva ou estado de conservação, tem uma história para contar. Ao abrigar o cotidiano dos seres humanos, essas edificações registram experiências únicas e fatos memoráveis, o que as torna parte da identidade da cidade. Por isso, percorrer os caminhos da cidade nos leva a uma compreensão mais profunda do que passou, do que vivemos no tempo presente e do que virá a ser. Cumprindo um papel memorial invisível, a cidade nos ensina sobre nossa própria história e identidade, permitindo que a comunidade possa se reconhecer e se fortalecer como um todo.

Com base nessas premissas, percebeu-se que o estudo dos fragmentos deixados pelo tempo (Figura 1), poderá ajudar a construir uma leitura de sua história. Sendo nosso ponto de partida, o município de Catolé do Rocha/PB, está distante 411 km da capital da Paraíba, João Pessoa, e possui, segundo o censo 2020 do IBGE (2021), uma população estimada de 30.819 pessoas, se destacando como uma das cidades polo do sertão paraibano.

Figura 1 - Localização da microrregião de Catolé do Rocha/PB



Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

A cidade que hoje contempla atividades industriais nas áreas têxtil, calçadista e de alumínio, teve como desenvolvimento econômico precursor a criação de gado e a cultura de subsistência, tornando-se industrial a partir da década de 1940, com a instalação de uma fábrica de beneficiamento de algodão (FILHO, DANTAS, 2021, p. 16).

Apesar de distante, o período pecuarista deixou marcas que podem ser percebidas através das edificações rurais remanescentes, que possuem inestimável valor histórico e arquitetônico, como os casarões e fazendas que serão apresentados no decorrer deste trabalho, e que, apesar de exemplares vivos das histórias e memórias da região, os mesmos não contam com nenhuma política atuante de preservação.

Considerando o exposto, é fundamental refletir sobre a ausência de medidas voltadas para a preservação e conservação do patrimônio rural, bem como a importância de conhecer esses bens. Nesse sentido, é necessário utilizar o inventário como uma ferramenta de salvaguarda desse importante documento histórico da região. Se essas propriedades¹

¹ Embora o termo "propriedades" tenha surgido apenas após a Lei de Terras de 1850, optou-se por utilizá-lo neste estudo para se referir às sedes de fazendas, casas de moradia e edifícios religiosos pesquisados, a fim de abranger de forma mais ampla essas estruturas históricas.

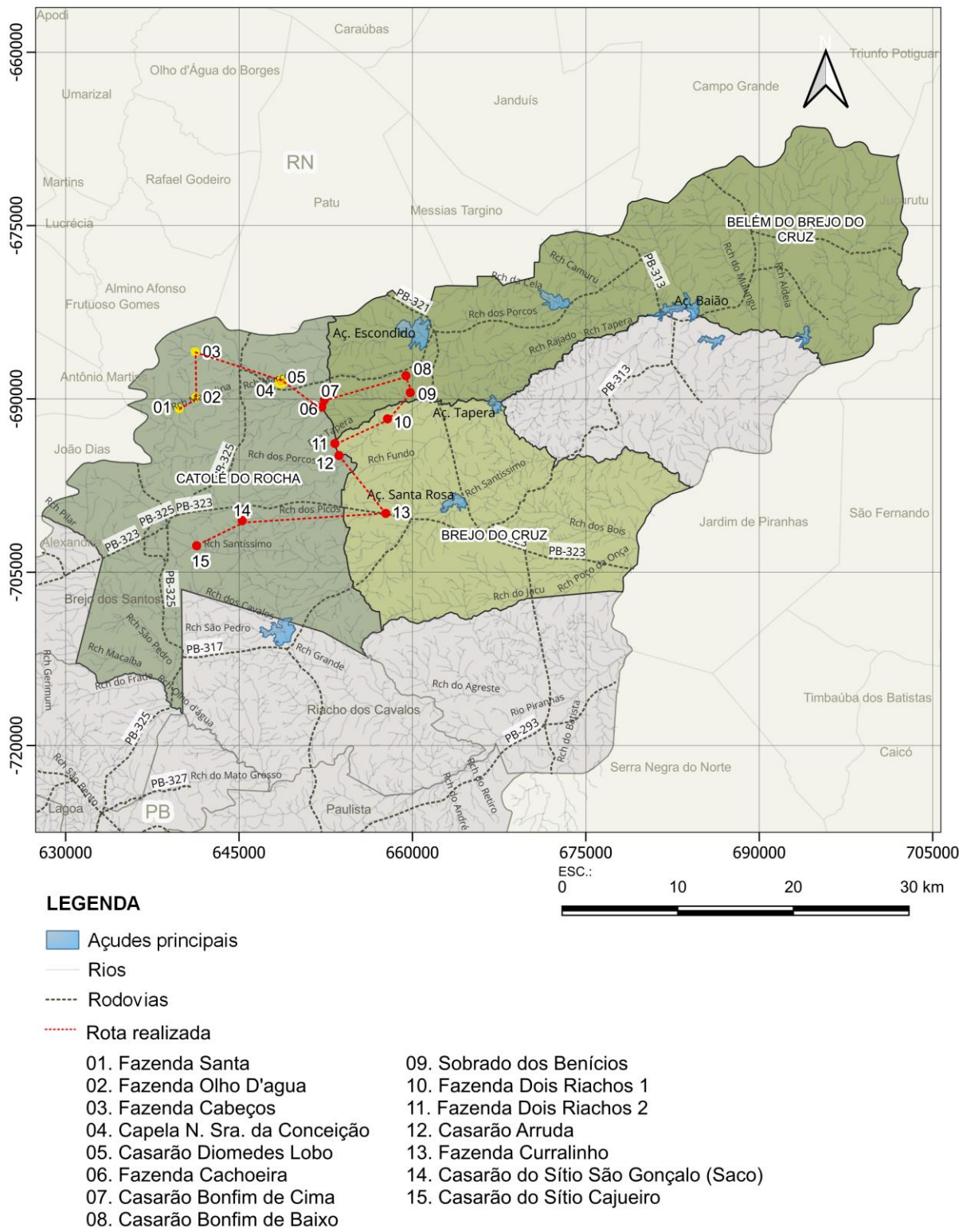
realmente possuem um patrimônio cultural, material e imaterial digno de preservação, é essencial buscar contribuir para a efetivação institucional dessa ação no futuro.

Embora haja poucos estudos sobre o patrimônio histórico arquitetônico na região, é evidente que a comunidade local possui interesse no assunto, conforme evidenciado pelas iniciativas pessoais de documentação e divulgação do patrimônio histórico, através de redes sociais como a página do Facebook "Catolé de Antigamente" e os perfis de Instagram "Catolaico" e "Ronildo Txales".

Isso destaca a importância do inventário minucioso desses bens, que auxiliará na conscientização e valorização deles pela população em geral, além de permitir ações de educação patrimonial e a criação de rotas turísticas. Portanto, justifica-se a realização desta pesquisa, que tem como objetivo registrar o patrimônio cultural das propriedades rurais na microrregião de Catolé do Rocha/PB, conforme Figura 2, como um mecanismo de conhecimento e salvaguarda.

Ademais, a proposta de um guia ilustrado, com uma linguagem acessível, sobre o patrimônio histórico e cultural de Catolé do Rocha e suas redondezas, se mostra como uma eficiente ferramenta de ação de educação patrimonial, que poderá ser trabalhado nas escolas e universidades da região, alcançando, inclusive, o público não familiarizado com o tema, além de contribuir para futuras pesquisas relacionadas ao patrimônio histórico e cultural rural, memória e identidade.

Figura 2 – Propriedades rurais inventariadas da microrregião de Catolé do Rocha/PB.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Posto isto, a presente pesquisa tem como objetivo geral desenvolver um guia ilustrativo do patrimônio cultural, material e imaterial, existente nas propriedades rurais na microrregião de Catolé do Rocha/PB, como uma ferramenta de salvaguarda e conhecimento desses bens. Para que este propósito fosse conquistado, foram delimitados os seguintes objetivos específicos:

- Entender os conceitos relacionados à temática da preservação do patrimônio cultural, como identidade, memória coletiva e preservação;
- Conhecer o contexto histórico da microrregião de Catolé do Rocha entre os séculos XVIII e XX, período em que as propriedades surgiram e se desenvolveram;
- Identificar os elementos integrados e o estado de preservação e conservação dos bens a serem inventariados, bem como as manifestações da cultura imaterial, buscando identificar o melhor caminho para a sua salvaguarda.

Embora não se possa garantir, nesse momento, que isso será alcançado, almeja-se, com este trabalho estimular a preservação da identidade local por parte da população, incentivando ações de educação patrimonial.

Para a realização deste trabalho, optou-se por dividi-lo em três eixos. O primeiro é composto pela introdução, apresentação do recorte de estudo, objetivos e procedimentos a serem adotados. O segundo, apresenta o referencial teórico-conceitual, subdividido em dois capítulos, tendo seu primeiro, o título “São nos lugares, nas memórias e nas histórias que se encontram o patrimônio e a identidade”, na qual buscou inferir como o patrimônio atua na formação e consolidação da identidade dos indivíduos. Para isso, foram utilizadas as produções de Halbwachs (1990) Le Goff (1990) Pollak (1992) Nora (2003) Castells (1999), Pesavento (2002) Duarte (2003) Pelegrini (2007) Tomaz (2010), Nogueira (2013).

Ainda contribuem para a construção do subcapítulo “Do conceito de patrimônio à paisagem cultural”, que objetivou explicar conceitos-chaves sobre patrimônio e suas vertentes e como se deu a construção de patrimônio em nosso país, as autoras e autores Abreu (2003), Carvalho (2003), Fonseca (2005), Funari e Pelegrini (2006), Ribeiro (2007), Ferreira (2010), Vianna (2016), Choay (2017), além de algumas Cartas Patrimoniais, Constituição Federal Brasileira e informações obtidas pelos meios eletrônicos do IPHAN.

A educação patrimonial e o turismo cultural aparecem no terceiro capítulo desta pesquisa, através do título “Educação Patrimonial e o Turismo Cultural como processos facilitadores na construção da identidade e preservação do patrimônio de um povo” que visa encontrar em ambos, mecanismos auxiliados na preservação do patrimônio. Para isso, foram válidos os trabalhos de Horta, Grunberg e Monteiro (1999), Icher (2008), Florêncio (2012), Rocha (2012), Dimenstein (2017) e Brusadin (2009)

No quarto capítulo deste trabalho é apresentado um breve estudo da região em questão, que explana a delimitação e escolha das propriedades a serem inventariadas, além da análise dos aspectos relacionados ao patrimônio cultural local. Apresentará, ainda, apresentará a realização do inventário propriamente dito, da elaboração das fichas e levantamento das informações, realização da pesquisa fotográfica e das entrevistas, e de como será a apresentação do guia ilustrado do patrimônio cultural.

Aqui abordamos a metodologia para pesquisa arquitetônica patrimonial² elaborada por Melo (2019, p. 57), que faz uso das setes dimensões: normativa (levantamento de leis, decretos e registros relacionados à preservação histórica no município), histórica (relacionada ao contexto no qual o objeto foi arquitetônico foi projetado e construído), espacial (trata das características do lugar e do entorno), tectônica (soluções construtivas, cobertura, detalhes e revestimentos), funcional (trata do uso original, atual e as transformações de uso ao longo dos anos), formal (análise da forma) e da conservação do objeto (estado de conservação da edificação).

Por se tratar de um estudo de múltiplos saberes, que envolve além do conhecimento técnico, os relatos e memória da população local, a metodologia empregada inclui levantamentos bibliográfico, documental, fotográfico, de campo, com o preenchimento de fichas sobre o estado de conservação e preservação dos bens, e entrevistas estruturadas, para registro dos aspectos sociais e econômicos atuais, da memória local e das práticas culturais ali desenvolvidas.

Os procedimentos metodológicos aqui expostos contribuíram para a execução do inventário, em que consta a identificação e catalogação das propriedades existentes na área de

²A metodologia foi apresentada no artigo “Notas Sobre Métodos Para A Pesquisa Arquitetônica Patrimonial”, que possui como objeto de discussão a explanação de notas sobre métodos para pesquisa arquitetônica de bens com valor patrimonial, desenvolvida pela autora desde 2007, sendo adotada por seu grupo de investigação em projetos de iniciação científica acadêmica, bem como em programas de pós-graduação de instituição federal brasileira. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/18778/12304>>

estudo, organizadas de acordo com a ordem de visitação. Para isso, foi empregado um modelo de ficha de levantamento elaborada pela autora (apêndice A) a partir da metodologia utilizada pelos autores Ferreira (2010) e Queiroz (2022). Fez-se o georreferenciamento das propriedades a serem inventariadas, dentro da rota preestabelecida, e a elaboração nos mapas, e a identificação das edificações e espaço contidos nestas.

Em todas as visitas, quando possível, foram realizadas entrevistas estruturadas (apêndice B), entre os dias 11 e 12 de fevereiro, com os donos e moradores das propriedades, afim de auxiliar no entendimento do contexto em foram construídas essas edificações, seus materiais e técnicas empregadas, a relação afetiva dos entrevistados com as propriedades e as percepções dos mesmos sobre patrimônio histórico cultural. Todas as entrevistas realizadas após explicação e assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, conforme o modelo do Apêndice (apêndice C).

Para a elaboração do guia ilustrativo, última etapa, buscamos seguir algumas diretrizes dispostas no Guia Básico de Educação Patrimonial, como as perguntas a serem feitas para a comunidade com o fito de captar o entendimento dos mesmos sobre o patrimônio histórico. Além disto, serviram de inspiração a Coleção Patrimônio para Jovens, desenvolvida pela Superintendência do IPHAN, que conta com os volumes “Athos Colorindo Brasília” (PERPÉTUO, PINTO, 2020) e “Ceilândia, minha Quebrada é maior que o mundo” (DANTAS, PERPÉTUO, et al, 2020), desenvolvido, de forma lúdica, para jovens e adultos, e a revista online bianual “Arcaicó” (OLIVEIRA, 2021), que aborda, de ideia semelhante àquelas supracitadas, e trata sobre o patrimônio histórico da cidade de Caicó.

1 PATRIMÔNIO E IDENTIDADE: A IMPORTÂNCIA DOS LUGARES, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

O foco deste capítulo é entender e discutir como o patrimônio cultural participa da formação e consolidação da identidade dos indivíduos. Nesse tocante, é necessário compreender conceitos relativos ao *lugar*, seus usos e significados, e a importância dos espaços como lugares de memória, conceito criado por Pierre Nora. Para o autor, os lugares de memória se baseiam em três pilares: local onde a memória social se estabelece e é apreendida pelos sentidos; lugares funcionais que têm ou adquiriram a função de consolidar as memórias coletivas e são lugares simbólicos, onde as memórias coletivas se expressam e se revelam.

O conceito de *lugar* e seus significados são fundamentais para compreender a inter-relação entre os seres humanos e a natureza. Nogueira (2013, p. 5) ressalta que devemos entender o *lugar* como um espaço coletivo, no qual adquirimos experiências e memórias, e não como um ambiente externo. Além disso, o *lugar* possui uma coletividade de significados que ajudam a construir valores e identidades individuais e coletivas.

Castells (1999, p. 23) afirma que a construção de identidades se baseia na história, na memória coletiva e em fantasias pessoais, mas que é processada pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado de acordo com as tendências sociais, projetos culturais e visões de tempo e espaço enraizados em sua estrutura social.

Corroborando com o pensamento de Castells, Pollak (1992, p. 204) nos ensina que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade”. Nesse sentido, a identidade é um processo coletivo que influencia a identidade individual, reforçando que a negociação direta com os outros é um elemento fundamental para a construção da identidade.

Le Goff (1990, p. 476), por sua vez, destaca a importância da memória como um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Logo, entendemos que a identidade é uma construção histórico-social-cultural que se pauta nos significados e que é ressignificada através da história e da memória individual e coletiva.

Em seu estudo intitulado “Patrimônio Histórico, Cidadania e Identidade Cultural: o direito à memória”, Le Goff ressalta que “a identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual ou coletiva. Somente a partir do momento em que a sociedade resolve preservar e divulgar os seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de seu *ethos* cultural e de sua cidadania” (LE GOFF, 1997, p. 138). Desse modo, Le Goff enfatiza a importância do registro e da divulgação das vivências passadas para o sentimento de pertencimento dos lugares que vivemos.

Ampliando um pouco mais sobre a importância da memória, Duarte (2003, p. 306) afirma que a memória coletiva é a memória da sociedade, na totalidade significativa em que se inscrevem e transcorrem as micro-memórias pessoais, como elos de uma cadeia maior. Esse pensamento corrobora com os ideais de Halbwachs (1990, p. 51), precursor do conceito de memória coletiva, que defende que a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, onde esta se baseia nas lembranças dos indivíduos enquanto pertencentes a um mesmo grupo.

Pesavento (2020, p. 10) nos presenteia com uma reflexão poética ao afirmar que a memória é a "presentificação de uma ausência no tempo, capaz de trazer de volta aquilo que teve lugar no passado através da força do pensamento". Esse sentimento evocado pela memória nos faz perceber a estreita relação da memória com o patrimônio histórico arquitetônico supracitado.

Ao vivenciarmos esses locais, podemos reviver acontecimentos ali ocorridos, retomar lembranças de outrora e compreender muitos dos eventos do tempo presente. Assim, podemos concluir que, para além da materialidade que o constitui, esses ambientes trazem em si diversas experiências e significados, geram sentimento de pertencimento e, portanto, merecem ser urgentemente preservados.

É importante destacar que Pierre Nora (1993, p. 9) enfatiza a distinção entre memória e história, evitando que os termos sejam usados de forma intercambiável. O autor define a memória como algo vivo, atual e em constante evolução, enquanto a história é uma reconstrução problemática e incompleta do que já não existe. Nora ressalta que uma sociedade que vivesse unicamente sob o signo da história, não teria lugares para ancorar sua memória.

Em relação aos museus, arquivos, monumentos e outras ações que visam lembrar o passado, Nora (1993) os considera como "testemunhas de uma outra era, das ilusões da eternidade". Ele destaca que esses locais são rituais em uma sociedade sem ritual, fidelidades particulares em uma sociedade que aplaina os particularismos e sinais de reconhecimento e pertencimento de grupo em uma sociedade que tende a reconhecer apenas indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1993, p. 13).

Nora afirma que os lugares de memória surgem e existem porque não há memória espontânea, é necessário criar arquivos, organizar celebrações e manter aniversários para preservar a memória coletiva. Ele destaca que as minorias defendem uma memória refugiada sobre focos privilegiados e que a necessidade de construir lugares de memória surge quando esses focos estão ameaçados (NORA, 1993, p. 13).

É importante refletir sobre a situação dos espaços de memória em nossa sociedade e como podemos criar conexões entre o passado e o presente, principalmente no que diz respeito ao patrimônio arquitetônico, objeto de estudo deste trabalho. Infelizmente, é comum constatar que, na era moderna, muitas construções antigas foram relegadas a um segundo plano, consideradas ultrapassadas e incapazes de acompanhar as transformações da sociedade. Essa interpretação equivocada dificulta a preservação de nossos bens históricos, contribuindo para a perda da memória de um povo e colocando em risco nosso patrimônio cultural.

Sobre isso, Tomaz (2010), destaca:

Esse preservar da memória não está ligado apenas à conservação de relíquias antigas ou edificações, mas também à preservação de toda uma história, todo um caminho percorrido pela sociedade, desde seus tempos mais remotos até aos dias de hoje, interligando-os pela sua importância nesse processo de contínuo movimento e constante transformação (TOMAZ, 2010, p. 4).

Por fim, Pelegrini (2007, p. 09) enfatiza que o direito à memória e à preservação do patrimônio cultural de distintos grupos é um exercício de cidadania crucial para estabelecer as bases das mudanças sociais necessárias para a coletividade. Isso reforça a importância deste trabalho, que reconhece a urgência de buscar mecanismos que contribuam para a reconstrução de laços de pertencimento e para a promoção de movimentos que abracem a salvaguarda do patrimônio cultural.

1.1 Revisitando o Conceito de Patrimônio: da Antiguidade à Paisagem Cultural Contemporânea

Para uma melhor compreensão da importância do nosso objeto de estudo, é fundamental entendermos o conceito de patrimônio e os motivos pelos quais esses bens recebem tal denominação. No entanto, abordar essa temática e suas vertentes no contexto brasileiro pode ser uma tarefa desafiadora, visto que a palavra patrimônio pode assumir múltiplos significados, dependendo do contexto em que é empregada. Como destaca Abreu (2003):

A noção de patrimônio traz em seu bojo a idéia de propriedade. Etimologicamente, traduz a concepção de herança paterna. No sentido jurídico, refere-se a um complexo de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa ou empresa e seja suscetível de apreciação econômica (ABREU, 2003, p. 34).

De acordo com Funari e Pelegrini (2006, p. 10), patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo o que pertencia ao pai, pater ou pater famílias, pai de família. Entretanto, embora muito ligado à questão de bens e heranças passadas de pai para filho, ou sob forma de bem privado e aristocrático, o patrimônio encontrou na Revolução Francesa sua mudança mais significativa, onde, ao destruir os fundamentos do antigo reinado, a república buscava encontrar uma forma de igualdade entre seus cidadãos, de forma que eles compartilhassem dos mesmos valores, costumes e língua, já iniciando aqui, também, noções de pertencimento, identidade e memória social e cultural. (Ibid., p. 15)

Analisando de forma sucinta, também podemos perceber que a concepção de patrimônio enveredou por outros caminhos, sendo definido também pelas antiguidades, monumentos e monumentos históricos. As antiguidades, a priori, estavam ligadas aos elementos da cultura greco-romana, se estendendo, posteriormente, para outras regiões. Esses elementos - as antiguidades - passaram a ser objetos de interesse dos antiquários, que em alguns locais, como na Inglaterra, eram os responsáveis por proteger as antiguidades nacionais.

Para Funari e Pelegrini (2006, p. 13), alguns estudiosos enfatizam que o patrimônio moderno deriva, de uma maneira ou de outra, do *Antiquariado*. Para os autores, os antiquários como conhecemos atualmente, sendo locais onde se vendem peças antigas, é resultante da preocupação dos humanistas em catalogar e coletar tudo que viesse dos povos antigos, como moedas, vasos, estátuas, dentre outros, que aliás, nunca deixou de existir e continua até hoje, na forma de colecionadores de antiguidades.

Já a ideia de monumento, segundo Choay (2017, p. 17) está ligada ao sentido original do termo latim, *momentum*, que deriva de *monere*, de significado “aderir” ou “lembrar”, tendo sua essência em sua natureza afetiva.

Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememoram acontecimentos, sacrifícios, ritos e crenças. [...] ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar (CHOAY, 2017, p. 18).

Entretanto, a função memorial do monumento foi se perdendo ao longo do tempo à medida em que se consolidava o conceito de arte. Antes, não se construíam esses espaços pautados na beleza, mas no papel de rememoração. Contudo, conforme se exigiam trabalhos mais requintados e ornamentados, o ideal de memória passou a ser substituído pelo ideal de beleza, deixando para os monumentos – no seu sentido original – o papel de rememoração celebrativa, transferindo o que representavam para os monumentos históricos.

Choay (2017, p. 26) ressalta que o monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo e que o monumento histórico se relaciona de forma diferente com a memória viva e com a duração. Segundo a autora, os monumentos são expostos constantemente “às afrontas do tempo vivido”, sendo deixados de lado pelo esquecimento, desapego ou falta de uso, indo contra seu sentido primário de preservação da identidade dos povos e dos grupos sociais. Os monumentos históricos, por sua vez, se inserem num lugar imutável, exigindo, pelo menos teoricamente, uma conservação incondicional.

A partir das observações do historiador austríaco Alois Reigl, a autora os diferencia através de seus elementos, onde o monumento é representado por um número menor – seja de edificações, construções ou objetos – mas atribui aos mesmos o caráter “comemorativo”,

enquanto os monumentos históricos são vistos por sua quantidade diversa, tendo seu valor histórico e artístico atribuído por grande parte da sociedade:

O monumento é uma criação deliberada (*gewollte*) cuja destinação foi pensada a priori, de forma imediata, enquanto o monumento histórico não é, desde o princípio, desejado (*ungewollte*) e criado como tal; ele é constituído a posteriori pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte, que o selecionam na massa dos edifícios existentes, dentre os quais os monumentos representam apenas uma pequena parte (CHOAY, 2017, p. 25).

Para se chegarem aos conceitos assimilados atualmente, podemos perceber que o patrimônio percorreu um longo caminho. A pluralidade de culturas e percepções sobre esses bens contribuíram, e ainda contribuem para isso, visto que ainda hoje não é raro haver confusões acerca dessas definições pelo público leigo.

Um marco sobre essas variações conceituais, a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 1972, traz as definições de patrimônio cultural universal baseados nos conceitos de monumento histórico (CHOAY, 2017, p. 207). Além disso, nesse encontro também foram estabelecidas diretrizes para assegurar a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão do patrimônio para as futuras gerações (UNESCO, 1972, p. 3).

Embora tenha assumido um papel unificador sobre a noção de patrimônio, ainda há aqui, uma oposição acerca do patrimônio cultural e natural. Essa dicotomia permanece presente em diversos momentos da história patrimonial, tendo o reconhecimento do caráter abrangente que alguns bens apresentam ocorrido apenas em 1992, com a Conferência Internacional sobre Meio Ambiente, com o conceito de paisagem cultural, de maior relevância para este estudo.

Apesar dessas documentações tratarem o edifício isoladamente ou em conjuntos, a intenção ao citá-los não é a de tirar seus méritos, pois a divisão conceitual não impediu que esses momentos oferecessem contribuições significativas para o campo patrimonial. A Carta de Atenas, por exemplo, há um interessante ponto – que se relaciona com este trabalho – abordando sobre o papel da educação e o respeito aos monumentos, concretizando que [...] a melhor garantia de conservação de monumentos e obras de arte vem do respeito e do interesse dos próprios povos [...] (Carta de Atenas, 1931, p. 4).

Outra carta, a qual recebeu o mesmo nome, datada de 1933, foi um manifesto urbanístico resultante do IV Congresso de Arquitetura Moderna (CIAM), que estabeleceu as bases ideológicas do urbanismo moderno e tratou de abordar sobre as características físicas das cidades, de aspectos sociais, políticos e econômicos, incluindo a densidade populacional em decorrência da expansão industrial.

Segundo Ferreira (2010, p. 14):

Uma das premissas desta carta é a setorização da cidade, que segrega as áreas antigas e propõe a preservação apenas dos exemplares de arquitetura que possuem valor significativo, e, considerando o pensamento da época, pode-se afirmar que, na maioria dos casos, a significância de bens deveria ser medida sob o ponto de vista estético, em detrimento do histórico (FERREIRA, 2010, p. 14).

E, de fato, no registro podemos perceber o maior apelo pela expansão das cidades, sem ressalvas ao tratar de demolições de determinadas partes das cidades de ambiência secular, como os cortiços, por exemplo, como “uma coisa lamentável, mas inevitável” (Carta de Atenas, 1933, p. 26).

Em contraste, a Carta de Veneza de 1964, distingue-se pela valorização e ampliação do caráter histórico, agregando, inclusive, o ambiente rural. Para além, ainda abre espaço para as expressões arquitetônicas menos favorecidas quando manifesta que “[...] estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido com o tempo, uma significação cultural” (Carta de Veneza, 1964, p. 1-2).

A paisagem ganha destaque na Convenção de Washington, de 1940. Uma medida para a proteção da flora, da fauna e das belezas cênicas naturais dos países da América, que apesar de demonstrar preocupação com a conservação da paisagem, de acordo com Ribeiro (2007, p. 39), “estava baseada ainda na idéia de paisagem relacionada quase que estritamente à natureza e ao conceito de paisagem como belo”.

Além desta, em 1962, a paisagem também surge como elemento principal na Recomendação de Paris, na qual “entende-se por salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios a preservação e, quando possível, a restituição do aspecto das paisagens e sítios, naturais rurais ou urbanos, devidos à natureza ou obra do homem, que apresentam um

interesse cultural ou estético, ou que constituem meios naturais característicos” (Recomendação de Paris, 1962, p. 2).

Retornando ao cerne desta pesquisa, conforme citado anteriormente, essas documentações revelam o interesse maior pelos bens construídos, de maneira unitária, os distanciando do ambiente na qual estão inseridos, e quando tratam da paisagem, mais levam em consideração o caráter estético que o caráter cultural, cabendo ao que chamamos de “paisagem cultural” o poder agregador para com esses elementos.

Sobre isso, Ribeiro (2017) destaca que “a adoção da categoria de paisagem cultural da UNESCO, em 1992, se diferenciou dessas concepções anteriores, por adotar a própria paisagem como um bem, valorizando todas as inter-relações que ali coexistem” (RIBEIRO, 2017, p. 40-41), como as relações entre o homem e o meio em que está inserido.

Todas essas repercussões internacionais influenciaram diretamente as ações exercidas no território brasileiro, tendo a primeira lei de proteção aos bens culturais promulgada em 1933, resultando na elevação da malha urbana da cidade de Ouro Preto à categoria de monumento nacional, através do Decreto nº22.928. Entretanto, não diferente de como ocorreu mundo afora, foi pautado muito mais na estética e na excepcionalidade da arquitetura.

No ano seguinte à criação da primeira lei de proteção, em 1934, a preservação do patrimônio histórico desponta na Constituição Federal Brasileira. Dentre seus artigos, o de nº10 coloca sob a responsabilidade da União e dos Estados “proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico [...]” (BRASIL, 1934, p. 40).

Poucos anos mais tarde, um marco representativo na história do patrimônio brasileiro foi a criação de um anteprojeto elaborado por Mário de Andrade, que consistia na criação de um órgão especificamente voltado para a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Sendo formulado de forma definitiva no decreto-lei nº 25, de 30.11.1937, por Rodrigo M. F. Andrade, e diferente do que acontecia nas experiências europeias, se propôs a tratar o tema de maneira abrangente e articulada, e delegando à uma única instituição a proteção de todos os bens culturais (FONSECA, 2009, p. 97).

Em 1936, o SPHAN começou a funcionar de modo experimental, sob a direção de Rodrigo M. F. Andrade, e, em 1937, com a lei nº 378, passou a integrar oficialmente o Ministério da Educação e Saúde, sendo criado, então, o conselho consultivo. Estruturado em duas divisões técnicas – DET (Divisão de Estudos e Tombamento) e DCR (Divisão de

Conservação e Restauração) –, o serviço possuía representantes regionais, que também eram responsáveis pelos museus criados a partir de 1938. Ainda em 1937, através do Decreto-lei nº 25, foi regulamentado o ato de tombamento de bens móveis e imóveis, que Fonseca (2009, p. 105) coloca “como uma fórmula realista de compromisso entre o direito individual à propriedade e a defesa do interesse público pela preservação de valores culturais”

No Brasil, a baliza para a ampliação da noção de patrimônio cultural foi a Constituição Federal de 1988, em que seus artigos 215 e 216 definiram que o patrimônio cultural brasileiro se constituía de bens materiais e imateriais em razão da identidade e da memória dos mais diversos grupos formadores da nossa sociedade, sendo o pontapé inicial para a aprovação que ocorreu no ano de 2000, de uma lei nacional de registros de bens de natureza intangível.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (C.F. de 1988, in: IPHAN, 2006, p. 20)

Outro ponto a se destacar no âmbito brasileiro ocorreu em 04 de agosto de 2000, com o Decreto nº 3.551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, bem como o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), visando a implementação de uma política voltada para os inventários, consolidando o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)³, como forma de identificação e valorização desses patrimônios.

A partir desse registro, o bem é passível a ser inscrito em um dos Livros de Registro que se dividem em Livros de Registros e Saberes, que reúne os conhecimentos e os modos de fazer enraizados no cotidiano de determinados grupos sociais; Livro de Registro de Celebrações, que resguardam os rituais e festas populares, além de outras práticas da vida social; Livro de Registro das Formas de Expressão, na qual entram as manifestações artísticas

³O Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Iphan para produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. Contempla, além das categorias estabelecidas no Registro, edificações associadas a certos usos, a significações históricas e a imagens urbanas, independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística.

em geral e o Livro de Registro de Lugares, que contemplam locais como mercados, feiras, praças, dentre outros espaços, que concentram práticas culturais coletivas (BRASIL, 2000)

Já os bens culturais de natureza imaterial, distinção criada pela UNESCO em 1997, tem por intenção a proteção e reconhecimento das manifestações da cultura popular. Segundo Vianna (2016) o patrimônio imaterial:

[...] é um conceito que foi adotado em muitos países e fóruns internacionais como complementar ao conceito de patrimônio material na formulação e condução de políticas de proteção e salvaguarda dos patrimônios culturais, sob a perspectiva antropológica e relativista de cultura (VIANNA, 2016)⁴.

Desde então, as políticas e os conceitos de preservação foram alcançando notáveis espaços, chegando, finalmente, a concepção de paisagem cultural, inserida no contexto nacional através da Carta de Bagé (também chamada de Carta das Paisagens Culturais e Geoparques), no ano de 2007, e submetida a categoria de patrimônio cultural pelo IPHAN através da Portaria nº127/2009, que instituiu um novo aparato para a proteção desse grupo, chamado *chancela da Paisagem Cultural Brasileira*.

Na busca pela defesa das paisagens culturais em geral, entretanto, com maior enfoque para o território dos Pampas e das paisagens culturais de fronteira, a Carta de Bagé define a paisagem cultural como “o meio natural ao qual o ser humano imprimiu as marcas de suas ações e formas de expressão, resultando em uma soma de todas os testemunhos resultantes da interação do homem com a natureza e, reciprocamente, da natureza com o homem, passíveis de leituras espaciais e temporais” (Carta de Bagé, 2007, p. 2) e ressalta, em seu artigo 3, que essa categoria deve receber as mesmas ações de intervenção e preservação utilizadas nos bens culturais (Carta de Bagé, 2007, p. 3).

Em consonância com a Carta de Bagé, a chancela de Paisagem Cultural Brasileira define a paisagem cultural brasileira como uma “porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (Chancela da Paisagem Cultural, 2009, p. 2), objetivando contribuir para a preservação do patrimônio cultural, juntamente com

⁴Verbete descrito no Dicionário do Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85#:~:text=Patrim%C3%B4nio%20Imaterial%20%C3%A9%20um%20conceito,antropol%C3%B3gica%20e%20relativista%20de%20cultura.>>

os instrumentos já existentes de preservação. Além disso, o registro também propõe um pacto entre o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil, de modos que se gere uma gestão compartilhada desses bens caracterizados como paisagem cultural (Chancela da Paisagem Cultural, 2009, p. 3), utilizando do interesse coletivo para o papel preservador, subtraindo de um único órgão essa incumbência.

De acordo com o exposto, é notável que a questão da preservação e conservação do patrimônio cultural se intensificou ao longo do tempo, todavia, é preciso ponderar o fato do patrimônio urbano em constante evidência, restando ao patrimônio rural o papel coadjuvante. Essa problemática é apontada por Ferreira (2010), ao afirmar que “as paisagens rurais, enquanto um dos principais responsáveis pela formação do território das nações, sobretudo para o Brasil se torna um patrimônio importante a ser preservado, devido ao forte caráter agrário presente desde o início da sua colonização” (FERREIRA, 2010, p. 25).

Contudo, apesar das políticas de preservação existentes, o que acontece ainda nos dias atuais, é que as mesmas ainda não abraçam os ambientes rurais em sua totalidade e atrelada a falta de reconhecimento e valorização da sociedade, continuarão a ocorrer o apagamento das riquezas deixadas nesses espaços pelos nossos antepassados.

Conforme Carvalho (2003):

O património [rural] é estruturante da memória, imagem e identidade dos territórios, constituindo um recurso importante para a afirmação deles e para a auto-estimadas populações, enfim, para o desenvolvimento local. A diversidade e a riqueza patrimonial dos territórios rurais justificam o investimento na sua preservação e valorização. Basta lembrar o papel deles como reservas qualificadas para funções de aprendizagem, fruição e tempo de lazer, além daquelas actividades tradicionais que hoje, renovadas, são ainda viáveis e sobretudo desejáveis (CARVALHO, 2003, p. 192)

Vê-se aqui a necessidade de empregar mecanismos para que esses patrimônios de imensa riqueza cultural não caiam no viés do esquecimento e da destruição. Dessa forma, mostra-se necessário, além de desenvolver políticas de gestão patrimonial contundentes, dar espaço para que a comunidade participe do processo de construção e apoderamento do patrimônio cultural. Pensar em estratégias colaborativas é a maneira mais prática de tornar a patrimonialização um processo mais democrático.

É sob esse contexto que trataremos da educação patrimonial e do turismo cultural no capítulo a seguir.

2 ESTRATÉGIAS PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Diante de todo o processo exposto e do conhecimento adquirido acerca da pluralidade cultural, das memórias e da identidade, se faz válido enxergar na comunidade o auxílio para a efetiva preservação dos bens patrimoniais, já que os mesmos se encontram inseridos na vida cotidiana, sendo dotada de significações coletivas, contribuindo para a perpetuação da memória de uma sociedade. Dentre os mecanismos que podem ser aplicados em conjunto com a sociedade, elencou-se a educação patrimonial e o turismo cultural como artifícios facilitadores na construção da identidade e preservação patrimonial.

2.1 Valorizando o Passado para o Futuro: Educação Patrimonial como meio de Preservação da Identidade e do Patrimônio Histórico.

Enfatizar a importância de preservar o patrimônio histórico para as gerações futuras, ao mesmo tempo que se mostra a necessidade de valorizar o passado, é uma forma de construir uma identidade cultural forte e significativa. Dessa forma, a educação patrimonial surge como uma ferramenta importante nesse processo, uma vez que contribui para a sensibilização da valorização do patrimônio histórico e para a formação de uma consciência crítica em relação à própria história e cultura. Além disso, a educação patrimonial oferece oportunidades para o aprendizado de habilidades práticas, como a conservação e restauração de patrimônios históricos.

Sobre o mérito dado a educação patrimonial, Rocha (2012) explana que:

Dentre as várias iniciativas que visam à promoção do patrimônio, uma das mais difundidas é sem dúvida a Educação Patrimonial. Essa ação tem sido considerada como o ensino focalizado nos bens culturais, e tem como objetivo, proporcionar a comunidade, principalmente às crianças, um contato maior com o patrimônio cultural da sua região. Com ela, busca-se levar crianças e adultos a um processo de conhecimento e valorização do universo sócio-cultural da comunidade, o que acaba por capacitá-los a usufruir, de maneira correta, estes bens. (ROCHA, 2012, p. 5)

Dimenstein (2017) percebe na educação patrimonial, uma forma de recuperação, valorização e ressignificação da memória de uma trajetória já traçada. Em seus escritos, a considera com a fonte vital de atuação capaz de consolidar o conhecimento, coletivo e individualmente, sobre a cultura, memória e identidade de uma nação. Complementa ainda que:

Através de ações voltadas à preservação e compreensão do Patrimônio Cultural, a Educação Patrimonial torna-se um veículo de aproximação, conhecimento, integração e aprendizagem de crianças, jovens, adultos e idosos, objetivando que os mesmos (re)conheçam, (re)valorizem e se (re)apropriem de toda uma herança cultural a eles pertencente, proporcionando aos mesmos uma postura mais crítica e atuante na (re)construção de sua identidade e cidadania. Identidade essa que, cada vez mais, urge por uma atenção especial dos diversos setores da nossa sociedade (DIMENSTEIN, 2017, p. 21-22).

Horta, Grunberg e Monteiro, consideram a educação patrimonial como um instrumento de “alfabetização cultural”, sendo através dela, ser possível fazer uma leitura crítica de mundo e que esse processo interfere, positivamente, na autoestima dos indivíduos e das comunidades, além da valorização da cultura brasileira compreendida como múltipla e plural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

No entanto, a educação patrimonial não deve se restringir apenas ao ambiente escolar. É importante encontrar meios para que ela seja disseminada de forma ampla e contribua efetivamente para a formação dos indivíduos como cidadãos conscientes da importância da preservação do patrimônio, incorporando a valorização os bens culturais em todos os aspectos da vida das pessoas, conforme cita Icher (2008):

O trabalho com o patrimônio não pode ser uma simples acumulação de conhecimentos. Ele deve ajudar à estruturação do tempo e do espaço, a desenvolver a educação dos sentidos e, mais particularmente, a capacidade de ver, a despertar a curiosidade, a partir para a descoberta do outro. Além desses, há objetivos muito ambiciosos, mas estimulantes: tornar o aluno mais responsável, levá-lo a fazer escolhas, propor uma reflexão crítica, apropriar-se do território em que vive...” (2008, p. 158, apud FONSECA, 2012, p. 16)

Para Florêncio (2012) a Educação Patrimonial representa um papel de caráter decisivo na busca do processo de valorização e preservação cultural, indo além da função de

divulgação desses patrimônios. Ainda segundo a autora, a Educação Patrimonial ainda se manifesta como uma “possibilidade de construções de relações efetivas com as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural” (FLORÊNCIO, 2012, p. 12).

Assim, podemos concluir que há diversos meios de se promover a educação patrimonial fora dos muros escolares, através de práticas voltadas para o reconhecimento das riquezas históricas, como o turismo. Ao oferecer à comunidade recursos de reconhecimento, oferece, também, uma excelente ferramenta de conscientização inerente, que faz com que os indivíduos despertem os sentimentos supracitados, que contribuem para a valorização e preservação dos patrimônios.

2.2 Turismo Cultural: Conscientização e Resgate da Memória Coletiva

Neste estudo não abordaremos o histórico do turismo, sendo o foco seu entrelace com a cultura e no seu poder remediador de preservação. Dessa forma, o ator principal desta abordagem passa a ser o Turismo Cultural, que, segundo o Ministério do Turismo, “[...] compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2010, p. 15).

Assim, o turismo cultural pode ser visto como um momento de troca de culturas, histórias e experiências, e quando realizado de maneira estratégica, pode beneficiar o local onde os bens a serem visitados estão inseridos. Nesse tocante, Brusadin (2009) ressalta que:

O turismo cultural empregado com o devido planejamento permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação de fontes. Permite, ainda, que muitos membros dessa comunidade adquiram, pela primeira vez, consciência do papel que sua cidade representou em determinado cenário e em determinada época. (BRUSADIN, 2009, p. 7)

No entanto, é necessário ter uma visão sensível e consciente sobre o turismo cultural, para que ele não perca sua função auxiliar de resgate histórico e não se torne meramente

explorado sob a ótica econômica. Conforme alerta o autor, usar das memórias coletivas e vivências, dos grandes feitos e da história das minorias deve ser a maneira primordial de aplicação ao turismo (BRUSADIN, 2009, p. 7), evitando sempre que possível, tratá-lo como mero objeto de consumo turístico, sem respeitar as características e particularidades locais. A valorização do patrimônio deve estar em sintonia com a preservação da identidade cultural e histórica da comunidade, garantindo a perpetuação a sua perpetuação para as gerações futuras.

Quando bem planejado e aliado à educação patrimonial, pode desempenhar um papel fundamental na valorização do patrimônio cultural de uma comunidade. Além de fomentar o desenvolvimento econômico local, a inserção desses espaços em rotas turísticas pode ser uma forma de despertar o interesse da própria comunidade em suas histórias e patrimônios, estimulando a valorização e preservação desses bens.

Ao mesmo tempo, ao receber visitantes de outras regiões, esses espaços tornam-se fontes de intercâmbio cultural, possibilitando o diálogo e a troca de experiências entre diferentes culturas. Dessa forma, o turismo cultural pode contribuir para a formação de uma consciência coletiva em relação importância do patrimônio cultural e histórico, promovendo a identidade e a memória cultural das comunidades locais.

3 TRAÇANDO A HISTÓRIA DA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA: UM OLHAR SOBRE SUAS CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E TERRITORIAIS

A microrregião de Catolé do Rocha, localizada na mesorregião do sertão paraibano é composta por onze municípios: Belém do Brejo do Cruz, Bom Sucesso, Brejo do Cruz, Brejo dos Santos, Catolé do Rocha, Jericó, Lagoa, Mato Grosso, Riacho dos Cavalos, São Bento, São José do Brejo do Cruz, ganhando destaque nesta pesquisa, os municípios de Catolé do Rocha, Brejo do Cruz e Belém do Brejo do Cruz.

Todavia, para uma compreensão mais completa desse território, é fundamental aprofundarmos nosso conhecimento no processo de formação social do espaço sertanejo. Nesse sentido, a análise da historiografia sobre os sertões é um ponto de partida crucial, pois nos permite entender a evolução histórica desse espaço e as suas particularidades culturais. Além disso, o estudo da produção referente à interiorização e ocupação do espaço rural é imprescindível para compreendermos as dinâmicas sociais e econômicas que moldaram essa região. Desse modo, poderemos alcançar uma compreensão mais abrangente do contexto espacial e da paisagem cultural sertaneja.

Para Arruda (1999, p. 124), a noção de sertão é utilizada em diversos discursos para designar realidades geográficas distintas. Tradicionalmente considerado o oposto da civilização, esse conceito foi frequentemente utilizado para justificar projetos de (re)ocupação dos territórios interiores do país, e acabou se tornando um recurso importante na construção da identidade nacional.

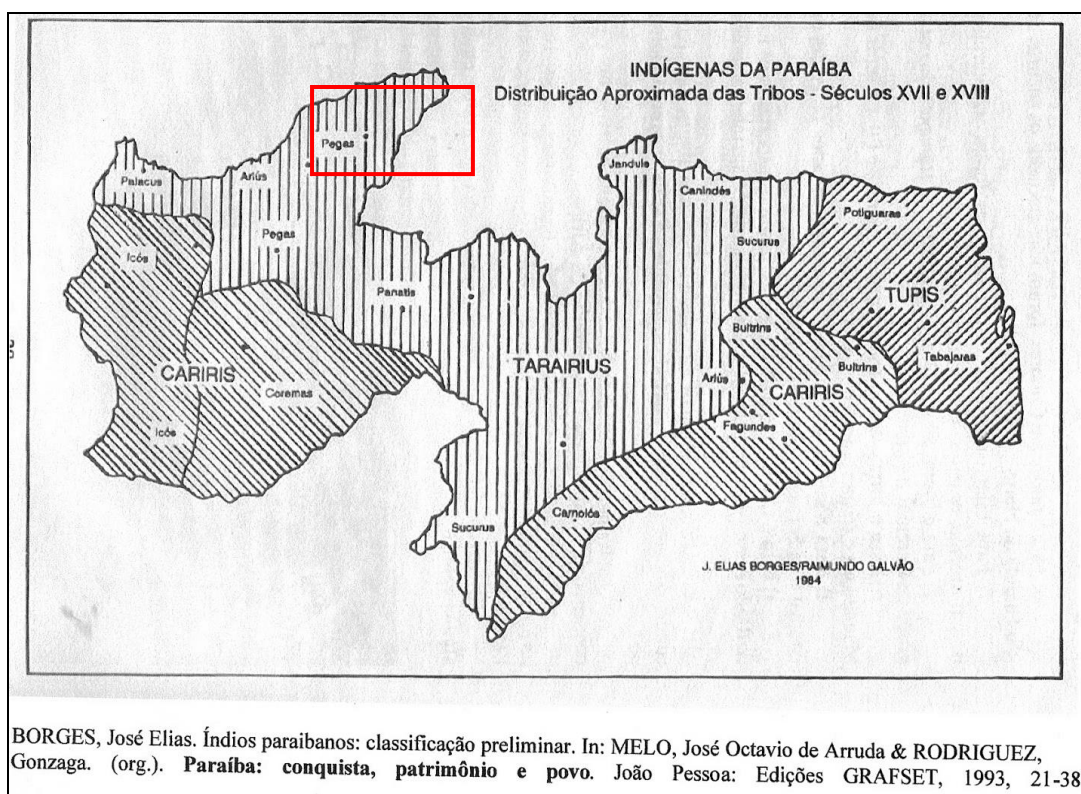
Christiane Sarmiento (2007), destaca em seu trabalho um episódio histórico marcante: as entradas nos "sertões" após a conquista do Maranhão em 1615. Diante das impossibilidades do transporte marítimo, foi necessária a abertura de caminhos por terra que ligassem a sede da administração colonial, anteriormente situada em Salvador, à capitania do Maranhão (SARMENTO, 2007, p. 35).

No entanto, esse processo não ocorreu de maneira pacífica, mas sim através de guerras de extermínio contra os habitantes da região, acompanhado do povoamento por meio das fazendas de gado e da fundação de núcleos urbanos. É importante ressaltar que, na busca por

proteger e consolidar a nova rota que se abria, o sertão da Paraíba, embora não diretamente ligado àquela região, fazia parte do projeto de colonização.

A autora aborda diversas motivações para o avanço da conquista, incluindo aspectos econômicos, tais como a busca por metais preciosos e o uso de mão de obra indígena nas colônias. Durante os séculos XVII e XVIII, diferentes grupos indígenas povoavam o território paraibano, como os Cariris, Tarairius, Tupis, Pegas e Tabajaras. Em particular, os Pegas merecem destaque por ocuparem a região que posteriormente se tornou a Vila de Catolé do Rocha, conforme ilustrado na imagem (Figura 3).

Figura 3 - Distribuição Aproximada das Tribos Indígenas da Paraíba.



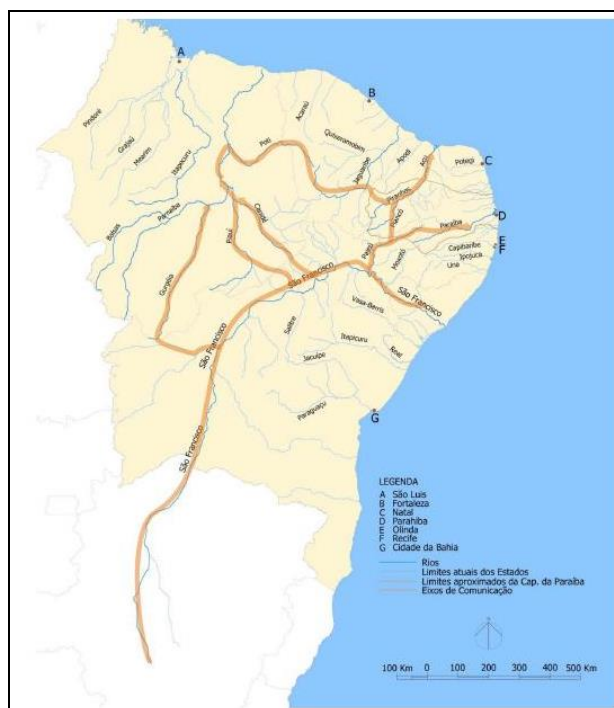
Fonte: Sousa (2018)

Embora tenham ocorrido diversos movimentos que contribuíram para o processo de interiorização do sertão paraibano, a pecuária se destacou como o principal impulsionador, uma vez que a atividade pecuarista estimulou o estabelecimento de fazendas e currais de gado ao longo das ribeiras, conforme destacado por Formiga (FORMIGA, 2014, p. 18). De acordo com a autora, as ribeiras de Piranhas e Piancó foram os pontos de apoio fundamentais para os indivíduos que se aventuraram a adentrar o sertão da Paraíba. Essa conquista possibilitou o

Ainda segundo a autora, no século XVIII, a Capitania da Paraíba era dividida em dois sistemas fiscais: um fiscalizado pelas freguesias, que incluía fazendas e engenhos, e outro relacionado às ribeiras, cuja arrecadação era proveniente principalmente do gado, especialmente nas ribeiras interiorizadas (DINIZ, 2013, p. 96).

Sousa (2018, p. 47) aponta que as regiões de Piancó e Piranhas foram onde surgiram as primeiras freguesias do sertão. Primeiro a de Pombal, que surgiu como arraial, posteriormente elevada a vila, e a partir daí deu origem a outras freguesias próximas, como Patos, Sousa, Piancó e Catolé do Rocha.

Figura 5 – Principais ribeiras que levaram a ocupação das capitanias do atual Nordeste



Fonte: Sousa (2018)

Conforme a autora, as expedições em busca da conquista do espaço sertanejo, seja para obter riquezas ou para a criação de gado, estavam intrinsecamente relacionadas aos interesses da Coroa Portuguesa, como evidenciado pela concessão de doações de sesmarias aos vassallos em recompensa pelos serviços prestados durante a conquista. Embora essas empreitadas fossem financiadas pelos próprios conquistadores, a conquista de novos territórios na região do sertão além de contribuir para a consolidação de expansão territorial do país, contribuiu para o desenvolvimento do sistema econômico português, uma vez que permitiu o aumento da produção de gado e a exploração de recursos naturais, o que por sua vez, gerou novas fontes de renda para a coroa (SOUSA, 2018, p. 69).

Sousa cita que o primeiro requerimento de datas de terras no sertão foi feito em 17 de novembro de 1699, pelo alferes Custódio Alves Martins. Dizendo-se morador de Pernambuco, desejava povoar terras no sertão que, segundo ele, nunca tinham sido ocupadas por gente branca. Ao ser informado pelos moradores daquela região que as terras pertenciam à jurisdição do governo da capitania, requereu quatro léguas confrontadas para regularizar o uso da terra que já ocupava havia mais de três anos. Essa tática era comum e se mostrou uma estratégia eficaz para garantir a doação de terras, já que utilizavam argumentos de que a terra já havia se tornado produtiva. A pecuária era uma das justificativas mais frequentes utilizadas nos pedidos (SOUSA, 2018, p. 73).

O processo de doação de terras no sertão não seguiu uniformemente as regulamentações estabelecidas pelo rei, como apontado por Sousa em sua análise (SOUSA, 2018, p. 76). Além disso, a autora também observou que havia uma variedade de requerentes vindos de diferentes regiões, incluindo Paraíba, Pernambuco e Bahia, além dos já estabelecidos na região que solicitavam novas datas de terra. Também é importante mencionar a presença constante dos membros da família Garcia d'Ávila, proprietários de grandes extensões de terra no interior da Capitania da Paraíba e pioneiros na conquista dos sertões do Norte. Eles foram considerados grandes bandeirantes, iniciando o avanço sobre o sertão por volta de 1665 (SOUSA, 2018, p. 78).

O poderio econômico da família Garcia d'Ávila, proprietária de vastas extensões de terra no interior da Capitania da Paraíba, era tão grande que se tornou inviável sua presença em cada território. Por isso, eles nomearam procuradores para representá-los nas localidades onde possuíam propriedades, sendo Teodósio de Oliveira Ledo o procurador na Paraíba (p.79). Esses procuradores, que se tornaram importantes fazendeiros, desempenharam um papel fundamental na expansão da colonização, possibilitando o desenvolvimento de atividades econômicas e a produção de riquezas, o que aumentou o patrimônio dos Ávila (SOUSA, 2018, p.79).

A partir da nomeação de procuradores para representá-los em suas vastas posses de terras, surgiram as grandes fazendas da região. Foi através desses grandes proprietários que emergiu um importante nome para a historiografia local: Francisco da Rocha Oliveira, descendente das famílias Oliveira Ledo e Rocha Pita. Segundo relatos de Celso Mariz (1956, p. 9-10), em meados de 1754, ele se estabeleceu em um dos sítios de Catolé, onde ergueu a Capela de Nossa Senhora dos Remédios, contribuindo para o surgimento de um aglomerado

populacional na região. Foi assim que se originou o nome “Catolé do Rocha”, que se refere à abundância desse tipo de palmeira na localidade, associada ao sobrenome Rocha, que remete à linhagem de Francisco da Rocha Oliveira (TERUYA, 1995, p. 104).

Além desses, Teruya destaca o estabelecimento da Família Maia, que é o foco de seu trabalho, como pioneiros da região. Eles chegaram no mesmo período que Francisco da Rocha Oliveira e participaram das atividades pecuaristas locais, tendo suas propriedades localizadas em Catolé do Rocha e Brejo do Cruz (TERUYA, 1995, p. 104).

Até então, Catolé ainda era considerado como povoado, sendo categorizado como sede de município em 26 de março de 1835, através do Decreto nº 5, sob o nome de Vila Federal de Catolé do Rocha (MEDEIROS, 1950, p. 74). Os limites municipais foram estabelecidos em 14 de março de 1836, através do Decreto nº 8 (MARIZ, 1956, p. 5), ano também da criação de uma agência dos Correios.

Anos depois, em 1850, a população do município (incluindo os povoados de Belém, Brejo do Cruz e Caipóras, que atualmente é chamada de Jericó) já contava com 7.243 indivíduos, sendo 6.135 pessoas livres e 1.108 escravos (MEDEIROS, 1950, p. 6), sendo, inclusive, um dos municípios paraibanos de maior introdução negreira (MEDEIROS, 1950, p. 15). A economia, até 1860, era baseada na criação de gado e na lavoura, sendo as principais o cultivo de cana-de-açúcar, mandioca, milho e feijão. O algodão desponta na metade do século XIX, passando a ser o principal produto.

Em 1881, Catolé do Rocha perde a área pertencente a Brejo do Cruz, através de uma comarca criada em 1879, que ganha, no ano de 1883, sua autonomia civil. Nesse período, os vislumbres da modernidade começam a surgir. Em 1886, foi construída a cadeia local, pela Câmara Municipal, sendo concluída em 1889. Anos mais tarde, em 1920, os engenhos começaram a extinguir as moendas de madeira, adotando maquinários de ferro, conduzidos à força mecânica, sendo a luz elétrica inaugurada em 1934.

No ano seguinte, a Vila Federal de Catolé do Rocha passou à categoria de cidade, através do decreto nº 638, de 21 de janeiro de 1935, por decreto do interventor interino dr. José Mariz (MARIZ, 1956, p. 31). Já a cidade de Belém do Brejo do Cruz veio a receber essa denominação e categorização, a partir de 22 de dezembro de 1961, pela lei estadual nº 2.674, quando foi então desmembrado de Brejo do Cruz (IBGE, 2023).

Não há como construir a historicidade local sem abordar o poderio econômico. E dentro dos períodos supracitados, as propriedades rurais já empunhavam notoriedade. No decorrer de seu estudo, no capítulo sobre a economia local, Celso Mariz destaca a Fazenda Dois Riachos, Fazenda Cabeços e três sítios, dentre eles, o de Sérgio Maia, como “propriedades de campos próprios á criação de gado, várzeas frêscas de culturas, tendo açudes e engenhos de ferro para o fabrico de rapadura” (MARIZ, 1940, p. 26) e avaliadas em maior quantia que edificações urbanas, como a Cadeia, o Açougue, o Paço Municipal e Fórum.

Além destas, buscando entender a relação de poder e domínio da Família Maia na região, Marisa Teruya aponta as principais propriedades dessa linhagem, sendo algumas vindas desde os tempos coloniais. Dentre elas se destacam a Fazenda Curralinho, Fazenda Bom Jesus da Cachoeira e a Fazenda Santa Idalina (TERUYA, 1995, p. 89).

Neste contexto, é possível perceber a ligação entre a consolidação da região e as propriedades rurais - que serão examinadas mais detalhadamente no capítulo a seguir - e a importância de considerá-las como patrimônio cultural. Assim como os municípios em que estão situadas, essas propriedades possuem as marcas de um período vivido, que não apenas moldaram a paisagem física e estrutural da região, mas também se relacionam com a memória daqueles que testemunharam esses momentos e servirão de memórias vivas para os que vivem no tempo presente.

3.1 Propriedades Rurais como Patrimônio Cultural: Um Resgate Histórico das Características Arquitetônicas do Passado

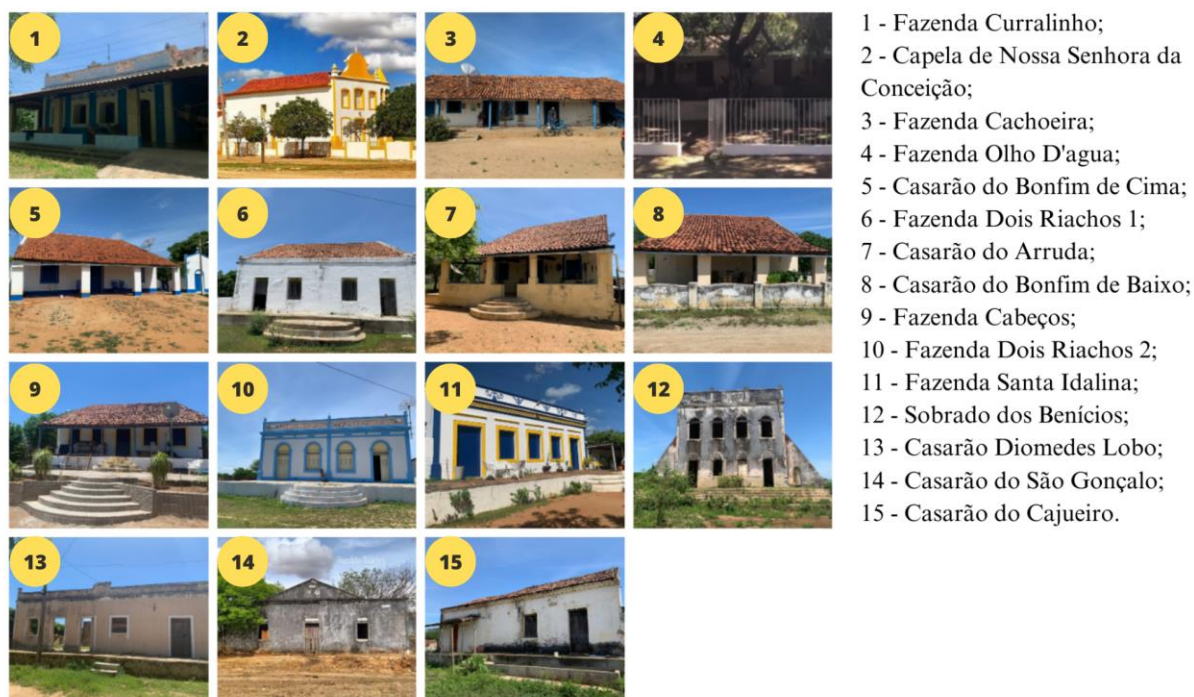
Conforme mencionado anteriormente, o escopo desta pesquisa delimita-se a uma fração da microrregião da microrregião de Catolé do Rocha, centrada no município de mesmo nome, e englobando ainda os municípios de Brejo do Cruz e Belém do Brejo do Cruz, em virtude de suas vinculações geográficas à Catolé do Rocha no período considerado para o estudo. Com o propósito de selecionar as propriedades que fariam parte do nosso estudo, estabelecemos três critérios de seleção.

O primeiro critério foi o recorte temporal, no qual escolhemos edificações construídas entre os séculos XVIII e XIX, período que marcou a consolidação da região. O segundo

critério foi a diversidade de usos e de estados de preservação e conservação. Considerando que o guia servirá como instrumento de educação patrimonial, optamos por selecionar diferentes tipos de edificações e condições de conservação, a fim de estimular a reflexão acerca do porquê de algumas propriedades serem melhores conservadas que outras. Por fim, o terceiro critério foi a localização das propriedades, que deveriam permitir a criação de um passeio histórico. Para tanto, selecionamos construções próximas umas das outras, que pudessem ser visitadas em um mesmo dia.

Com base nesses critérios, foram escolhidas 15 (quinze) propriedades (Figura 6) para a presente investigação.

Figura 6 – Propriedades selecionadas para elaboração do inventário.



Fonte: Autora (2023).

As visitas e entrevistas foram realizadas com a colaboração do guia local, conhecido popularmente como Ronildo Txarles, nos dias 11 e 12 de fevereiro, com o objetivo de reduzir o tempo de visitação ao máximo possível e verificar a possibilidade de realização em um único dia. Essa estratégia demonstrou-se bem sucedida, confirmando a boa escolha das propriedades inventariadas. No mapa (Figura 7), as edificações que foram visitadas encontram-se destacadas em amarelo no primeiro dia e em vermelho no segundo dia, para fins de clareza e organização.

Figura 7 - Mapa das edificações inventariadas.

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

A realização de entrevistas se justifica pelo fato de se tratar de uma ferramenta de pesquisa essencial, que desempenha um papel fundamental nos estudos científicos. Por meio dela, é possível obter informações de diferentes indivíduos e de tópicos diversos de maneira instantânea. Nesse contexto, as entrevistas foram fundamentais para a obtenção de informações relevantes sobre as características histórico-arquitetônicas das propriedades inventariadas, bem como para a compreensão de práticas culturais e sociais associadas a elas.

Moreira (2002, p. 54), define entrevista como “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente” que podem ser classificadas em: estruturadas, não estruturadas ou semiestruturadas. Neste estudo, optou-se pela utilização da entrevista semiestruturada. Esse modelo de entrevista consiste em perguntas pré-determinadas, que possibilitam ao entrevistado responder com maior autonomia. Além disso, a partir das respostas obtidas, é possível ajustar o roteiro das perguntas no decorrer da conversa, adicionando novas questões e adaptações quando necessário.

Assim, as perguntas foram elaboradas com o propósito de compreender a relação do entrevistado com a propriedade e com a edificação em si, bem como explorar as memórias afetivas e históricas que ainda se preservam, e investigar como se dá a questão da conservação e preservação desses patrimônios. Ademais, procuramos obter informações que não foram encontradas durante as pesquisas bibliográficas e que pudessem auxiliar na construção das fichas de inventário, além de buscar possíveis objeções para futuras visitas.

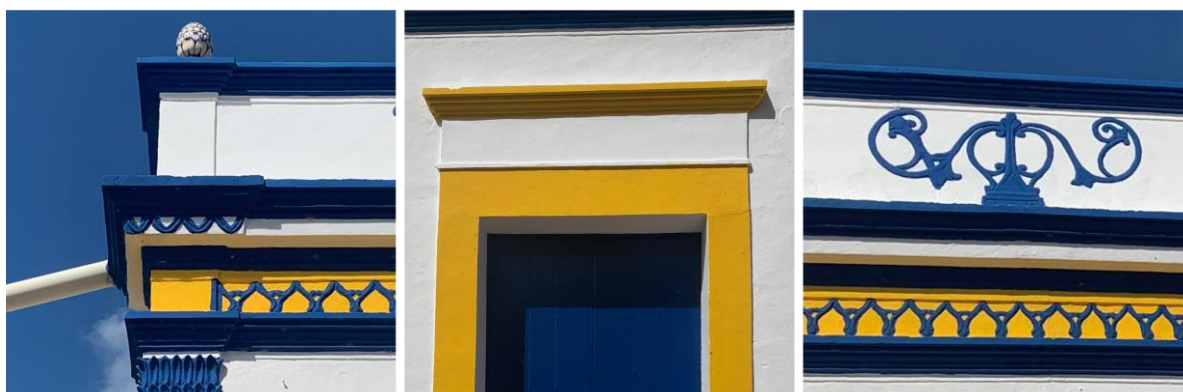
Das propriedades selecionadas para inventariação, constatamos que apenas cinco contavam com residentes no momento da visita. Positivamente, todos eles mostraram-se dispostos a responder às perguntas e a compartilhar informações específicas, evidenciando grande receptividade em apresentar as construções e em receber futuros visitantes para narrar mais sobre suas histórias, assim como as histórias das propriedades da região. O modelo da entrevista que utilizamos para essa investigação podemos ver no Apêndice B.

No primeiro dia de visita, as propriedades foram visitadas em uma ordem pré-definida pelos percursos: Fazenda Santa Idalina, Fazenda Olho D'Agua, Fazenda Cabeços, Capela

Nossa Senhora da Conceição e, por último, o Casarão Diomedes de Lobo⁵. A Fazenda Santa Idalina, que foi a primeira propriedade visitada, imediatamente chamou a atenção com suas cores vibrantes, detalhes estéticos cuidadosamente trabalhados e aparentando um bom estado de conservação, como ilustrado na

Figura 8.

Figura 8 – Elementos estéticos encontrados na fachada.



Fonte: Autora (2023).

A fachada, com pintura em branco, azul e amarelo - cores que se repetiram em outras edificações visitadas - não apresenta um alpendre, possivelmente devido à proibição desse tipo de construção pelo código de postura municipal até o ano de 1844, conforme relatos orais. Na imagem abaixo (Figura 9), podemos constatar que não foram realizadas mudanças na fachada da edificação.

⁵ Não foi possível identificar um nome específico para a edificação em questão. Portanto, em nosso trabalho, optamos por denominá-la de Casarão de Diomedes Lobo, devido à presença de uma inscrição com o nome "Diomedes Lobo" em sua platibanda.

Figura 9 - Antiga fotografia da casa de morada da Fazenda Santa Idalina.



Fonte: Teruya (1995).

Infelizmente, não foi possível adentrar na casa de morada durante a visita, pois não havia ninguém presente. No entanto, pudemos explorar os espaços posteriores da propriedade e visitar o engenho, que é um dos mais antigos ainda em atividade no estado da Paraíba, e costuma abrir no segundo semestre do ano para a fabricação das iguarias.

Embora os blocos do engenho não apresentem ornamentos estéticos ou cores vibrantes como a edificação principal, eles ainda impressionam com suas espessas paredes, antigos e grandes maquinários usados para moer a cana-de-açúcar, além das tesouras *canga-de-porco* (Figura 10).

Figura 10 - Elementos característicos do engenho Santa Idalina.



Fonte: Autora (2023).

Descendo para a casa de caldeiras, localizada em um nível mais baixo para facilitar o escoamento do caldo de cana, pudemos observar as fornalhas, tachos e formas utilizados na produção das rapaduras (Figura 11), que recentemente se tornaram um dos produtos inovadores do engenho com as minis rapaduras, criadas para conquistar novos mercados.

Figura 11 - Elementos encontrados na casa das caldeiras.



Fonte: Autora (2023).

Foi possível avistar outros espaços na propriedade, como possíveis depósitos e um curral situado mais distante da edificação principal. Infelizmente, devido à densa vegetação que cresce abundantemente nesta época do ano na região, por conta das chuvas, não foi possível explorá-los durante a visita.

A segunda propriedade visitada foi a Fazenda Olho D'Água. Nela, fomos recebidos pelo proprietário, Sr. José Otávio Maia de Vasconcelos, conhecido popularmente como Zezito Maia. De grande simpatia e muitas histórias, o Sr. Zezito nos mostrou todos os detalhes de sua residência, que conforme relatado por ele, segue o mesmo modelo da casa de morada da Fazenda Santa Idalina, e a capela, que terminou de ser construída recentemente, e tem sua

cobertura inspirada na Capela de Nossa Senhora da Conceição. O alpendre, palco de nossa entrevista, foi construído posteriormente por seu pai. Na imagem abaixo (Figura 12), podemos perceber a fachada da casa de morada, à direita, antes da construção do alpendre.

Figura 12 – Casa de morada, armazéns, engenho e alambique.



Fonte: Teruya (1995).

O Sr. Zezito nos revelou que a atual casa de morada foi construída após a demolição de um sobrado de taipa, erguido pelo capitão-mor de Pombal, Francisco de Arruda Câmara, em 1783. Além de belas memórias, a propriedade possui um grande acervo de objetos adquiridos em suas viagens.

Figura 13 - Objetos e esculturas adquiridos em viagens.



Fonte: Autora (2023).

Essa propriedade é de grande importância para a região, pois foi responsável por instalar o primeiro sistema de irrigação do sertão paraibano, em 1932. Além disso, já recebeu importantes figuras políticas, como os ex-presidentes Getúlio Vargas, Ernesto Geisel e Café Filho. Atualmente, além da produção de azeitonas pretas, é uma referência na produção de criação de zebuínos. São 19 (dezenove) depósitos, um galpão com oficina, curral e estábulos,

além do alambique e engenho que, segundo relatos informais, está muito bem conservado. A propriedade também possui um Parque de Vaquejadas chamado José Sérgio Maia.

Durante a visita, a terceira propriedade que exploramos foi a Fazenda Cabeços. Segundo relatos orais, a data de construção da casa de morada ainda é desconhecida. A propriedade ficou vazia até que o Coronel Maia a adquirisse em 1877, após um longo período de seca na região

Figura 14 - Antiga fotografia da casa de morada da Fazenda Cabeços.



Fonte: Autora (2023).

Aparentemente, a fazenda está passando por reformas, como a pintura em cores semelhantes às encontradas na Fazenda Santa Idalina, a inserção de bloco de vidros nas janelas e de uma escadaria frontal (Figura 15).

Figura 15 - Modificações realizadas na Fazenda Cabeços.



Fonte: Autora (2023).

Infelizmente, não encontramos ninguém disponível para nos mostrar o interior da casa e, portanto, não pudemos avaliar o estado de conservação. No entanto, tivemos a oportunidade de explorar a parte de trás da propriedade, onde se encontra uma moenda a vapor que remanesce do antigo engenho (Figura 16).

Figura 16 - Antiga moenda encontrada na Fazenda Cabeços.



Fonte: Autora (2023).

As últimas visitas que realizados no dia 11 de fevereiro foram à Capela de Nossa Senhora da Conceição e ao Casarão Diomedes Lobo, que estão localizados próximos um do outro. A capela estava fechada no momento em que chegamos, mas uma senhora residente nas proximidades, que ajuda a cuidar da capela, gentilmente nos permitiu entrar.

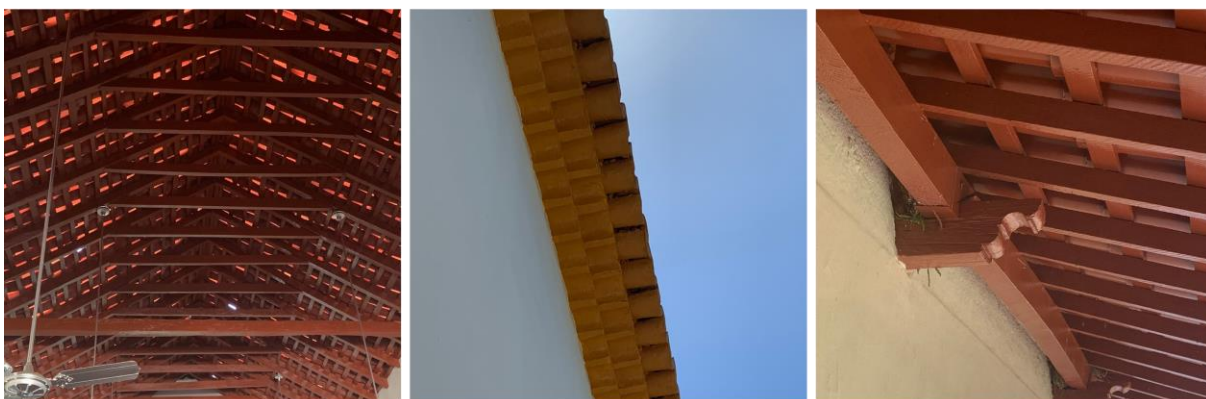
A autoria da construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição ainda é desconhecida, e a senhora que nos recebeu não pôde fornecer muitas informações a respeito. No entanto, ela nos informou sobre a recente pintura da capela, que é mantida com o apoio dos fiéis. Além disso, foi relatado que os tijolos utilizados na sua construção possuem um peso aproximado de 14 (catorze) quilos.

Alguns relatos orais sugerem que a capela pode ter sido construída pelos jesuítas devido ao seu estilo arquitetônico. No entanto, outras fontes afirmam que a capela já estava construída quando foi encontrada em meio às quixabeiras durante o período de colonização da região. Durante a nossa entrevista com o Sr. Zezito, proprietário da Fazenda Olho D'Água, ele nos informou que em uma de suas viagens ao exterior, conseguiu algumas informações sobre

a origem da capela. Ele planeja incluir essas informações em seu livro, que ainda não tem data de publicação, mas afirmou que ela é datada do século XVII.

A capela possui alguns detalhes arquitetônicos interessantes. Além da platibanda com recortes sinuosos, sua cobertura apresenta tesoura *cangas-de-porco*, *beira-seveira* e *cachorros* (Figura 17).

Figura 17 - Detalhes da arquitetura colonial encontrados na Capela N. Sra. da Conceição.



Fonte: Autora (2023).

Além da sua beleza notável, a capela de Nossa Senhora da Conceição apresenta alguns elementos intrigantes, como um orifício cuja função ainda não foi determinada, e o jazigo da Família Lobo, que guarda os restos mortais de José Lobo e Felícia Maia (Figura 18).

Figura 18 - Elementos encontrados na Capela N. Sra. da Conceição.



Fonte: Autora (2023).

Sobre o Casarão Diomedes Lobo, embora não haja registros da construção em si, na fachada encontram-se inscrições com o nome “Diomedes Lobo”, e a data 3.12.57. Um fato de importante destaque é que Diomedes Lobo, filho de Francisco Lobo Maia, restaurou uma

edificação semelhante em meados de 1880, e também colocou inscrições na platibanda (Figura 19).

Figura 19 - Semelhanças entre as edificações "Diomedes Lobo".



Fonte: Foto 1 e 2: Autora (2023). Foto 3: Ronildo Txarles (2022).

No segundo dia da nossa viagem, seguimos uma ordem definida para visitar as demais propriedades elencadas na região. Começamos pela Fazenda Cachoeira, situada no município de Brejo do Cruz. Esta é uma das casas mais antigas da área e tem uma arquitetura simples, com cores brancas e detalhes azuis. Na fachada, há uma pintura de Nossa Senhora Aparecida (Figura 20) que chama a atenção. Originalmente, toda a construção era feita de taipa, mas, ao longo dos anos, as paredes externas foram substituídas por tijolos, enquanto as paredes internas permaneceram de taipa, conforme relato do guia local.

Figura 20 - Dona Chica e a pintura de Nossa Senhora Aparecida na fachada.



Fonte: Autora (2023).

A propriedade tem muitas histórias interessantes. Foi nesta casa que nasceu, em 1886, João Agripino de Vasconcellos Maia, um importante político da região e do estado da Paraíba. Seus restos mortais, assim como os de sua esposa, Angelina Marques da Silva Mariz, e de seu filho, João Agripino Filho, estão enterrados no local onde costumava ser seu quarto (Figura 21).

Figura 21 - Túmulo e objetos de João Agripino e família.



Fonte: Autora (2023).

Dona Chica, a atual cuidadora da fazenda, nos recebeu com grande afeto e compartilhou conosco algumas histórias. Assim como seu pai, que viveu até os 100 anos de idade, ela nasceu e cresceu na propriedade e nunca deixou o local. Dentre suas histórias, Dona Chica sempre enfatizava que João Agripino era conhecido por sua generosidade com os menos favorecidos e que sua presença na fazenda era uma alegria para todos.

Figura 22 - Interior da casa de morada da Fazenda Cachoeira.



Fonte: Autora (2023).

Atualmente, a fazenda é um local de visitação para muitas pessoas, especialmente de Natal e João Pessoa, que vêm para conhecer a história da propriedade e prestar homenagem   memória de João Agripino.

Após visitarmos a Fazenda Cachoeira, seguimos em busca dos Casarões do Bonfim de Cima e do Bonfim de Baixo, situados próximos um do outro. Infelizmente, não havia ninguém presente no momento em que visitamos o Bonfim de Cima, impossibilitando-nos de conhecer o interior da casa.

A construção, assim como a maioria das edificações da região, apresenta poucos detalhes estéticos, sendo predominante as cores branco e azul. Observamos algumas marcas de reforma, sinais de reforma, como tijolos e uma nova construção ainda inacabada (Figura 23), que será utilizada como espaço para festas em encontros familiares, conforme nos relatou a Sra. Janicleide, na visita ao Casarão do Bonfim de Baixo.

Figura 23 - Materiais de construção e obra inacabada.



Fonte: Autora (2023).

Segundo Diniz (2013), durante uma reforma realizada em 1992, uma telha datada de 1832 foi encontrada, o que sugere que a casa tenha sido construída nesta época. Ao lado da casa de morada, há uma capela aparentemente bem preservada, mas não foi possível determinar se foi construída simultaneamente à casa ou posteriormente. A presença de piso cerâmico sugere que a capela tenha passado por reformas ao longo do tempo (Figura 24).

Figura 24 - Capela encontrada no Casarão Bonfim de Cima.



Fonte: Autora (2023).

Ao explorar a propriedade, encontramos contrafortes e móveis antigos na fachada posterior, possíveis vestígios do passado da casa (Figura 25).

Figura 25 - Elementos encontrados na fachada posterior.



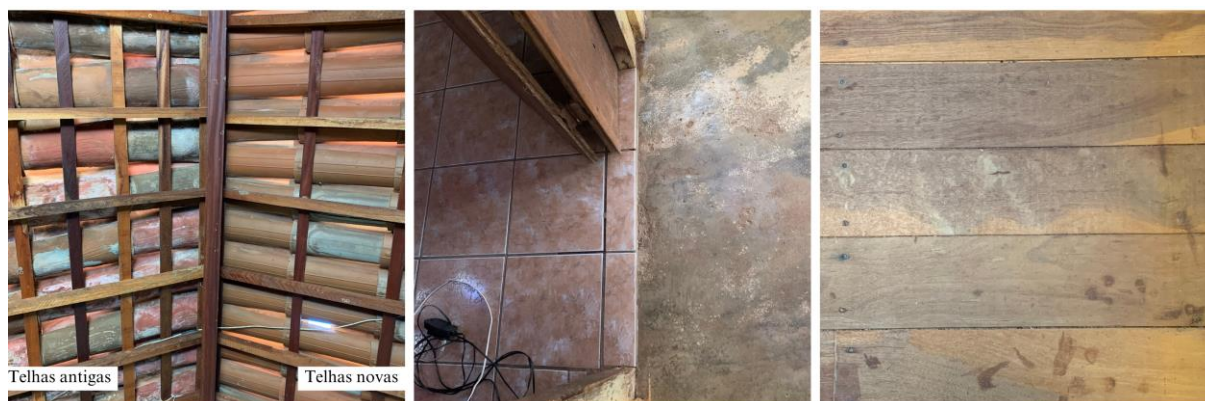
Fonte: Autora (2023).

Durante a visita ao Casarão do Bonfim de Baixo, tivemos a oportunidade de conhecer a Sra. Janicleide e sua família, que nos receberam com muita simpatia e compartilharam conosco algumas histórias da região. Além das lendas das botijas de ouro, ela também nos falou sobre as outras propriedades que visitamos e ainda iríamos visitar.

A arquitetura da casa de morada segue o padrão simplificado das outras que já tínhamos visto e a Sra. Janicleide nos mostrou com muito orgulho todo o interior, que está muito bem preservado. Com uma datação que remonta à 1878, a casa de morada sofreu

poucas alterações ao longo dos anos, incluindo a substituição de algumas telhas, a troca do piso de alguns cômodos por cerâmica, a manutenção da madeira do piso (Figura 26) e da escada que leva ao sótão e a inserção de grades de segurança na entrada principal da casa.

Figura 26 - Modificações realizadas no casarão do Bonfim de Cima.



Fonte: Autora (2023).

Foi perceptível o grande apreço que a Sra. Janicleide e sua família têm pela propriedade. Como prova disso, ela compartilhou conosco que fazem de tudo para manter as propriedades em posse da família. Quando descobrem que alguma propriedade está à venda, tentam adquiri-la para preservar suas características originais. Esse esforço para manter as propriedades nas mãos da família é uma atitude importante para a preservação do patrimônio histórico e cultural local.

Continuamos o itinerário até alcançar o Sobrado, uma das construções mais emblemáticas da região e considerado um dos marcos fundadores da cidade de Belém do Brejo do Cruz, juntamente com a Igreja Matriz. Finalmente, chegamos a um ponto na estrada onde foi mais fácil encontrar as propriedades, como o Sobrado e as Fazendas Dois Riachos 1 e 2, graças às placas de sinalização que indicavam suas localizações. Essa foi uma novidade, visto que até então não havíamos encontrado placas de sinalização em outros locais que visitamos.

De acordo com fontes informais, o Sobrado foi palco de diversas celebrações e erigido por holandeses provenientes de Pernambuco, que fizeram uso de trabalho escravo para sua construção, em meados do século XIX, com uma idade aproximada entre 150 e 200 anos. De longe, o Sobrado já impressiona pela sua imponência, mesmo que as marcas do tempo e do abandono sejam evidentes. Com dois pavimentos e um sótão, é uma raridade para a época em que foi construído. Os grandes contrafortes em suas laterais, detalhes em arcos nos vãos das

esquadrias e belos detalhes em sua platibanda (Figura 27) conferem ao Sobrado um ar majestoso.

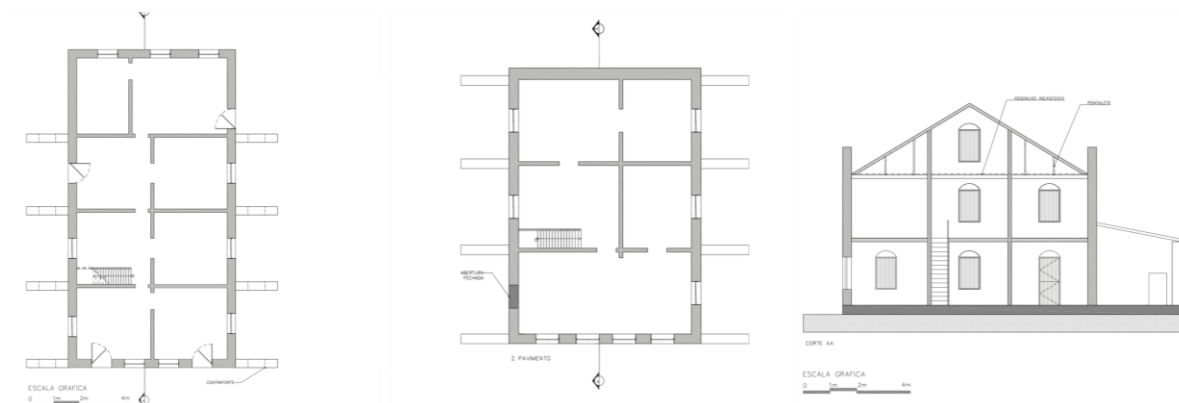
Figura 27 - Detalhes do Sobrado.



Fonte: Autora (2023).

Lamentavelmente, devido à considerável presença de abelhas e à densa vegetação existente, foi inviável a exploração do interior da edificação. Entretanto, graças ao levantamento concretizado por Diniz (2013), foi possível obter uma percepção das suas particularidades internas (Figura 28).

Figura 28 - Planta do Sobrado.



Fonte: Diniz (2013).

É indubitável que a atual situação de abandono do Sobrado, construção notória e de grande relevância para a história da região, é deplorável. Desse modo, a preservação desse patrimônio se torna imprescindível para a salvaguarda da história e cultura local.

Ao prosseguirmos na busca pelas Fazendas Dois Riachos, o guia nos relatou que elas foram assim nomeadas devido à presença do riacho que as separa. Nossa primeira visita foi à

Fazenda Dois Riachos 1, onde fomos cordialmente recebidos pelos zeladores da propriedade, a Sra. Dalva e seu marido.

Inicialmente, fomos apresentados à humilde moradia onde o casal reside, a qual apresenta diversas recordações dispostas em suas paredes (Figura 29). Após uma agradável conversa, na qual a Sra. Dalva compartilhou conosco histórias fascinantes acerca da antiga residência, do período em que sua mãe cuidava da propriedade e de sua afinidade com a região, fomos conduzidos para visitar a casa de morada da fazenda, que necessita de reformas para que o casal possa habitá-la novamente.

Figura 29 - Residência dos cuidadores.



Fonte: Autora (2023).

Ao adentrarmos a edificação, pudemos constatar a necessidade de alguns reparos, sobretudo nas esquadrias e no piso de madeira do sótão (Figura 30), que apresentam sinais de desgaste e quebraduras. Entretanto, apesar dessas deficiências, pudemos admirar a beleza da construção.

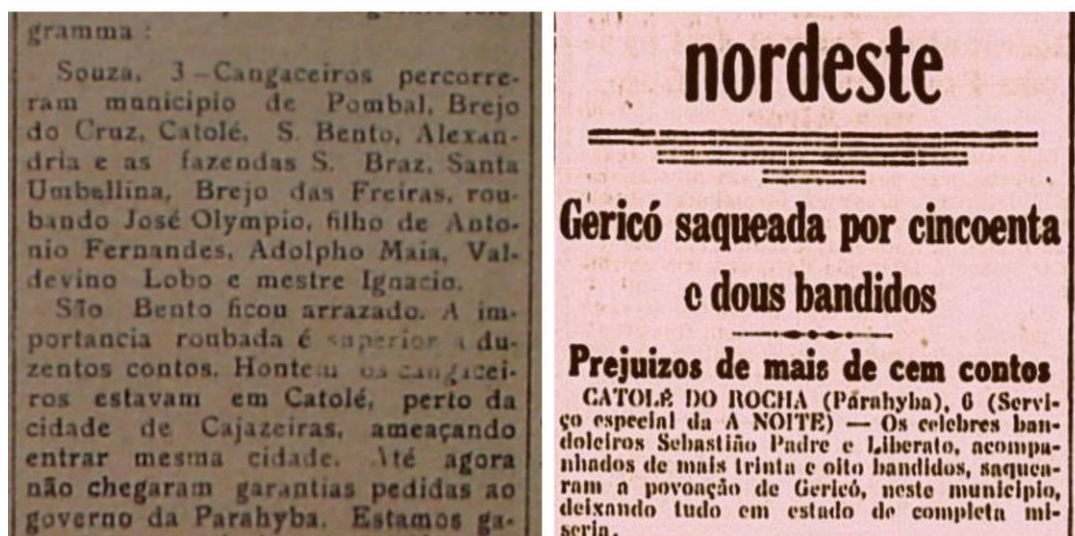
Figura 30 - Desgastes nas esquadrias e piso do sótão.



Fonte: Autora (2023).

Finalmente chegamos à Fazenda Dois Riachos 2, detentora de uma rica história. Sua construção data de 1885 e foi residência do coronel Valdivino Lobo, figura de grande poder político e influência na Paraíba. Em fevereiro de 1922, a fazenda entrou para a história do cangaço, quando foi alvo de um dos maiores saques da época, realizado pelo grupo de cangaceiros liderados por Sinhô Pereira, mentor de lampião. Durante o episódio, quebraram todos os móveis e o tesouro da propriedade, incluindo joias e moedas de ouro, foi levado pelo bando, deixando um rastro de objetos pelo caminho que percorreram.

Figura 31 - Recorte de notícias sobre os saques realizados pelos cangaceiros na região.



Fonte: Site Tok de história (2013).

Apesar de sua história turbulenta, a Fazenda Dois Riachos 2 mantém grande parte de sua arquitetura original, exceto pelo piso, cujo exemplar original sobrevive somente em uma sala da edificação. Em sua fachada, pudemos perceber alguns toques de requinte, que remontam ao ecletismo, como as aberturas dos vãos das esquadrias em arco pleno, pináculos e a platibanda com elementos vazados.

Figura 32 - Elementos da fachada da Fazenda Dois Riachos 2.



Fonte: Autora (2023).

Atualmente, a propriedade se encontra aos cuidados da Sra. Francisca, que nos recebeu gentilmente, e nos relatou que a casa passou por uma reforma de pintura recente, para que pudesse ser utilizada como cenário no filme “Ladário”, ainda sem data de lançamento. Como resultado dessa adaptação, algumas mudanças foram feitas, como a inserção de vidro nas janelas e a construção de uma trama de madeira na escada que leva ao sótão (Figura 33).

Figura 33 - Inserção de elementos.



Fonte: Autora (2023).

As modificações realizadas na Fazenda Dois Riachos 2 para torná-la um cenário de filme podem ser consideradas controversas, pois resultaram em mudanças na estrutura original da edificação, como a inserção de blocos de vidro nas janelas e a adição de uma trama de madeira na escada que leva ao sótão, e podem comprometer a autenticidade da arquitetura e do estilo da época em que foi construída. Aqui se faz válido lembrar que edificações históricas devem ser preservadas e protegidas, e qualquer intervenção deve ser realizada com cautela. Ao exploramos o entorno da casa de morada, encontramos os vestígios do que um dia foi um engenho, restando ainda alguns maquinários, como mostra a Figura 34.

Figura 34 - Vestígios do engenho da Fazenda Dois Riachos 2.



Fonte: Autora (2023).

As outras quatro edificações remanescentes foram visitadas de maneira breve, uma vez que não haviam moradores para nos conduzir em uma visita guiada pelo seu interior. Como resultado, as informações que obtivemos foram principalmente observacionais ou coletadas em relatos informais. Em relação à Fazenda Arruda, foi-nos informado que a mesma foi construída em meados de 1880 por Rochael Ferreira Maia, filho de Bernardo Ferreira Maia e Secundina Sabina Fernandes Maia, e pertence atualmente aos seus netos.

Conforme relatos, a Fazenda Arruda não foi a primeira edificação a ser construída na propriedade. Anteriormente, havia uma casa de taipa próxima à atual casa de morada da fazenda, a qual foi demolida, mas ainda há como ver alguns vestígios (Figura 35). Além disso, foi relatado que a fazenda também esteve na rota do bando de cangaceiros liderado por

Sinhô Pereira, embora diferentemente da Fazenda Dois Riachos 2, esta não tenha sido saqueada.

Figura 35 - Vestígios da antiga edificação em taipa.



Fonte: Rodolfo Maia, em vídeo no YouTube (2022).

Foi realizado o levantamento fotográfico durante a visita à Fazenda Arruda, mas devido à falta de acesso ao seu interior, elas se concentraram principalmente na sua fachada e arredores, onde encontramos restos de maquinários do antigo engenho. Entretanto, em um vídeo postado na plataforma YouTube, em 2022, foi possível conhecer o interior da edificação, que aparenta estar bem preservado.

Na época da filmagem, móveis e utensílios, que datavam do período de construção do edifício ainda estavam presentes na casa (Figura 36). Foi uma surpresa notar, no entanto, que não havia um sótão na edificação, pois, durante a visita, observamos janelas semelhantes às construídas nas outras edificações, mas no vídeo é relatado que, apesar de terem sido construídas, o sótão nunca foi concluído (Figura 37).

Figura 36 - Móveis e objetos encontrados na edificação.



Fonte: Rodolfo Maia, em vídeo no YouTube (2022).

Figura 37 - Sótão inacabado.



Fonte: Rodolfo Maia, em vídeo no YouTube (2022).

A Fazenda Curralinho é uma propriedade que foi concedida em sesmaria ao português Diogo Nogueira Leitão, por volta de 1699, tornando-se a mais antiga da região, segundo relatos informais. Durante a visita, constatamos que são poucas as informações disponíveis sobre a propriedade estão disponíveis, o que pode ser atribuído à falta de registros históricos e documentais. Além disso, a presença de cães de guarda nos impediu de explorar completamente os arredores e o interior da edificação principal.

Mesmo à distância, foi possível notar algumas modificações na Fazenda Curralinho, como a adição de um espaço de lazer na lateral da edificação. Entretanto, apesar da fachada

aparentar estar em bom estado de conservação e com uma boa pintura, pudemos observar que o alpendre esconde um pouco a platibanda, que contém detalhes estéticos e pináculos, e que não recebeu o mesmo cuidado que o restante da fachada (Figura 38).

Figura 38 - Fachada da Fazenda Curralinho.



Fonte: Autora (2023).

Durante a penúltima visita, tivemos a oportunidade de conhecer o casarão localizado no sítio São Gonçalo, também conhecido como “saco”. Infelizmente, a presença de abelhas e outros insetos nos impediu de explorar a edificação. Além disso, notamos que a estrutura está sendo utilizada como abrigo para bovinos.

Apesar das limitações, pudemos observar alguns detalhes arquitetônicos interessantes, como a moldura ao redor das janelas e a platibanda triangular com cimalha, que contém escritos não identificados (Figura 39). No entanto, a maior parte das esquadrias estavam danificadas ou faltando, assim como boa parte do telhado. A fachada, que aparentemente era de coloração branca, está coberta de crostas e o interior apresenta muitas sujidades nas paredes.

Figura 39 - Detalhes na fachada do casarão do Sítio São Gonçalo.



Fonte: Autora (2023).

Além disso, notamos uma outra edificação situada ao lado da fachada principal, mas devido à impossibilidade de exploração do interior, não foi possível confirmar se é uma edificação geminada ou se há duas fachadas distintas na mesma estrutura. Essa edificação não possui platibanda, nem cercaduras nas janelas, apenas um detalhe sinuoso em sua empena frontal.

Figura 40 - Fachada com detalhe.



Fonte: Autora (2023).

Na última etapa da nossa pesquisa de campo, visitamos um casarão situado no sítio Cajueiro, próximo ao campus da Universidade Estadual da Paraíba. Infelizmente, assim como na Fazenda Curralinho, não encontramos registros históricos ou documentais sobre a propriedade. Mesmo em conversas informais, não conseguimos descobrir informações sobre sua história. Apesar disso, conseguimos explorar um pouco do interior da edificação, mesmo com a presença de insetos e sem a presença de alguém para nos acompanhar.

Durante nossa visita, descobrimos características surpreendentes, como a presença de paredes de taipa e uma cobertura original composta por beira-seveira (Figura 41). No entanto, infelizmente, constatamos que a edificação se encontra em completo estado de abandono e deterioração, com diversas bolhas e partes faltantes nas paredes (Figura 42), principalmente nas de taipa. Essa situação é lamentável e preocupante, pois estamos diante de um bem de valor histórico que corre o risco de se perder para sempre se não forem realizadas medidas de preservação e conservação adequadas.

Figura 41 - Características da edificação encontrada no Sítio Cajueiro.



Fonte: Autora (2023).

Figura 42 - Alguns danos identificados.



Fonte: Autora (2023).

Ao visitar as propriedades históricas na microrregião de Catolé do Rocha, pudemos explorar diversas características e elementos arquitetônicos que enriqueceram nosso conhecimento sobre o período de sua construção e o estilo construtivo. No entanto, as dificuldades de acesso encontradas em algumas propriedades limitaram nossa exploração do interior dessas edificações. Mesmo assim, conseguimos identificar algumas modificações feitas ao longo dos anos, além de problemas de conservação, pela falta de manutenção, que ameaçam a integridade dessas construções.

Além disso, a ausência de registros históricos e documentais sobre algumas das propriedades visitadas foi uma barreira para a compreensão completa de sua história e importância cultural. Essa falta de documentação reforça a necessidade de investimentos em pesquisa e documentação desses bens, para preservá-los e valorizá-los adequadamente.

É fundamental destacar que a conservação e valorização dessas propriedades são essenciais para a preservação da história e da identidade cultural da região. As modificações, a degradação e o abandono dessas edificações históricas representam uma perda irreparável para a sociedade e para as futuras gerações. Por isso, é necessário que haja um esforço coletivo para a preservação desses patrimônios, incluindo ações de conservação, manutenção, pesquisa e documentação.

3.2 Preservação em Detalhes: Análise das Fichas de Inventário das Propriedades Históricas

Para a elaboração das fichas de inventário, como inspiração foram utilizadas as fichas existentes nas pesquisas de Ferreira (2010) e Queiroz (2022), que abordam patrimônios rurais localizados na cidade de Areia, no estado da Paraíba, e o segundo, em Pereiro, no estado do Ceará, respectivamente. Essas referências foram escolhidas por se aproximarem da realidade do presente estudo.

Cabe enfatizar que as fichas de inventário aqui elaboradas e disponibilizadas, não tem como objetivo principal servir de instrumento de identificação e reconhecimento oficial de patrimônio cultural. A ideia é que os resultados obtidos possam coadjuvar como fonte de estudos futuros, além de contribuir como possível ferramenta de valorização da paisagem cultural do ambiente rural. O inventário pode ser consultado na íntegra, compondo o Apêndice C.

Para facilitar a análise das características histórico-arquitetônicas e a elaboração do guia ilustrado, as informações foram divididas em três blocos. O primeiro bloco apresenta o levantamento espacial e fotográfico da fachada das edificações principais, além dos dados georreferenciais obtidos por meio do aplicativo “Minhas coordenadas GPS”. Esse bloco também inclui informações iniciais como a tipologia, uso, nome dos proprietários e provável ano de construção. Vale ressaltar que não foi possível confirmação precisa da data de construção de todas as propriedades, sendo que apenas nove das quinze propriedades tiveram a datação exata.

No segundo bloco, buscou-se identificar as tipologias primárias e secundárias presentes nas propriedades estudadas. Como tipologias primárias, selecionamos “casas de fazenda”, “capela” e “engenho”, e mantivemos espaços para incluir outras construções que se apresentassem também em primeiro plano. Dentre as propriedades analisadas, havia um total de 10 casas de fazenda, das quais duas possuíam capelas em suas instalações. Durante nossa análise, constatamos que uma dessas capelas foi construída em uma data posterior à casa de morada. Em relação à segunda capela, não pudemos confirmar se sua construção também ocorreu em um período posterior (Figura 43).

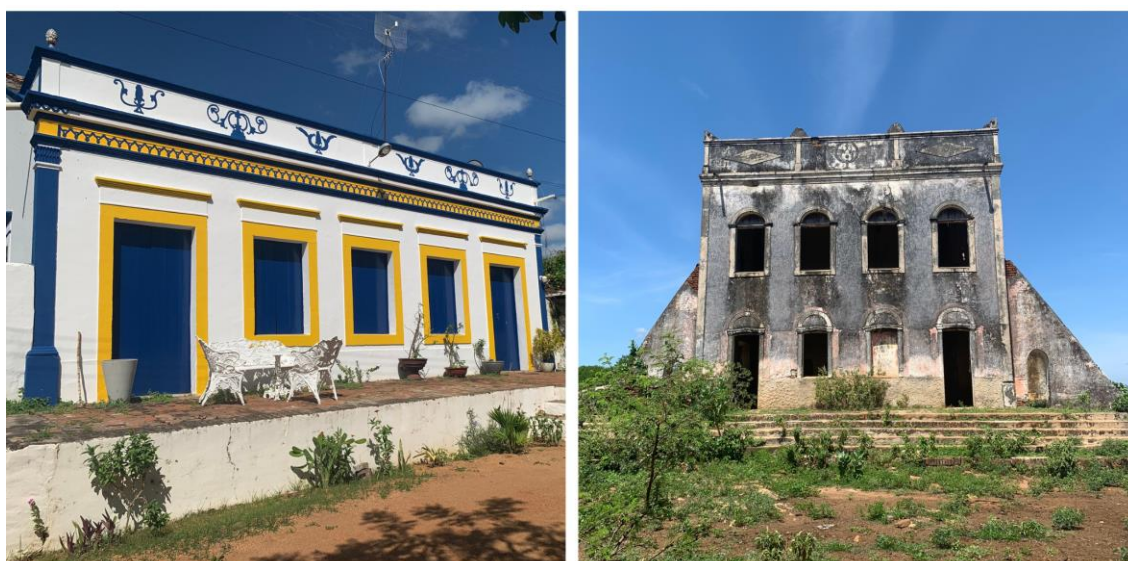
Figura 43 - Capela 1 (Fazenda Olho D'Agua) e Capela 2 (Capela do Casarão do Bonfim de Cima).



Fonte: Autora (2023).

Ademais, esse bloco teve o objetivo identificar e avaliar o estado de conservação e de preservação das edificações, bem como determinar o número de pavimentos presentes em cada uma delas. Como resultado, obtivemos 11 (onze) imóveis que apresentaram bom estado de conservação, enquanto 4 (quatro) em estado de preservação em estado precário. Quanto ao número de pavimentos, 6 (seis) edificações possuem a tipologia de térreo com sótão, 4 (quatro) apenas térreo, e nas demais não foi possível identificar.

Figura 44 - Exemplos de edificações em bom estado de conservação (à esquerda) e em estado precário (à direita).



Fonte: Autora (2023).

O estado de ruína foi constatado em apenas 2 (duas) propriedades inventariadas. Em uma, resta a existência apenas da fachada e em outra, de um engenho (Figura 45), sugerindo uma boa capacidade de resistência das edificações aos efeitos do tempo e dos agentes de degradação. Isso é um fato significativo, considerando a falha na política de preservação local e a possível exposição dessas propriedades a condições climáticas adversas, e as possíveis faltas de manutenções.

Figura 45 – Partes das edificações apresentando estado de ruína.



Fonte: Autora (2023).

No que diz respeito as tipologias secundárias, foram elencadas as opções “curral/estábulo”, “depósito/galpão” e “oficina”. Entretanto, nos deparamos com algumas dificuldades para preencher essa seção, uma vez algumas das edificações selecionadas estavam desocupadas ou fechadas, enquanto outras nove não puderam ser visitadas em sua totalidade, o que impossibilitou o acesso a áreas como currais e depósitos.

Apesar disso, conseguimos identificar a presença de currais em um total de 8 (oito) propriedades (Figura 46), bem como depósito em 7 (sete) delas (Figura 47). Por outro lado, não possível encontrar oficinas nas propriedades estudadas. Vale ressaltar que uma das propriedades apresentou uma característica inesperada e não prevista das opções pré-estabelecidas: a existência de um parque de vaquejadas.

Figura 46 - Exemplos de currais encontrados nas propriedades.



Fonte: Autora (2023).

Figura 47 - Exemplos de depósitos encontrados nas propriedades.



Fonte: Autora (2023).

O terceiro bloco é composto pelas informações sobre materiais, técnicas e sistemas construtivos, sendo subdividido em cinco sessões: paredes, cobertura, piso, esquadrias e escadas. No que se refere às paredes, foram observados os materiais construtivos originais, sendo que o tijolo de barro, revestidos de reboco e cal, foram os mais utilizados. Duas edificações apresentaram taipa, que demonstraram um estado mais precário de conservação (Figura 48).

Figura 48 - Edificação de taipa em estado precário de conservação.



Fonte: Autora (2023).

Dentro da categoria “cobertura”, nosso objetivo foi identificar não apenas o estado de conservação e o tipo de estrutura utilizada, mas também a quantidade de águas presente no telhado e o modelo de empena adotado. Foi observado que a maioria das edificações analisadas apresentaram telhados construídos com duas águas, com empena lateral, conforme evidenciado nas imagens abaixo (Figura 49). As platibandas, quando presente, apresentaram algum tipo de detalhe ou ornamento, conferindo uma característica estética particular ao telhado (Figura 50 e Figura 51).

Figura 49 - Exemplares com telhado em duas águas, com empena lateral.



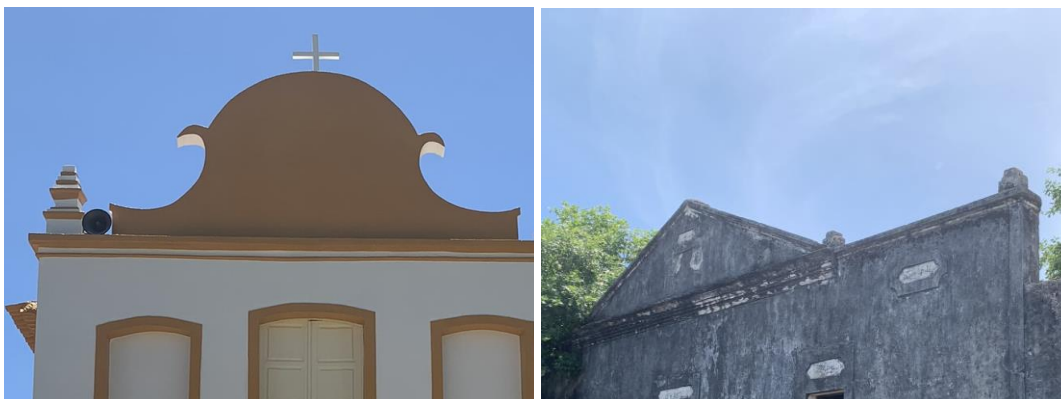
Fonte: Autora (2023).

Figura 50 - Exemplares compostos de platibandas retas, com detalhes e elementos vazados.



Fonte: Autora (2023).

Figura 51 - Exemplares compostos de platibandas com recortes sinuosos e triangulares.



Fonte: Autora (2023).

No que diz respeito à produção das telhas utilizadas nas edificações analisadas, não foi possível confirmar se eram fabricadas localmente ou importadas de outras localidades. Entretanto, observou-se que apenas uma das edificações apresentou a substituição total de suas telhas, enquanto as demais exibiram apenas substituições pontuais em sua cobertura (Figura 52). Quanto à estrutura dos telhados, constatou-se que a madeira foi o material predominante utilizado e os entrevistados relataram que essa madeira era oriunda da própria propriedade.

Figura 52 – Telhas modificadas.



Fonte: Autora (2023).

Embora a ficha de inventário não inclua uma seção específica para detalhes estruturais dos telhados, foi possível identificar o uso de sistemas estruturais mais complexos, tais como tesouras e treliças, empregados para superar grandes vãos e alturas em determinadas construções, conforme pode ser observado na Figura 53.

Figura 53 - Sistemas estruturais dos telhados

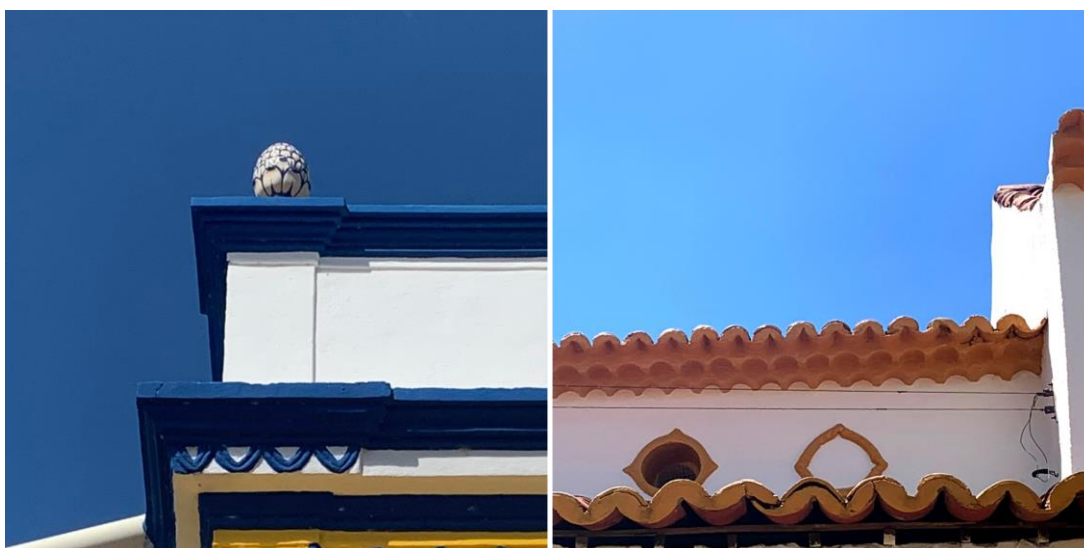


Fonte: Autora (2023).

Além dos elementos estruturais, foram observados detalhes estéticos que contribuem para a ornamentação e caracterização do estilo arquitetônico. Dentre esses detalhes, destacam-se a presença de pináculos, que são estruturas verticais em forma de cone ou piramidais, localizados nas extremidades das coberturas, e cornijas, que são saliências horizontais em forma de moldura que delimitam as fachadas das edificações.

Também foram identificadas em três edificações a presença de beiras-seveiras, uma forma de telhado localizada abaixo do telhado principal (Figura 54). Esses elementos, além de contribuírem para a beleza e originalidade da construção, têm importância para a compreensão do estilo arquitetônico da época e do poder aquisitivo da família proprietária.

Figura 54 - Detalhes estéticos na cobertura.



Fonte: Autora (2023).

Analisando a categoria de pisos, foi possível identificar as diferentes tipologias pré-estabelecidas como cimento, ladrilho, tijoleira e madeira (Figura 55). Constatou-se que, assim como ocorreu com as coberturas, os pisos originais foram uma característica bastante presente nas edificações estudadas, pois mesmo quando não eram existentes em toda a construção, foram mantidos em pelo menos um dos cômodos. No entanto, foi comum perceber que os pisos de madeira localizados nos sótãos ou nas soleiras precisaram ser substituídos ou apresentaram estado precário de conservação (Figura 56).

Figura 55 - Exemplos de pisos encontrados nas edificações.



Fonte: Autora (2023).

Figura 56 - Exemplos de pisos substituídos e em estado precário de conservação.



Fonte: Autora (2023).

No bloco de análise das esquadrias, foi possível constatar que foram construídas em madeira e, apesar do tempo transcorrido, a maioria manteve sua originalidade, surgindo pontuais modificações, como a inserção de grades de segurança e bloco de vidro nas janelas, em duas edificações (Figura 57).

Figura 57 - Elementos inseridos nas esquadrias



Fonte: Autora (2023).

Foram identificados dois modelos de janelas dominantes: ficha e venezianas (Figura 58). Alguns exemplares apresentaram detalhes estéticos, como molduras ao redor das aberturas ou entalhes, demonstrando um cuidado estético construtivo. Já as portas, também em madeira, apresentaram modelos variados, podendo ter uma ou duas folhas, além da holandesa.

Figura 58 - Exemplares de janelas encontrados.



Fonte: Autora (2023).

De maneira geral, apesar de ser predominante o uso de abertura retangulares, em algumas propriedades foram utilizados formatos diferenciados, como o arco. Esse tipo de

abertura além de contribuir para a beleza do conjunto, pode ter sido empregado com propósitos funcionais, como melhoria de ventilação e iluminação.

O último elemento examinado foram as escadas presentes nas edificações estudadas. Entre as onze propriedades que apresentaram escadaria de entrada, em cinco delas foi observado um modelo peculiar em formato de “meia-lua” (Figura 59). Segundo informações obtidas através dos entrevistados, esse modelo de escada foi construído com a finalidade de facilitar possíveis fugas em caso de emergência, permitindo que várias pudessem sair ao mesmo tempo.

Figura 59 - Escadaria frontal em formato de "meia-lua".



Fonte: Autora (2023).

Dentro das edificações que foram acessíveis para análise, foram identificadas escadas de madeira que possibilitavam o acesso ao sótão. Observou-se que algumas dessas escadas necessitaram de manutenção e tiveram tábuas substituídas, restando apenas o primeiro piso original. Além disso, uma das edificações apresentou acréscimos recentes de gradil de madeira que destoavam da originalidade da construção. Vale ressaltar que, assim como o ocorrido com a inserção de blocos de vidros nas janelas, esse tipo de intervenção pode prejudicar a autenticidade da edificação, além de afetar sua valorização histórica e estética (Figura 60).

Figura 60 - Escadas modificadas.



Fonte: Autora (2023).

É imprescindível destacar que a preservação do patrimônio é uma tarefa complexa e desafiadora. O inventário desses elementos é um passo importante para a documentação e preservação das informações sobre os elementos e características arquitetônicas de propriedades históricas. As fichas de inventário fornecem informações valiosas que contribuem significativamente para a conservação e promoção dessas construções.

Além disso, a análise criteriosa dessas fichas possibilita identificar possíveis intervenções indevidas, que podem comprometer a autenticidade e integridade dessas edificações. Isso reforça a importância de se realizar mais trabalhos de registro e preservação dessas informações, a fim de garantir a proteção do patrimônio histórico para as gerações futuras.

4 NO RASTRO DAS MEMÓRIAS – O GUIA ILUSTRADO

Como resultado das discussões abordadas, foi concebido um diário ilustrado com o objetivo de apresentar as edificações e fomentar a reflexão sobre a importância da sua preservação e manutenção de suas características distintivas. A fim de tornar a linguagem mais acessível, foram utilizados alguns termos diferenciados da nomenclatura arquitetônica formalmente estabelecida, com a intenção de aproximar o leitor do assunto e adicionar certa leveza ao texto.

Para enriquecer a experiência do leitor e aproximá-lo ainda mais da história, decidiu-se por criar uma personagem que guiará a viagem para a microrregião de Catolé do Rocha. Essa personagem é uma menina de dez anos, com cabelos cacheados e pele negra, que está vestida com roupas nas cores presentes nas edificações catalogadas. Através da perspectiva dessa personagem, a narrativa se torna mais viva e envolvente, permitindo que o leitor se identifique com ela e compreenda melhor a importância do patrimônio histórico rural. Além disso, a personagem apresentará falas e expressões que podem ser proferidas pelos visitantes desses bens patrimoniais, o que tornará a história mais autêntica (Figura 61).

Figura 61 - Personagem do guia ilustrado.



Fonte: Autora (2023).

A intenção por trás do material desenvolvido consistiu em proporcionar uma experiência visualmente rica, o que motivou a opção por um estilo de scrapbook. Esse

formato permitiu a inclusão de colagens, adesivos e fotografias, que retratam a perspectiva da personagem fictícia criada para narrar a história. Com o objetivo de tornar a leitura mais fluida e agradável, optou-se por reduzir ao máximo o volume de texto, dispensando a estruturação em capítulos. Além disso, informações adicionais foram apresentadas por meio de notas indicadas por setas.

A escolha do nome “Diário de viagem: descobrindo o patrimônio histórico cultural da microrregião de Catolé do Rocha” para o material foi cuidadosamente pensada, tendo em vista a inspiração no conceito de um diário de viagem, bem como a identificação com a região em questão (Figura 62).

Figura 62 - Capa do guia ilustrado.



Fonte: Autora (2023).

Na página inicial do guia, é apresentada uma breve introdução da personagem e uma sinopse do conteúdo abordado, juntamente com uma apresentação do local visitado. A narrativa é apresentada a partir da perspectiva da personagem em um diário de viagem por ela elaborado, no qual relata a experiência de viajar com sua turma de escola em uma máquina de teletransporte pela zona rural da microrregião de Catolé do Rocha, com o intuito de visitar essas edificações. Além disso, a personagem contextualiza a região e discorre sobre os tipos de patrimônios existentes, por meio de uma atividade didática elaborada por sua professora. Essa atividade (Figura 63) pode ser acessada por meio de um QR Code disponibilizado no próprio guia.

Figura 63 - Atividade elaborada pela personagem, disponibilizada por QR Code.



Fonte: Autora (2023).

Em seguida, a obra apresenta a seção mais informativa, elaborada com base no inventário das edificações. São fornecidas informações como o ano de construção, além de outros aspectos relevantes. A seção é concluída com as considerações da personagem acerca da importância da manutenção e preservação desses bens históricos, bem como a crítica sobre a falta de registros e informações mais abrangentes.

Por fim, foi incluída uma atividade relacionada à temática patrimonial (Figura 64), bem como informações adicionais, como a visita do poeta Mário de Andrade. Ademais, o guia convida o leitor a visitar essas edificações e a elaborar o seu próprio diário de viagem. A última página do guia contém informações acadêmicas sobre o trabalho, indicando que ele é resultado do trabalho de conclusão de curso, bem como o contato da autora para eventuais dúvidas.

Figura 64 - Atividade inserida no guia ilustrado.



Fonte: Autora (2023).

Cabe ressaltar que o material foi organizado para publicação virtual, com capa e contracapa elaboradas de forma cuidadosa. Ademais, optou-se por veicular o guia pela plataforma Issu Inc., que dispõe de uma interface apropriada para publicação de material digital, garantindo uma experiência de leitura agradável e confortável para os usuários.

Em suma, o diário de viagem é uma ferramenta de grande valor para a preservação da memória histórica e cultural da região de Catolé do Rocha, ao trazer informações importantes sobre as edificações e contextualizar sua importância para a história local. Além disso, o material é construído de forma acessível, utilizando a linguagem de uma personagem infantil para tornar a leitura mais cativante e atrativa, e ainda traz atividades e informações adicionais para enriquecer a experiência do leitor. Com sua publicação digital na plataforma Issu Inc., espera-se que o diário de viagem alcance um público mais amplo e contribua para a conscientização sobre a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural da região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado neste trabalho de conclusão de curso não estava inicialmente nos planos da autora, que havia concentrado seus estudos na área urbana. No entanto, ao prosseguir com a pesquisa sobre a área rural, as referências estudadas e as conclusões alcançadas sobre a situação do patrimônio histórico rural, assim como o resultado final da proposta, confirmaram que o objetivo inicial havia sido atingido.

O presente trabalho aborda de forma reflexiva a importância da preservação do patrimônio histórico rural e da paisagem cultural, destacando o papel fundamental dos cidadãos na proteção e valorização desses bens. Além disso, ressalta a necessidade de compreender a importância desses cenários históricos para a construção da identidade e memória coletiva da cidade. Cada propriedade registrada no inventário, e talvez outras que não foram contempladas neste estudo, representa um fragmento da história e dos valores afetivos da região. Cada edificação alberga, ou albergou, o potencial de representar a simbologia de uma identidade regional coletiva.

Embora o inventário pudesse ter sido suficiente como resultado final deste trabalho, decidiu-se ir além desse escopo limitado, em virtude do risco de restringir o alcance de sua contribuição apenas aos acadêmicos e estudiosos da área. Consequentemente, a elaboração do guia ilustrado foi concebida como uma ferramenta de conscientização mais ampla, voltada sobretudo para as crianças e jovens, com o objetivo de sensibilizá-los para a importância da preservação do patrimônio cultural, sobre a relevância desses bens para a história e cultura local, considerando a importância da preservação do patrimônio histórico interiorano, sobretudo, o rural, frequentemente negligenciado em detrimento dos grandes centros urbanos turísticos.

Com a finalidade de apresentar de forma acessível algumas das edificações existentes na microrregião de Catolé do Rocha, incentivando uma reflexão mais leve e lúdica acerca do tema, espera-se que a divulgação dessas informações possa despertar o interesse e conscientização da população para a importância de preservar o patrimônio histórico rural para as futuras gerações.

Ademais, é relevante ressaltar que o guia ilustrado, apesar de direcionado para um público mais jovem, possui potencial para ser utilizado em atividades presenciais e passeios

com a população local, o que permite o envolvimento de toda a comunidade na conscientização acerca da importância do patrimônio histórico. Além disso, está sendo considerada a possibilidade de tornar o inventário participativo, por meio da atualização e inserção de informações e fotografias pelas edificações que não foram completamente registradas durante o período de realização do trabalho pela população local. Dessa forma, a comunidade terá fácil acesso às informações e poderá contribuir de forma colaborativa para a construção do registro documental e preservação do patrimônio histórico rural da região de Catolé do Rocha. Tal iniciativa reforça a importância do engajamento da população na conservação e promoção dos bens patrimoniais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio**. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 34-48.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: o historiador entre a história e a memória**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 19, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10926>. Acesso em: 1 abr. 2023.

BANDEIRA FILHO, João Hermínio; DANTAS, Aleksandre Saraiva. **Edificações e meio ambiente: a degradação do riacho Agon em Catolé do Rocha - PB**. Mossoró: Biblioteca IFRN - Campus Mossoró, 2021.

BRASIL. **Constituição, 1934**. Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 06 nov. 2022

_____. **Constituição, 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Decreto-Lei nº 22.928**, de 12 de julho de 1933. Erige a cidade de Ouro Preto em monumento nacional.

_____. **Decreto-Lei nº 25**, de 30 de novembro de 1937. Dispõe sobre a organização da proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

_____. **Decreto-Lei nº 378**, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1937.

_____. **Decreto-Lei nº 3.551**, de 4 de agosto de 2000. Dispõe sobre o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.

_____. **Portaria nº 127**, de 30 de abril de 2009. Regulamenta a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, DF, abr. 2009.

_____. **Turismo cultural: orientações básicas**. 3. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRUSADIN, Leandro Benedini. **Patrimônio Cultural e o Turismo: abordagem interdisciplinar**. ANPUH–XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

Carta de Atenas, Atenas: 1931. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>. Acesso em 24 ago. 2022.

Carta de Atenas, Atenas: 1933. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em 24 ago. 2022.

Carta de Bagé, Bagé, RS: 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/25861888-Carta-de-bage-ou-carta-da-paisagem-cultural.html>. Acesso em: 06 mar. 2023

Carta de Veneza, Veneza: 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022

CARVALHO, Paulo. **Patrimônio e (re) descoberta dos territórios rurais**. Boletim Goiano de Geografia 23.2 (2003): 173-196.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. v. II. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 1999.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 6º. ed. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2017.

DIMENSTEIN, Dora. **Educação patrimonial, memória e cidadania**: a experiência dos professores de história da Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes–PE. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/22224/1/Dora%20Dimenstein.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2022.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Um sertão entre tantos outros**: fazendas de gado nas Ribeiras do Norte. 2013.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Memória e Reflexividade na Cultura ocidental**. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

FERREIRA, Anna Cristina Andrade. **O descuido de se tombar**: a importância da paisagem cultural dos engenhos de cachaça e rapadura como patrimônio do município de Areia. 2010. 202 f. Dissertação de Mestrado – Curso de programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU, Centro de Tecnologia – CT. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2010.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação Patrimonial**: algumas diretrizes conceituais. ANAIS DO V SIMPÓSIO CAPIXABA DE MEMÓRIA INSTITUCIONAL, p. 9-19, 2015. Disponível em: <https://www.mpes.mp.br/Arquivos/Anexos/e045b326-0d0d-4219-8c5c-560c21793732.pdf#page=9>. Acesso em: 10 nov. 2022.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil, 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FORMIGA, Mayara Millena Moreira. **Nas veredas do sertão colonial**: o processo de conquista e a formação de elites locais no sertão de Piranhas e Piancó (Capitania da Parahyba do Norte, c.1690-c.1772). 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6003>. Acesso em: 3 abr. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, v. 66, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Iphan, 1999. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf. Acesso em 10 nov. 2022.

IPHAN. **Patrimônio Material**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276#:~:text=O%20patrim%C3%B4nio%20material%20protegido%20pelo,artes%3B%20e%20das%20artes%20aplicadas>. Acesso em: 31 out. 2022.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 31. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990

LE GOFF, Jacques. **Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural**: o direito à memória. In: BITTENCOURT, Circe (Org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.

MARIZ, Celso. **Notícia histórica de Catolé do Rocha**. Mossoró: Coleção Mossoroense, Série B, n° 26, 1950.

MEDEIROS, Coroliano de; RODRIGUES, João. **Dicionário corográfico do Estado da Paraíba**. Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Departamento de Imprensa Nacional, 2ª Edição, Rio de Janeiro, Brasil, 1950.

MOREIRA, Daniel Augusto. **Método fenomenológico na pesquisa**. Cengage Learning Editores, 2002.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Lugar como representação das existências**. Maneiras de ler: geografia e cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, p. 83-89, 2013.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas**. Patrimônio e Memória, v. 3, n. 1, p. 87-100, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidade, espaço e tempo**: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, n. 158, 2020.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

QUEIROZ, Francisco Caio Bezerra de. **A memória da terra**: resgate e valorização das técnicas construtivas tradicionais da comunidade rural sítio canastra dos siprianos, em pereiro/ce. 2022. 216 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Rural do Semi-Arido, Pau dos Ferros, 2022.

Recomendação de Paris. Paris: 12º Sessão da Conferência Geral da Organização das Nações unidas para a Educação, Ciência e Cultura, 09 de novembro a 12 de dezembro de 1962. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Paris%201962.pdf>

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio**: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. XVIII Encontro Regional (AMPUH-MG), 2012. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

SARMENTO, Christiane Finizola. **Povoações, freguesias e vilas na Paraíba Colonial: Pombal e Sousa, 1697-1800**. 2007. 163 f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/12299>. Acesso em: 1 abr. 2023.

SOUSA, Anicleide de. **Nas veredas negras do sertão**: histórias de vida familiar de escravizados no sertão brasileiro (vila de catolé do rocha/paraíba, 1836-1866). 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13218>. Acesso em: 1 abr. 2023.

TERUYA, Marisa Tayra. **Família e poder na Paraíba**: os Maia de Catolé do Rocha/PB: um estudo de caso sobre práticas endogâmicas. 1995.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. Fênix-Revista de História e Estudos Culturais, v. 7, n. 2, p. 1-12, 2010.

VIANNA, Letícia C. R. **Patrimônio Imaterial**. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

VIEIRA, Márcia Polignano; DULTRA, Karyna. **A institucionalização do patrimônio cultural**. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16978/13742>. Acesso em: 07 nov. 2022.

APÊNDICE A – MODELO DE FICHA DE INVENTÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMIÁRIDO – UFERSA

Departamento de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas

Curso de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de Conclusão de Curso – Karine Ellen Almeida de Freitas

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES			
Ficha:	ID.:	Edificação isolada: ☐ Sim ☐ Não	Data de visitação:
Levantamento espacial e fotográfico da edificação			

DADOS GEORREFERENCIAIS		
Latitude:	Longitude:	Altitude:

IDENTIFICAÇÃO	
Nome da propriedade	
Tipologia:	☐ Residencial ☐ Comercial ☐ Outro:
Uso:	☐ Residência do proprietário ☐ Residência do Morador ☐ Desocupada ☐ Outro:
Proprietário atual:	Provável primeiro morador:
Contato:	Provável ano de construção:

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO			
Tipologias primárias identificadas			
Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☐ Casa de morada	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			
Observações:			

Tipologias secundárias identificadas	
Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	
Observações:	

Materiais, técnicas e sistema construtivo			
PAREDES			
Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☐ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☐ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	
COBERTURA			
Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☐ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☐ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda
PISO			
Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição	
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro		
ESQUADRIAS			
Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição	
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro		
ESCADAS			
Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição	
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro		
Outras informações:			

Outras imagens:	

APÊNDICE B – MODELO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMIÁRIDO – UFERSA

Departamento de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas

Curso de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de Conclusão de Curso – Karine Ellen Almeida de Freitas

ENTREVISTA

Identificação do entrevistado

Nome:

Idade:

Contato:

1. Há quanto tempo mora na propriedade?

2. Qual o nome mais comum e outros nomes pelos quais a propriedade é conhecida?

3. Qual a sua relação com a propriedade?

☐ Proprietário

☐ Familiar

☐ Morador

☐ Outro:

4. Você conhece ou lembra a história da construção da propriedade e qual a relação com o contexto social local da época em que foi construída?

5. Você sabe quais transformações ocorreram na propriedade ao longo do tempo?

6. Quais histórias ou fatos lembra/conhece sobre a propriedade? (Momentos importantes, datas importantes, festejos...)

7. Do ponto de vista econômico e cultural, qual a importância da propriedade para a região?

8. Quem são os responsáveis pelos cuidados necessários para a conservação e preservação das edificações? Recebem algum auxílio financeiro externo para isso?

9. Você acha que seria interessante se essa edificação passasse a fazer parte de uma rota turística histórica, para que outras pessoas pudessem visitá-la, conhecê-la e saber mais da sua história?

10. Para sua identificação dos dados na pesquisa, de que forma gostaria de ser identificado?

☐ Nome completo

☐ Somente as iniciais do nome

☐ Outra forma

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: NO RASTRO DAS MEMÓRIAS: UM ESTUDO SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO DA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA – PB, que tem como pesquisadora responsável Karine Ellen Almeida de Freitas, sob orientação da Professora Doutora Anna Cristina Ferreira de Andrade.

Tratando-se do trabalho de conclusão de curso (TCC), o motivo que nos leva a fazer este estudo é para desenvolver um guia ilustrativo socioeducacional, através da identificação e catalogação de propriedades históricas, como uma ferramenta de conhecimento e preservação do patrimônio arquitetônico da região de Catolé do Rocha e como maneira de estimular a preservação da identidade local por parte da população.

Caso decida participar, você será entrevistado(a) individualmente pela pesquisadora responsável e a entrevista será gravada para futuras consultas. O tempo de entrevista não possui um limite, podendo estender-se até o final das perguntas. Durante a realização da pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos, e estes poderão ser minimizados não respondendo à determinada pergunta, não citar nomes ou situações. Como benefícios da pesquisa você contribui para a manutenção e salvaguarda da memória coletiva da região. Em caso de complicações ou danos à saúde que você possa ter relacionado com a pesquisa, compete a pesquisadora responsável garantir o direito à assistência integral e gratuita, que será prestada.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas contatando Karine Ellen Almeida de Freitas pelo email: kah.almeidaf@hotmail.com ou pelo telefone (83) 99824-1983. Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Os dados que você irá nos fornecer serão utilizados no TCC da mesma e em futuros trabalhos desenvolvidos por estas, sendo possível seu emprego em outras publicações, desde que resguardada a autoria e a associação aos nomes daqueles que forneceram a entrevista. As gravações e respostas serão guardadas pelo autor por um período de 5 anos. Os gastos e eventuais danos causados pela pesquisa serão de inteira responsabilidade do pesquisador.

(Assinatura do Participante/Responsável legal)

(Assinatura do Pesquisador)

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável Karine Ellen Almeida de Freitas.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, eu _____

_____, RG: _____, concordo em participar da pesquisa (NO RASTRO DAS MEMÓRIAS: UM ESTUDO SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO DA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA – PB), e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas.



Impressão
datiloscópica do
participante

Assinatura do participante da pesquisa

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisadora responsável pelo estudo NO RASTRO DAS MEMÓRIAS: UM ESTUDO SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO DA MICRORREGIÃO DE CATOLÉ DO ROCHA – PB, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido infringirei as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Pau dos Ferros, 10 de fevereiro de 2023

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE D – FICHAS DE INVENTÁRIO PREENCHIDAS

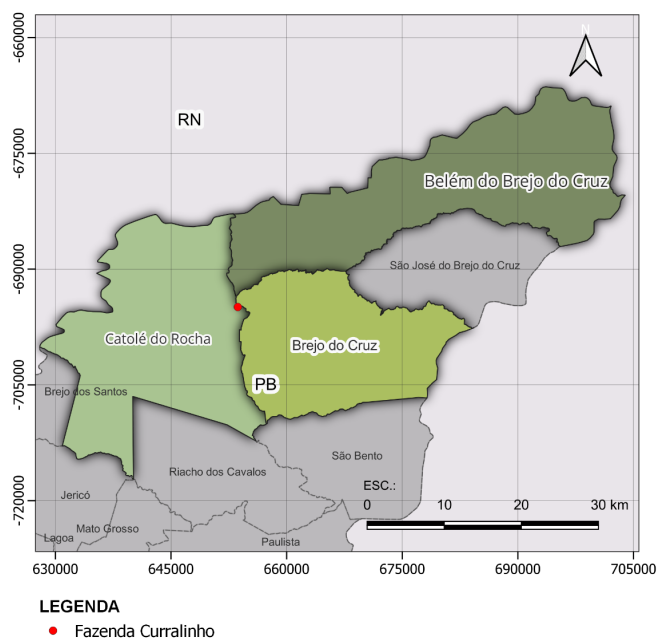
INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 01 ID.: 13 Edificação isolada: ☒ Sim ☐ Não Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização da Fazenda Curralinho

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Fazenda Curralinho



Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da Fazenda Curralinho



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°17'6.08330"

Longitude: W 37°36'39.40690"

Altitude: 206m a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Curralinho

Tipologia: ☒ Residencial

☐ Comercial

☐ Outro:

Uso: ☐ Residência do proprietário

☐ Residência do Morador

☐ Desocupada

☐ Outro

Proprietário atual:
Lauro Fernandes Maia

Provável primeiro morador:
Diogo Nogueira Leitão

Contato: -

Provável ano de construção: Posterior à 1699

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☒ Outro: não foi possível verificar
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☒ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	Não foi possível verificar se houveram modificações realizadas no interior da edificação

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☒ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não possui/ não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Durante a visita não foi possível encontrar nenhum morador na propriedade e a presença de cães de guarda impediu que se avançasse em direção à edificação. No entanto, notamos algumas modificações na construção, como a adição de um alpendre que destoa da platibanda original e construção de piscina na lateral da edificação.

Segundo informações coletadas, essa propriedade é considerada a mais antiga concessão de sesmaria do sertão paraibano, tendo sido obtida pelo português Diogo Nogueira Leitão por volta de 1699.

Outras imagens:

Figura 3: Platibanda com detalhes e pináculos



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Depósitos/galpões



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 02

ID.: 04

Edificação isolada:



Sim



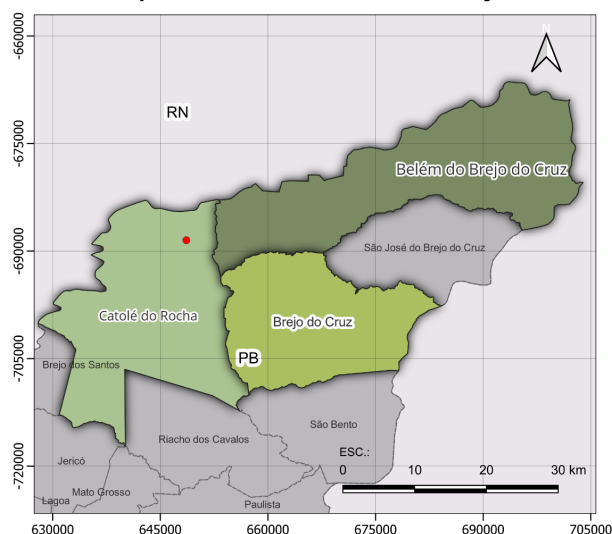
Não

Data de visitação: 11/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização da Capela N. S. da Conceição

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Capela Nossa Senhora da Conceição



LEGENDA

• Capela Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da Capela N. S. da Conceição



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°13'37.36630"

Longitude: W 37°39'24.06700"

Altitude: 213m.a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Capela Nossa Senhora da Conceição

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro: Religioso

Uso:



Residência do proprietário



Residência do Morador



Desocupada



Outro

Proprietário atual:

Provável primeiro morador:

Contato: -

Provável ano de construção: Séc. XVII

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☐ Casa de morada	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☒ Capela	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☒ Outro: térreo e coro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

De acordo com Teruya (1995), José Lobo dos Santos se apossou de uma parte do antigo patrimônio da Igreja, que foi doada à sua neta Maria Idalina, casada com Américo Hermenegildo Maia de Vasconcelos. O casal deixou para Américo Maia Vasconcelos, e hoje pertence aos herdeiros deste.

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	Tijolos que pesam quase 14kg

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☒ Frontal ☐ Lateral ☐ Beiral ☒ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☒ Ladrilho ☐ Tijoleira ☒ Madeira ☐ Outro	O piso geral da igreja é de ladrilho. O Piso do côro é de madeira, preservado, porém pintado.

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

ESCADAS

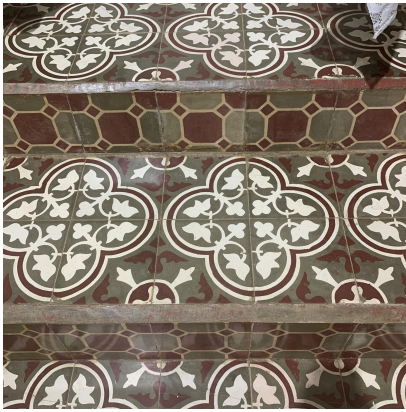
Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☒ Outro	A escada fica por fora da edificação e leva ao sino e ao côro

Outras informações:

Não se sabe quem construiu a capela. Alguns acreditam que tenham sido os jesuítas, pela forma e elementos presentes; Há relatos de que a capela foi encontrada entre quixabeiras, quando a cidade estava começando a ser povoada; O sr. Zezito Maia revelou que em seu livro contará a história verdadeira sobre a capela, mas confidenciou que ela é do séc. XVII; Passou por reforma recente (nov. de 2022, onde foi refeita a pintura); É mantida através de dízimo; Nela são mantidos os restos mortais de José Lobo e Felícia Maia; Há um orifício na parede que até hoje não se sabe a verdadeira função.

Outras imagens:

Figura 3: Piso do altar



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Altar da Capela



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Cobertura da Capela



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Presença de beira-seveira



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Piso de madeira (localizado no coro)



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Jazigo da Família Lobo



Fonte: Autora (2023)

Figura 9: Paredes construídas com mais de 50cm de espessura



Fonte: Autora (2023)

Figura 10: Orifício na parede de origem desconhecida



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 03

ID.: 06

Edificação isolada:



Sim

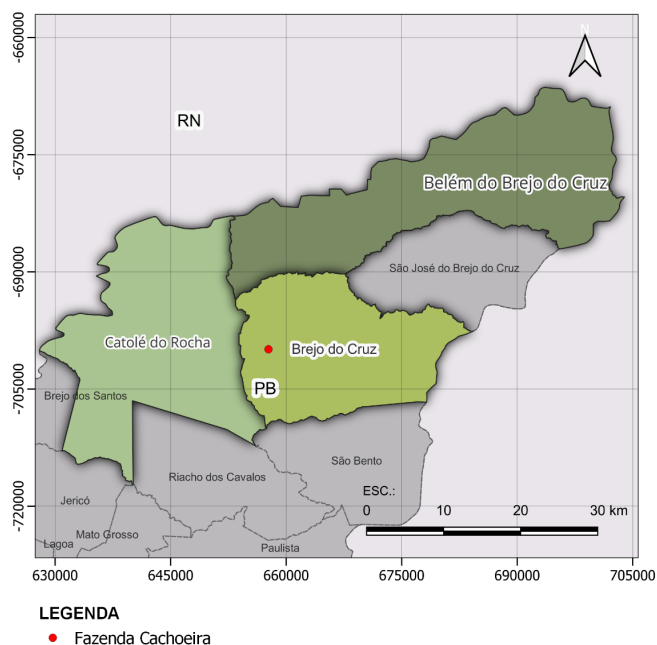


Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização da Fazenda Cachoeira

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Fazenda Cachoeira

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da Fazenda Cachoeira



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°19'48.58330"

Longitude: W 37°34'27.52050"

Altitude: 197m.a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Cachoeira

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:

Residência do
proprietárioResidência do
Morador

Desocupada



Outro

Proprietário atual:

Lauro Sérgio Maia de Vasconcelos

Provável primeiro morador:

Bento de Araújo Barreto

Contato: (83) 99926-5510

Provável ano de construção: Data de sesmaria de 30/05/1706

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☐ Bom ☒ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☒ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Dona Chica, atual moradora, não soube informar o ano correto de construção, mas afirmou que possui mais de 200 anos, tendo João Agripino de Vasconcelos Maia já nascido na residência.

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☒ Depósito/galpão	Um quarto ao lado é usado como depósito
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações: Dona Chica é a atual moradora da casa, onde nasceu e cresceu, e que era cuidada por sua família. O local abriga os restos mortais de João Agripino, sua esposa e filho, com a expectativa de que outros parentes também sejam enterrados ali. O túmulo está localizado no antigo quarto de João Agripino.

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☒ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	As paredes apresentam necessidades de reparo. Em algumas partes há fissuras e bolhas

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☐ Ladrilho ☒ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não possui/ não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

De acordo com o guia local, Ronildo de Sousa Ferreira (Ronildo Txarles), trata-se de uma das casas mais antigas da região. Inicialmente construída em taipa, porém, ao passar dos anos, suas paredes externas foram substituídas por tijolos. Algumas madeiras em sua cobertura já foram trocadas, mas em geral, grande parte delas permanece bem preservada.

Outras imagens:

Figura 3: Paredes com 40cm de espessura



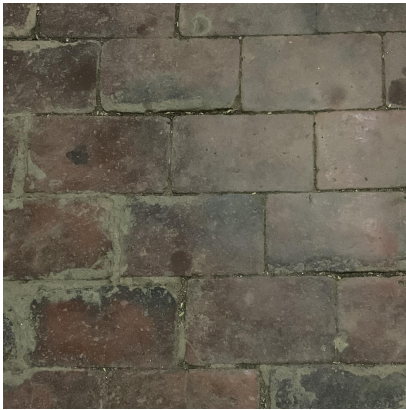
Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Interior da edificação



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Piso de tijoleira original



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Cobertura com telhas originais e algumas partes do madeiramento modificados



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Túmulo de João Agripino de Vasconcelos Maia e família



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Armadores originais remanescentes



Fonte: Autora (2023)

Figura 9: Paredes que apresentam necessidades de reparo



Fonte: Autora (2023)

Figura 10: Fogão de barro remanescente



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 04

ID.: 02

Edificação isolada:

☐

Sim

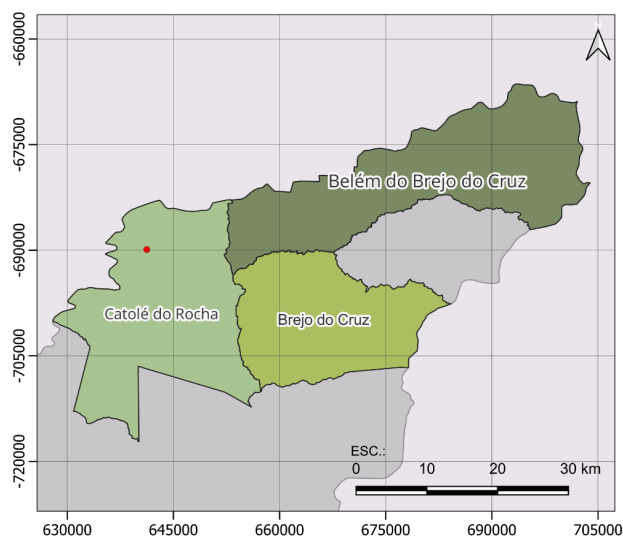
☒

Não

Data de visitação: 11/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização da Fazenda Olho D'água

LOCALIZAÇÃO
Fazenda Olho D'água

LEGENDA

- Fazenda Olho D'água

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da Fazenda Olho D'água



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°14'24.02110

Longitude: W 37°43'24.03490"

Altitude: 236m.a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Olho D'água

Tipologia:

☒

Residencial

☐

Comercial

☒

Outro: Engenho e Parque de Vaquejada

Uso:

☒

Residência do proprietário

☐

Residência do Morador

☐

Desocupada

☐

Outro

Proprietário atual:

José Otávio Maia de Vasconcelos (Zezito Maia)

Provável primeiro morador:

Sérgio e Otília Maia

Contato: (83) 99684-8774

Provável ano de construção: 1754

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☒ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☒ Capela	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☒ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☒ Engenho	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro: não foi possível identificar
☐ Outro:			

Observações:

Apesar de não ter sido possível visitar o engenho pessoalmente, relatos informais indicam que o local está muito bem conservado. Por não ter sido visitado pela autora, optou-se por não marcar o “estado de preservação”. No tópico “capela” não foi marcado o estado de preservação por ter sido construída recentemente.

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☒ Curral/estábulo	
☒ Depósito/galpão	19 depósitos
☒ Oficina	
☒ Outro:	Parque de vaquejada

Observações:

Antes da construção da atual casa, em 1783, o capitão-mor de Pombal Francisco Arruda Câmara havia erguido um sobrado de taipa e um engenho de rapadura no terreno.

A atual casa foi construída seguindo o estilo da Fazenda Santa Idalina e em 1932 o primeiro sistema de irrigação do sertão paraibano foi instalado na propriedade. Além disso, a casa recebeu importantes figuras políticas, como os ex-presidentes Getúlio Vargas, Ernesto Geisel e Café Filho.

A propriedade é também uma referência na criação de zebuínos.

Materiais, técnicas e sistema construtivo
PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Cimento ☒ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☒ Outro: granito	Na maior parte da edificação, o piso é de cimento queimado bordado. Entretanto, na parte construída posteriormente é de granito

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

As alterações que foram feitas na edificação se concentram no alpendre e na cozinha, sendo esta última mais recente.

Outras imagens:

Figura 3: Pé direito de aprox. 10 metros



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Piso original de cimento bordado



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Mobiliário preservado



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Cobertura original com pináculo decorativo



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Cômado modificado (sala de janta/cozinha)



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Depósitos, engenho e alambique na lateral da edificação



Fonte: Ronildo Txarles (2022)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 05

ID.: 07

Edificação isolada:



Sim



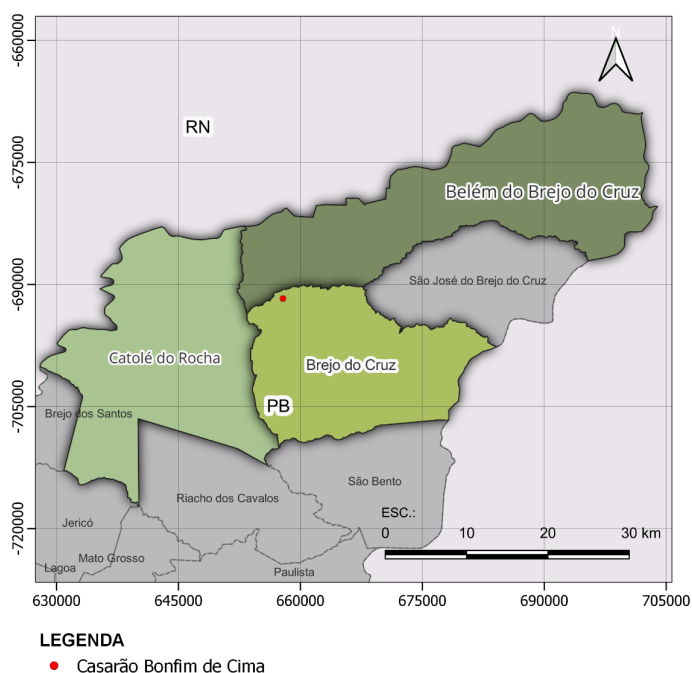
Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização do Casarão bonfim de Cima

MAPA DE LOCALIZAÇÃO Casarão Bonfim de Cima



Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal do Casarão Bonfim de Cima



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6 15'22.09360''

Longitude: W 37 34'23.37890''

Altitude: 201m.a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Casarão Bonfim de Cima

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:

Residência do
proprietárioResidência do
Morador

Desocupada



Outro: em reforma

Proprietário atual:

Provável primeiro morador:

José Lobo Maia Filho

Contato: -	Provável ano de construção: 1832*
------------	-----------------------------------

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☐ Bom ☒ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☒ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☒ Capela	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☒ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Segundo Diniz (2013), durante uma reforma realizada em 1992, uma telha datada de 1832 foi encontrada na casa em questão. Ao lado da residência encontra-se uma capela que aparenta estar bem preservada, contudo, não foi possível determinar se foi construída simultaneamente à casa ou posteriormente. O fato de possuir piso cerâmico sugere que tenha passado por reformas ao longo do tempo. Atualmente, a casa está em processo de reforma, tendo recebido recentemente uma pintura e um espaço de "festa" está sendo construído para a família. Assim como a casa do Bonfim de Cima, essa propriedade permanece sob a posse da família, que costuma comprar suas propriedades para mantê-las em suas características originais e preservar sua história.

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☐ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☒ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	Nas áreas em que foi possível o acesso, o piso era composto de cimento queimado.

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não possui/ não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Toda a cobertura aparentou modificada.

Outras imagens:

Figura 3: Nova construção (salão de festas)



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Capela construída na lateral da edificação



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Piso de cerâmica na capela



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Piso do alpendre de cimento queimado com soleira de madeira



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Fachada lateral direita



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Reparos feitos no vão da esquadria do sótão e no telhado



Fonte: Autora (2023)

Figura 9: Entrada da fachada posterior



Fonte: Autora (2023)

Figura 10: Presença de contrafortes na fachada posterior



Fonte: Autora (2023)

Figura 11: Fogão de barro encontrado na área externa



Fonte: Autora (2023)

Figura 12: Móveis antigos encontrados na área externa



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 06

ID.: 10

Edificação isolada:



Sim

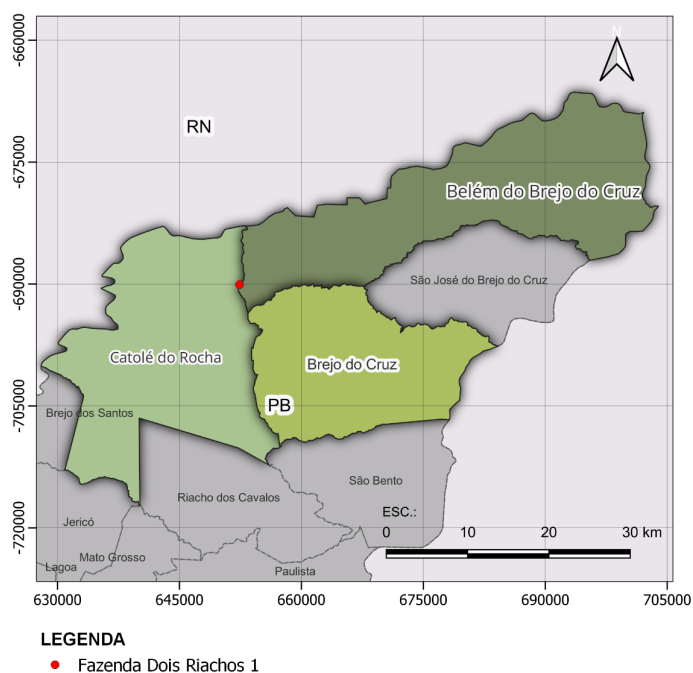


Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização da Fazenda Dois Riachos 1

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Fazenda Dois Riachos 1

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da Fazenda Dois Riachos 1



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°14'28.60010"

Longitude: W 37°37'21.0352"

Altitude: 219m a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Dois Riachos 1

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:

Residência do
proprietárioResidência do
Morador

Desocupada



Outro

Proprietário atual:

Dalva Assis Zulza Maia de Medeiros

Provável primeiro morador:

José Lobo dos Santos Maia

Contato: (83) 99896-3275

Provável ano de construção: 1860

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☐ Bom ☐ Regular ☒ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☒ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro:
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☒ Outro:	Casa dos moradores

Observações:

Junto à casa principal encontra-se uma modesta residência, habitada pelos cuidadores da propriedade. De acordo com Dona Dalva, cuidadora da propriedade, eles aguardam a conclusão da reforma da casa principal para transferirem-se para lá.

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Cimento ☒ Ladrilho ☐ Tijoleira ☒ Madeira ☐ Outro	No térreo, grande parte era composta por piso de cimento queimado, tendo ladrilhos na sala de entrada. No sótão, o piso é composto por tábuas de madeira

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não possui/ não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Grande parte da cobertura ainda é original, mas é possível verificar que algumas partes do madeiramento foram substituídas

Outras imagens:

Figura 3: Piso de ladrilho hidráulico (sala térrea)



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Piso de madeira (sótão)



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Reparos pontuais realizados na alvenaria



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Piso de madeira e esquadrias danificadas



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Telhas originais com alguns madeiramentos modificados



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Paredes com sujidades



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 07

ID.: 12

Edificação isolada:



Sim

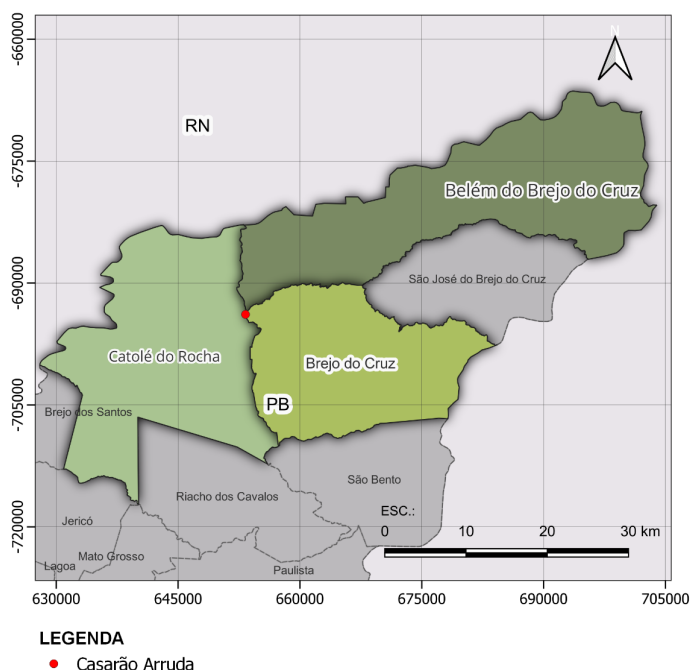


Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização do Casarão Arruda

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Casarão Arruda

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal do Casarão Arruda



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°16'31.98940"

Longitude: W 37°36'51.31520"

Altitude: 215m a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Arruda (Casarão Arruda)

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:

Residência do
proprietárioResidência do
Morador

Desocupada



Outro

Proprietário atual: Herdeiros
Rodolfo Maia

Provável primeiro morador: Bernardo Ferreira Maia

Contato: -

Provável ano de construção: iniciada em 1874

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☐ Bom ☒ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☒ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro:
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	Fachada frontal apresenta bom estado de conservação, apresentando pintura recente, entretanto, as demais fachadas apresentam sujidades e partes faltantes, com alvenaria aparente

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☒ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	Não foi possível realizar a visita no interior da edificação, mas no alpendre, o piso é composto por cimento queimado

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não possui/ não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Não havia nenhum morador na propriedade no momento da visita.

Outras imagens:

Figura 3: Escadaria de entrada em meia-lua



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Detalhes em arco no vão das esquadrias frontais



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Telhas originais com madeiramento modificado (alpendre)



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Alvenaria aparente em uma das fachadas laterais



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Presença de contraforte na fachada posterior



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Detalhe em arco na esquadria



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 08

ID.: 08

Edificação isolada:



Sim



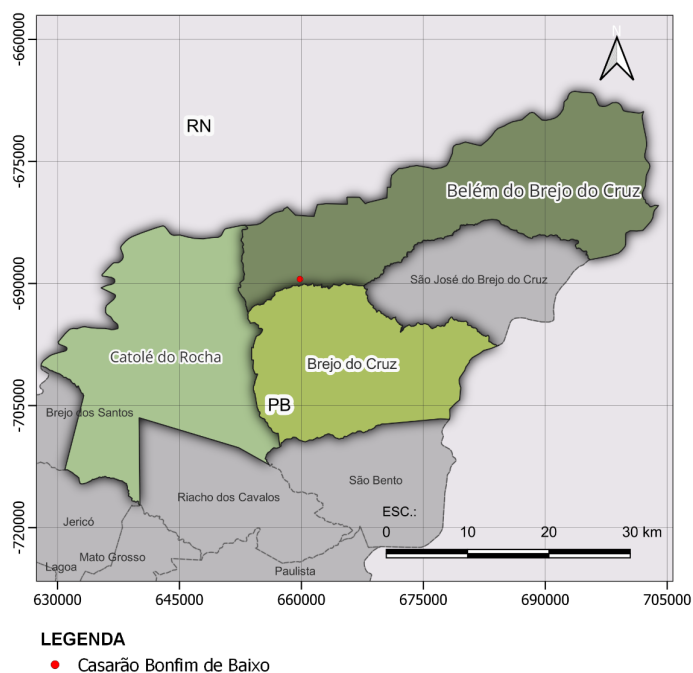
Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização do Casarão Bonfim de Baixo

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Casarão Bonfim de Baixo



Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal do Casarão Bonfim de Baixo



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°14'8.08550"

Longitude: W 37°33'19.53170"

Altitude: 188m.a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Casarão Bonfim de Baixo

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:

Residência do
proprietárioResidência do
Morador

Desocupada



Outro

Proprietário atual:

Família de Janicleide Oliveira da Silva

Provável primeiro morador:

Contato: (83) 99655-1419

Provável ano de construção: 1878

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☒ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☒ Depósito/galpão	Há um depósito ao lado da edificação principal
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	As paredes apresentam bom estado de preservação, sendo identificado alguns reparos pontuais

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☐ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☒ Frontal ☐ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☒ Outro	Em alguns cômodos, como os quartos, o piso de cimento foi substituído por cerâmicas. Em outras partes, apresentam piso de cimento queimado, tendo na sala, o cimento bordado.

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Alguns intervenções já foram realizadas, como a inserção de grades de segurança

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não possui/ não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Apesar de ainda apresentar alguns pisos originais, a maior parte da escada já foi alterada.

Outras informações:

As madeiras para a confecção do telhado foram retiradas da própria propriedade;
 A maior parte da cobertura ainda é original, entretanto, algumas partes precisaram ser substituídas.

Outras imagens:

Figura 3: Piso de cimento bordado



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Piso original da escada em contraste com os pisos modificados



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Piso de cerâmica (à esquerda) em contraste com o piso de cimento queimado original (à direita)



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Telhas originais (à esquerda) em contraste com telhas novas (à direita)



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Piso de madeira original (em cima) em contraste com piso de madeira modificado (embaixo)



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Depósito à lateral da edificação



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 09

ID.: 03

Edificação isolada:



Sim

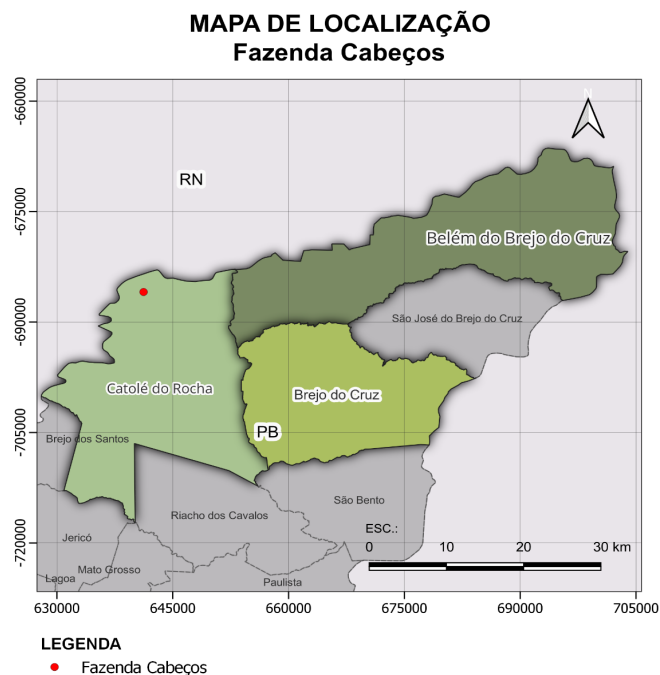


Não

Data de visitação: 11/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização da Fazenda Cabeços



Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da edificação principal da Fazenda Cabeços



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°12'14.30080"

Longitude: W 37°43'25.08380"

Altitude: 248m.a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Cabeços

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:



Residência do proprietário



Residência do Morador



Desocupada



Outro: em reforma

Proprietário atual:

Provável primeiro morador:

Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (Coronel Maia)

Contato: -

Provável ano de construção: 1880 (1877 - posse)

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☒ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☒ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☒ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☒ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações: Não havia nenhum morador no momento da visita;
Foi possível verificar as ruínas de engenho, abrigando ainda alguns maquinários restantes.

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☒ Curral/estábulo	Não foi possível visitação
☒ Depósito/galpão	Não foi possível visitação
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações: Apesar da edificação principal (Casa de morada) está em aparente bom estado e passando por reformas (foi possível observar materiais de construção no local), as outras edificações não apresentam bom estado de conservação;

Além do engenho em ruínas, depósitos e galpões apresentam manchas de umidade, crostas nas fachadas, não possuem rebocos no interior, esquadrias precárias ou faltantes e telhas quebradas ou em falta.

Materiais, técnicas e sistema construtivo			
PAREDES			
Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	
COBERTURA			
Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda
PISO			
Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição	
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	Não foi possível verificar o piso da edificação principal, mas no alpendre, o piso é constituído de blocos com cimento queimado	
ESQUADRIAS			
Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição	
☐ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Foi possível perceber acréscimo recente de blocos de vidro nas esquadrias	
ESCADAS			
Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição	
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro		

Outras informações:

Não se sabe quem era o dono/primeiro morador. Foi encontrada abandonada depois da seca de 1877, sendo apossada pelo Coronel Maia.

Pela imagem (figura 1), é possível perceber modificações realizadas na edificação, como o guarda-corpo retirado, e uma nova escadaria de acesso em construção. A pintura também se mostra recente.

Outras imagens:

Figura 3: Fachada antes das modificações



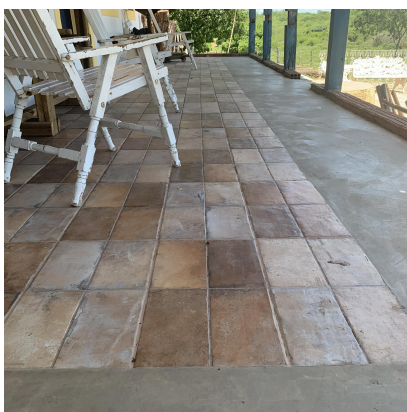
Fonte: Página do facebook Américo Maia Vasconcelos (2018)

Figura 4: Fachada atual, com acréscimo de escadaria frontal



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Piso com blocos e cimento queimado (varanda)



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Inserção de blocos de vidro nas esquadrias em andamento



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Depósito/galpão em estado precário de conservação



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Inserção de blocos de vidros nas esquadrias finalizado



Fonte: Autora (2023)

Figura 9: Maquinário remanescente do antigo engenho



Fonte: Autora (2023)

Figura 10: Galpão apresentando estado de conservação precário



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 10

ID.: 11

Edificação isolada:



Sim

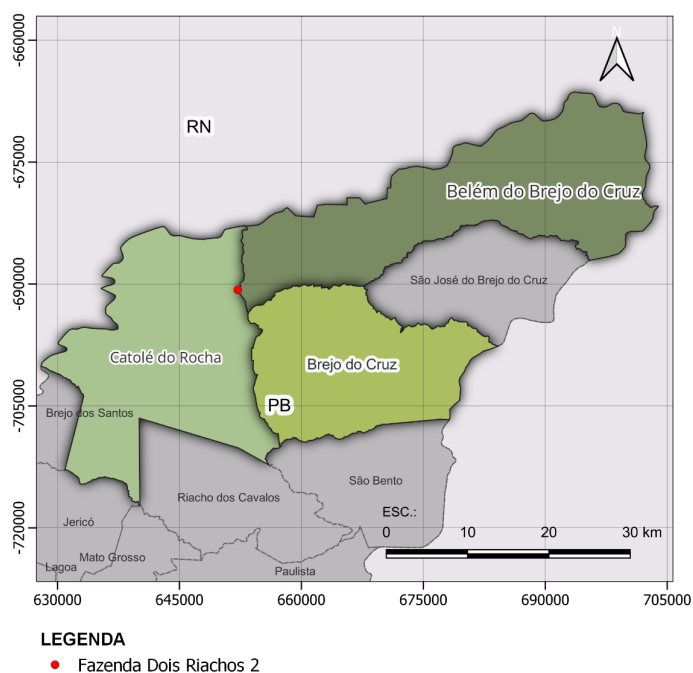


Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização da Fazenda Dois Riachos 2

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Fazenda Dois Riachos 2

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da Fazenda Dois Riachos 2



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°14'49.48440"

Longitude: W 37°37'28.53060"

Altitude: 207m a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Dois Riachos 2

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:



Residência do proprietário



Residência do Morador



Desocupada



Outro

Proprietário atual:

Francisca Ferreira (Moradora)

Provável primeiro morador:

Coronel Valdivino Lobo

Contato: (83) 99996-7556

Provável ano de construção: 1885

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☒ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro: 2 pavimentos e um sótão
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☒ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☒ Outro: Curral	Não possível visitação		

Observações:

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo
PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☒ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☒ Ladrilho ☒ Tijoleira ☒ Madeira ☐ Outro	Apenas em uma sala no térreo contém o piso original. No restante da edificação são encontrados diferentes exemplares de ladrilho hidráulico. No sótão, o piso é composto por tábuas de madeira

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Foram inseridos elementos devido a recente gravação de um filme na propriedade

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☒ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não possui/ não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Foram inseridos elementos devido a recente gravação de um filme na propriedade

Outras informações:

Recentemente, a propriedade foi escolhida como um dos cenários do filme "Ladário", cuja data de lançamento ainda não foi divulgada. Além disso, o local é conhecido por ter sido palco de uma das maiores invasões de cangaceiros, incluindo figuras lendárias como Ulisses Liberato de Alencar e Sinhô Pereira, um dos mentores de Lampião. Durante o evento, foi subtraída uma quantia significativa de dois contos e oitocentos mil réis, juntamente com 120 libras esterlinas.

Outras imagens:

Figura 3: Piso de tijoleira original remanescente



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Piso de ladrilho hidráulico



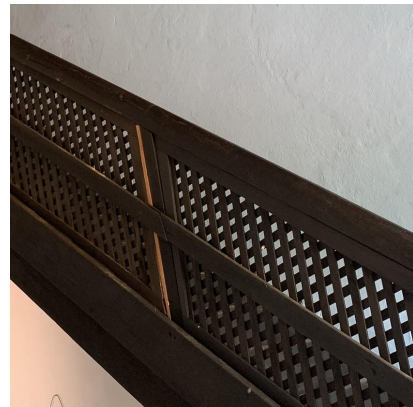
Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Piso de ladrilho hidráulico



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Elementos recentes inseridos no guarda-corpo da escada



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Vidros inseridos recentemente nas esquadrias



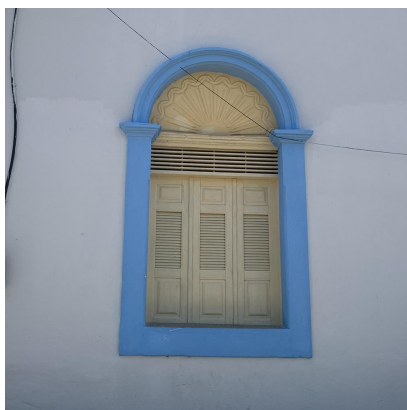
Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Oratório de madeira original



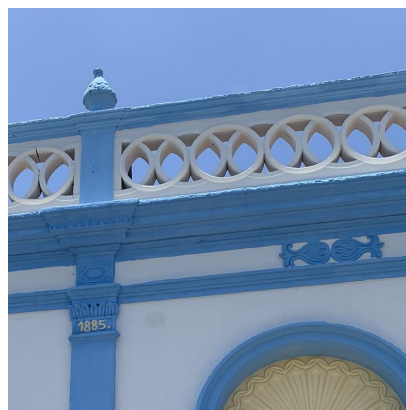
Fonte: Autora (2023)

Figura 9: Detalhes ecléticos nos vãos das esquadrias



Fonte: Autora (2023)

Figura 10: Pináculo e detalhes ecléticos na fachada e platibanda



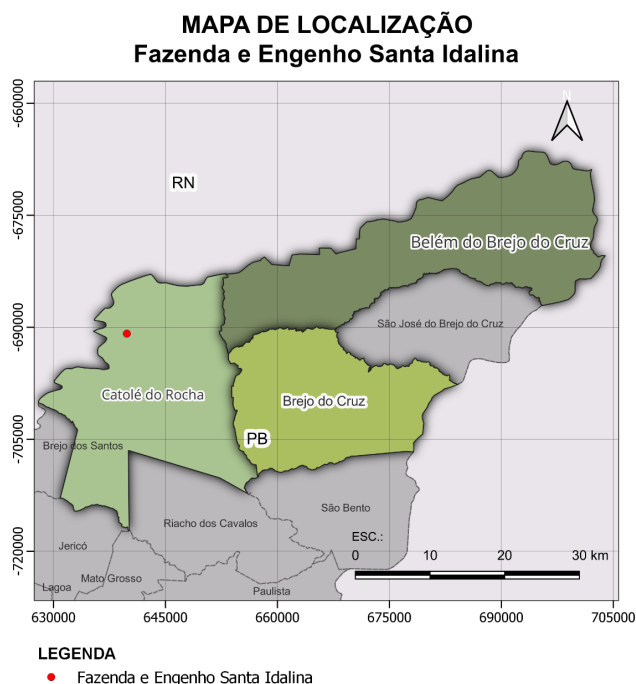
Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 11	ID.: 01	Edificação isolada: ☒ Sim ☐ Não	Data de visitação: 11/02/2023
-----------	---------	--	-------------------------------

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização da Fazenda e Engenho Santa Idalina



Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da edificação principal (Casa de morada) da Fazenda Santa Idalina



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S° 6°14'55.34310"	Longitude: W 37°44'10.84180"	Altitude: 239 m.a.s.l
-----------------------------	------------------------------	-----------------------

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Santa Idalina

Tipologia:	☒ Residencial	☐ Comercial	☒ Outro: Engenho
Uso:	☐ Residência do proprietário	☐ Residência do Morador	☐ Desocupada ☒ Outro: uso esporádico
Proprietário atual: Dr. Fábio Mariz Maia	Provável primeiro morador: João Agripino I e Idalina Maia		
Contato: -	Provável ano de construção: 1886		

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☒ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☒ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☒ Engenho	☐ Bom ☒ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☒ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☒ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☒ Curral/estábulo	
☒ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	Paredes da Casa de morada com aprox. 30cm de espessura; Paredes do engenho com aprox. 70cm de espessura.

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☒ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	Não foi possível verificar o piso da edificação principal; Piso do engenho em cimento queimado, de estado preservado, com regular estado de conservação.

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Não foi possível a identificação das esquadrias do interior da edificação principal, mas as esquadrias de fachada são de madeira, em bom estado de preservação

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Pintura recente na edificação principal (Casa de morada)

Outras imagens:

Figura 3: Escadaria da edificação principal em formato “meia-lua”



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Pináculos e detalhes ecléticos na fachada frontal



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Detalhes nos vãos das esquadrias



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Detalhe decorativo na platibanda da fachada posterior



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Cobertura original (Engenho)



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Cobertura modificada (Engenho)



Fonte: Autora (2023)

Figura 9: Interior do Engenho



Fonte: Autora (2023)

Figura 10: Interior do Engenho



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 12

ID.: 09

Edificação isolada:



Sim

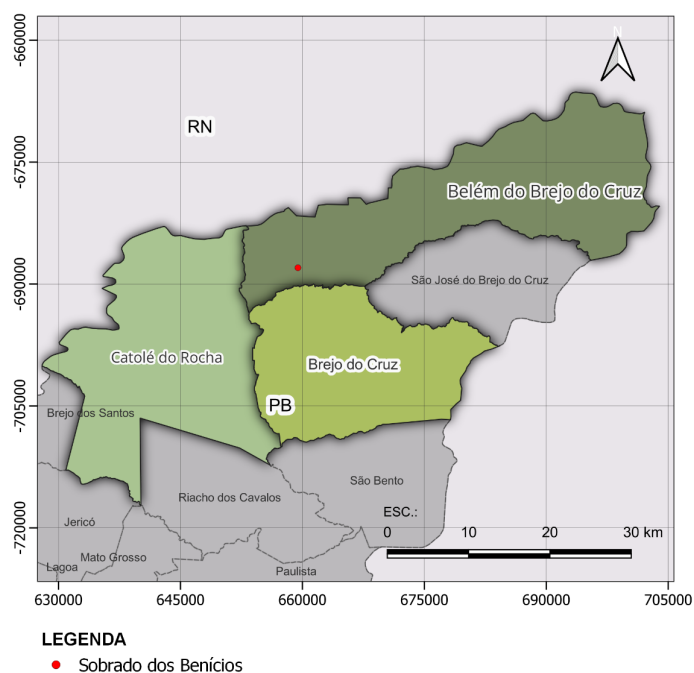


Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização do Sobrado

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Sobrado dos Benícios

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal do Sobrado



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°13'20.38030"

Longitude: W 37°33'31.78690"

Altitude: 187m a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Fazenda Sobrado (Sobrado dos Benícios)

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:

Residência do
proprietárioResidência do
Morador

Desocupada



Outro

Proprietário atual:

Provável primeiro morador:

Contato:

Provável ano de construção: Final do séc. XIX

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☐ Bom ☐ Regular ☒ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☒ Outro: 2 pavimentos e um sótão
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

A presença de contrafortes, além da altura, é uma das características marcantes desta construção, que segundo relatos informais, é um dos marcos fundadores da cidade, junto com a Igreja Matriz. Acredita-se que tenha sido construída por holandeses, vindos do Estado de Pernambuco, no século XIX, e tem aproximadamente entre 150 e 200 anos de existência. Infelizmente, devido à grande presença de insetos, como abelhas, não foi possível uma melhor aproximação da edificação.

Materiais, técnicas e sistema construtivo
PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☒ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Vergas em arco pleno;

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não possui/ não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Outras imagens:

Figura 3: Sobrado em perspectiva



Figura 4: Contrafortes presentes nas fachadas laterais da edificação



Figura 5: Detalhes dos vãos das esquadrias



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Detalhes dos vãos das esquadrias



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Interior do sobrado (térreo)



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Piso do primeiro pavimento



Fonte: Autora (2023)

Figura 9: Elementos decorativos na platibanda



Fonte: Autora (2023)

Figura 10: Detalhes construtivos



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 13

ID.: 05

Edificação isolada:



Sim



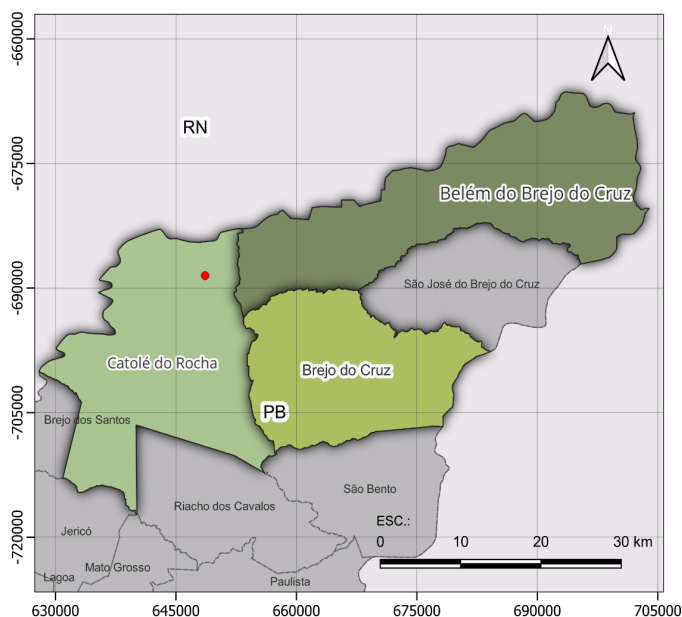
Não

Data de visitação: 11/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização do Casarão Diomedes Lobo

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Casarão Diomedes Lobo



LEGENDA

• Casarão Diomedes Lobo

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada do casarão



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°13'3795840"

Longitude: W 37°39' 24.00860"

Altitude: 208m.a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Casarão Diomedes Lobo*

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro

Uso:



Residência do proprietário



Residência do Morador



Desocupada



Outro

Proprietário atual:

Provável primeiro morador:

Contato:

Provável ano de construção:

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☒ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☒ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Embora não haja registros sobre a construção em si, na fachada encontram-se inscrições com o nome "Diomedes Lobo" e a data de 3.12.57. Um fato de importante destaque é que Diomedes Lobo, filho de Francisco Lobo Maia, restaurou uma edificação semelhante de cerca de 1880 e também colocou inscrições na platibanda. Metade da edificação se encontra em ruínas, onde não há mais coberturas, vedações verticais e esquadrias. A outra parte estava fechada e não foi possível acesso.

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☐ Preservada ☐ Modificada ☒ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☐ Lateral ☐ Beiral ☒ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☒ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	O piso remanescente da parte da edificação que está em ruínas é composto por cimento queimado. Na parte em que ainda está preservada, não foi possível identificação.

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Na parte em ruínas não haviam mais esquadrias; Não foi possível confirmar se as esquadrias existentes na parte remanescente da edificação são as originais.

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Na parte restante da edificação, a cobertura é composta por duas águas, de empena frontal; Não foi possível verificar as modificações realizadas no telhado.

Outras imagens:

Figura 3: Escritos encontrados na platibanda



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Perspectiva da fachada



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Parede interior da fachada



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Casarão semelhante à edificação catalogada (Fazenda Alvaredo)



Fonte: Ronildo Txarles (2022)

Figura 7: Inscrição semelhante à da edificação catalogada



Fonte: Ronildo Txarles (2022)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 14

ID.: 14

Edificação isolada:



Sim

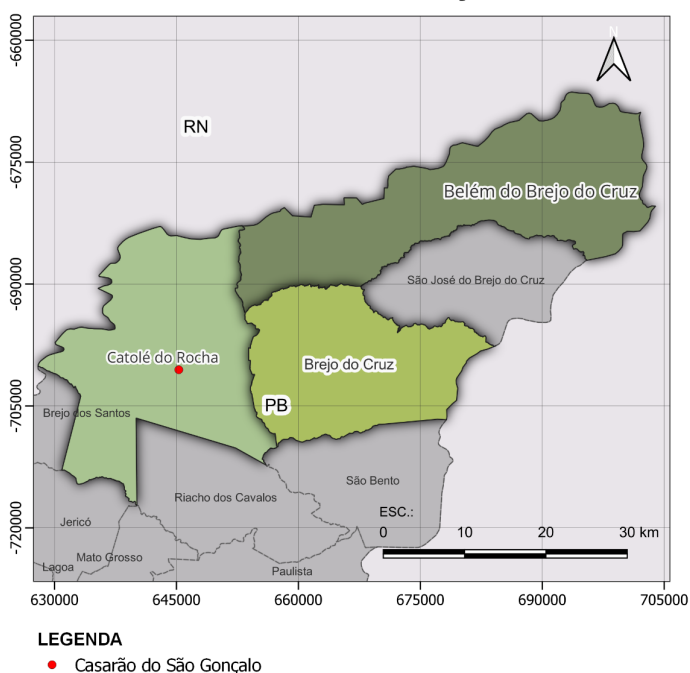


Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização do Casarão do São Gonçalo

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Casarão do São Gonçalo

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada Frontal



Fonte: Ronildo Txarles (2022)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°20'10.27250"

Longitude: W 37°41'11.56060"

Altitude: 255m a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Casarão do São Gonçalo (Saco)

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:

Residência do
proprietárioResidência do
Morador

Desocupada



Outro: curral

Proprietário atual:

-

Provável primeiro morador:

-

Contato: -

Provável ano de construção: séc. XIX

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☐ Bom ☐ Regular ☒ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☒ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Não havia moradores presentes na propriedade ou nas proximidades durante a visita. A presença de insetos, incluindo abelhas, impediu a entrada na edificação. No entanto, foi constatado que a estrutura está sendo utilizada como abrigo para bovinos.

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☐ Curral/estábulo	
☒ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	Casa dos moradores

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☐ Taipa ☒ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	Havia sujidades em diversos pontos e o reboco estava faltando em algumas áreas, expondo a alvenaria.

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☒ Frontal ☐ Lateral ☐ Beiral ☒ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não foi possível identificar	☐ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Na fachada, as esquadrias estavam danificadas ou ausentes.

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não possui/ não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Outras imagens:

Figura 3: Detalhe no vão das esquadrias



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Detalhes na fachada frontal com escritos não identificados



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Cobertura original com algumas telhas faltantes



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Perspectiva da edificação lateral



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Detalhes da fachada frontal da edificação lateral



Fonte: Autora (2023)

Figura 8: Lateral da edificação



Fonte: Autora (2023)

INVENTÁRIO DAS EDIFICAÇÕES

Ficha: 15

ID.: 15

Edificação isolada:



Sim

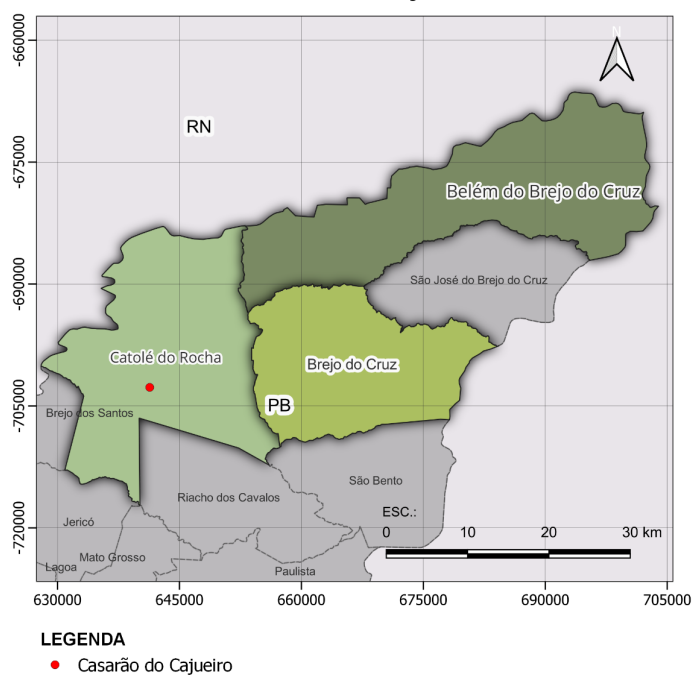


Não

Data de visitação: 12/02/2023

Levantamento espacial e fotográfico da edificação

Figura 1: Mapa de localização do Casarão do Cajueiro

MAPA DE LOCALIZAÇÃO
Casarão do Cajueiro

Fonte: Elaborado pela Autora (2023) sob Base Cartográfica do IBGE (2021)

Figura 2: Fachada frontal da edificação



Fonte: Autora (2023)

DADOS GEORREFERENCIAIS

Latitude: S 6°21'21.17660"

Longitude: W 37°43'19.78310"

Altitude: 249m a.s.l

IDENTIFICAÇÃO

Casarão do Cajueiro

Tipologia:



Residencial



Comercial



Outro:

Uso:



Residência do proprietário



Residência do Morador



Desocupada



Outro:

Proprietário atual:

-

Provável primeiro morador:

-

Contato: -

Provável ano de construção: -

CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA EDIFICAÇÃO

Tipologias primárias identificadas

Tipo de edificação	Estado de conservação	Estado de preservação	Num. de pavimentos
☒ Casa de morada	☐ Bom ☐ Regular ☒ Precário ☐ Ruína	☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☒ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro: 2 pavimentos e um sótão
☐ Capela	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Térreo ☐ Térrea com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Engenho	☐ Bom ☐ Regular ☐ Precário ☐ Ruína	☐ Preservado ☐ Modificado ☐ Descaracterizado	☐ Térreo ☐ Térreo com sótão ☐ 2 pavimentos ☐ Outro
☐ Outro:			

Observações:

Não foi possível obter informações sobre a construção, uma vez que não havia ninguém ocupando a propriedade ou nas redondezas no momento da inspeção. No entanto, foi possível analisar o interior da edificação.

Tipologias secundárias identificadas

Tipo de edificação	Observações
☒ Curral/estábulo	Na lateral da edificação
☐ Depósito/galpão	
☐ Oficina	
☐ Outro:	Casa dos moradores

Observações:

Materiais, técnicas e sistema construtivo

PAREDES

Material	Estado de preservação	Revestimento	Observações/breve descrição
☒ Taipa ☐ Tijolo ☐ Pedra ☐ Outro	☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada	☐ Sem reboco ☒ Reboco e cal ☐ Azulejo ☐ Outro	Além de sujidades, em diversos locais há partes faltantes

COBERTURA

Estado de preservação	Estrutura	Águas	Empena
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outros	☐ Uma água ☒ Duas águas ☐ Quatro águas ☐ Outro	☐ Frontal ☒ Lateral ☐ Beiral ☐ Platibanda

PISO

Estado de preservação	Material	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Cimento ☐ Ladrilho ☐ Tijoleira ☐ Madeira ☐ Outro	

ESQUADRIAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☒ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☐ Não foi possível identificar	☒ Madeira ☐ Outro	Na fachada, as esquadrias se dividem entre danificadas ou faltantes

ESCADAS

Estado de preservação	Material principal	Observações/breve descrição
☐ Preservada ☐ Modificada ☐ Descaracterizada ☒ Não possui/ não foi possível identificar	☐ Madeira ☐ Outro	

Outras informações:

Outras imagens:

Figura 3: Cobertura original



Fonte: Autora (2023)

Figura 4: Paredes com partes faltantes



Fonte: Autora (2023)

Figura 5: Madeiras aparentes



Fonte: Autora (2023)

Figura 6: Alveolização nas paredes



Fonte: Autora (2023)

Figura 7: Presença de buracos no interior da edificação



Fonte: Autora (2023)

Figuras 8: Presença de beira seveira



Fonte: Autora (2023)

APÊNDICE E – GUIA ILUSTRADO

Diário

DE VIAGEM

DESCOBRINDO O PATRIMÔNIO HISTÓRICO
CULTURAL DA MICRORREGIÃO DE
CATOLÉ DO ROCHA - PB



Dia 5



TINA

Oi pessoal, eu sou a Tina! Eu estou tão animada em contar pra vocês sobre a aventura incrível que eu tive com a minha turma da escola e nossa professora. Nós construímos uma máquina do teletransporte! Siuuuim, uma máquina do tempo de verdade! E o melhor de tudo é que ela realmente funcionou! 😍😍

No começo, todos nós estávamos um pouco nervosos e incertos se a máquina iria realmente funcionar. Mas, depois de algumas tentativas, finalmente, fomos capazes de viajar por aí e escolhemos visitar a microrregião de Catolé do Rocha!

Foi incrível e nós aprendemos muito sobre o patrimônio cultural, as construções e a cultura local. Visitamos muitos lugares interessantes, como fazendas, engenhos, e até uma igreja antiga. Foi tão legal ver tudo isso de perto! Uma experiência fantástica!

Eu mantive um diário de viagem ao longo de toda a nossa aventura, e é isso que você está lendo agora: meu diário de viagem da nossa incrível jornada pelo tempo.

Espero que vocês gostem de ler tanto quanto eu gostei de escrever!

Mas vem cá, você sabe onde fica onde vamos visitar? Fica lá no sertão da Paraíba! Num espaço chamado de microrregião de Catolé do Rocha. É esse nome é bem interessante! É de uma cidade importante que tem lá e ele vem de uma palmeira encontrada na região, chamada de coco catolé, e do sobrenome do fundador da cidade, que era Rocha. Essas cidades do sertão, como o Catolé do Rocha, foram formadas perto dos rios e riachos, porque a economia dependia da pecuária e da agricultura, e eles precisavam de muita água e terras boas. E foi assim que foram surgindo as edificações que vamos conhecer. Legal, né?



Esse cantinho verde é onde fica a microrregião de Catolé do Rocha

PARAÍBA

PB



E essas são as cidades da microrregião de Catolé do Rocha que vamos conhecer



Oi diário, hoje eu vou contar sobre os preparativos da viagem incrível que eu e meus colegas fizemos com a professora. Ela disse que nós iríamos viajar no tempo e conhecer construções super antigas, algumas com mais de 200 anos! Eu nem imaginava que existia tanta coisa ~~velhinha~~ velhinha assim!

A professora também nos falou sobre Patrimônio histórico e cultural, que são coisas importantes que precisam ser preservadas para que as pessoas possam conhecer a história do lugar.

Ela nos deu uma lista de coisas para pesquisar sobre a região, os tipos de bens culturais e como eram as construções antigas.

Eu achei tudo muito legal e fiquei super empolgada para a viagem!

ATIVIDADE PARA CASA TURMA DA PROF. ANNA



Para casa, vamos estudar sobre uma região muito legal chamada microrregião de Catolé do Rocha.

Para começar, vamos fazer uma pesquisa sobre a microrregião de Catolé do Rocha, descobrir alguns aspectos históricos e culturais. Vamos buscar informações sobre como as casas eram construídas antigamente, quais materiais eram utilizados e como eram as suas características.

Além disso, vamos pesquisar sobre os tipos de patrimônios existentes. Existem vários tipos diferentes, como o patrimônio histórico, o patrimônio natural, o patrimônio imaterial e o patrimônio arqueológico. Vamos aprender sobre cada um deles e ver como eles são importantes para preservar a nossa história e cultura.

Depois de pesquisar, vamos compartilhar nossas descobertas com a turma. Que tal criarmos um cartaz para apresentar as informações que encontramos?

Vamos colocar a mão na massa e aprender bastante sobre a história e cultura da microrregião de Catolé do Rocha!

DIA 3

Hoje foi o dia da apresentação na sala de aula! Eu estava muito animada para mostrar para os meus amigos tudo o que aprendi sobre a microrregião de Catolé do Rocha e sobre patrimônio cultural.

Eu passei um tempão pesquisando e aprendi muitas coisas legais sobre a região e as construções antigas. Eu coloquei no cartaz informações sobre como eram as casas antigas, quais os elementos que elas possuem, e como elas foram construídas. Também falei sobre os tipos de patrimônio cultural que existem, que são muitos!

Foi muito legal compartilhar o que eu aprendi com a turma!!!

Olha só o minha pesquisa



Aponte a câmera do celular para o QRCode e veja o cartaz da Tina em melhor resolução

Dia 5



MAPA DAS VISITAÇÕES

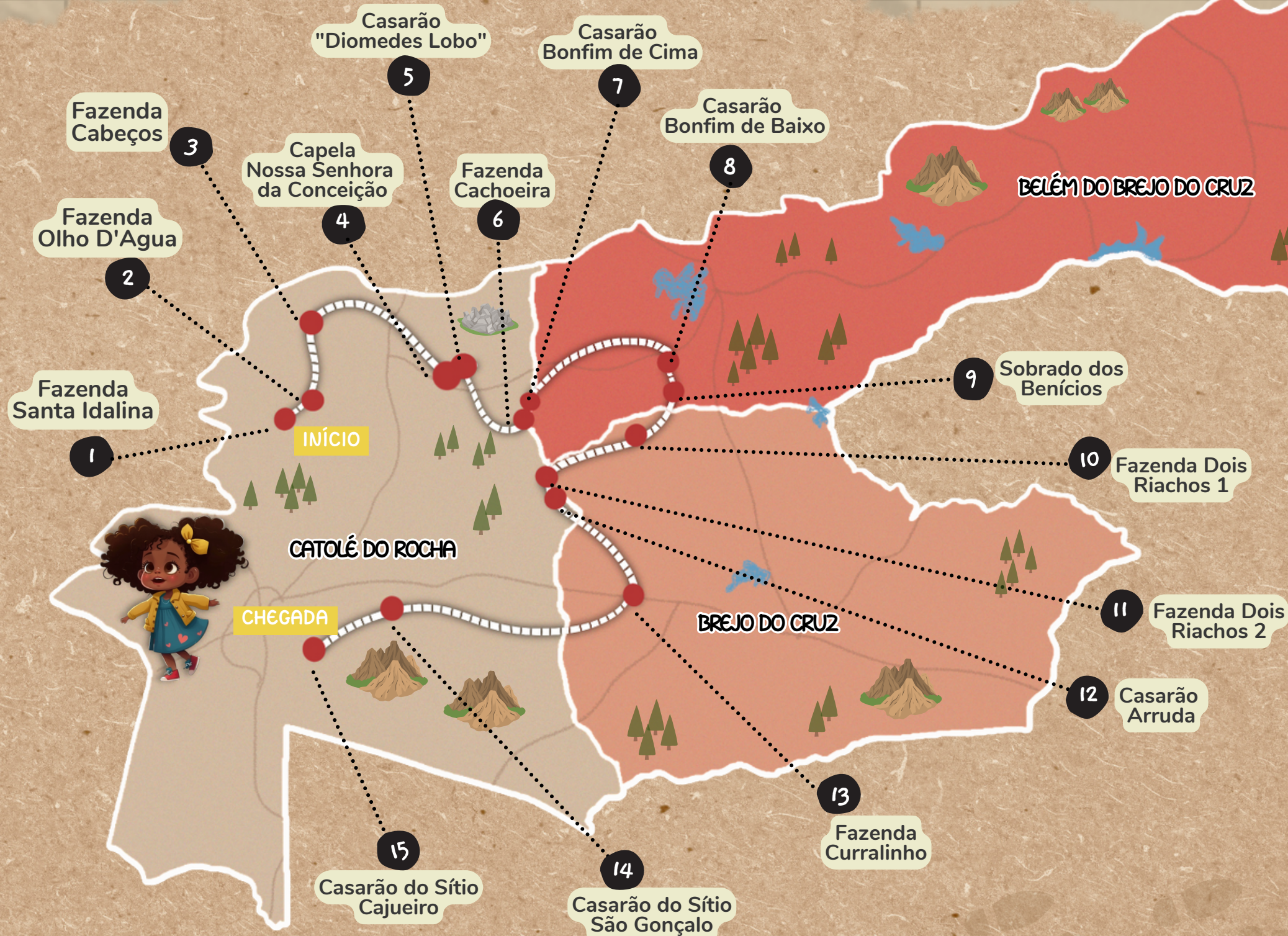
Oi diário!!!

Hoje foi incrível! Viajamos na máquina de teletransporte e foi super legal! Parecia que estávamos flutuando no espaço. Quando chegamos lá na região de Catolé do Rocha, vimos casas antigas e construções incríveis que nunca tínhamos visto antes.

Apreendi muito sobre a cultura e história da arquitetura da região. Foi muito legal ver como as casas eram diferentes em outras épocas.

Enquanto meus amigos descansavam, fiz um mapa dos locais que visitamos.

Assim, quem ler meu diário poderá sentir que viajou comigo! Estou animada para compartilhar tudo o que vi e as fotos que tirei.



Fazenda SANTA IDALINA

Começamos nossa viagem pela fazenda Santa Idalina e vocês não vão acreditar, ela é linda demais. As cores azul e amarelo chamam bastante atenção e ela tem uns elementos bem diferentes que a professora disse que se chamam platibanda, pináculos e moldura. Disse também que ela foi construída em 1886. Muito tempo, né? Sabe o que eu achei mais legal? Nessa fazenda tem um engenho, que a prof. disse que é um dos mais antigos de todo o estado ainda funcionando. Eu fiquei só imaginando as rapadurinhas que devem ser produzidas lá... Ai que vontade de experimentar!



Fazenda Olho D'água



Bordinha na janela,
chamada de "moldura"



Detalhes bonitos na
fachada



Máquina gigante de moer
cana-de-açúcar



Lugar dentro do engenho
onde fazem as rapaduras

Fazenda OLHO D'AGUA



Fazenda Olho
D'agua



Capela da fazenda
Olho D'agua



*Darling I know, I should have
left long ago - but you're so
attractive. I had to watch
a so*

*I see running. It's com-
important like. I'll be
But it looks as if you are in
quite a session. I'll give up
quite a temporarily.*

A Fazenda Olho D'agua foi a segunda que visitamos e eu fiquei de boca aberta! A casa de morada é tão linda, cheia de árvores e com um alpendre maravilhoso! A professora contou que ela foi construída depois da demolição de uma casa de taipa que foi construída em 1786. É o mais legal é que lá tem um monte de objetos incríveis que foram trazidos de outras viagens pelos donos da fazenda. Ela é bem famosa por aqui e já recebeu gente importante como os ex-presidentes Getúlio Vargas, Ernesto Geisel e Café Filho. E vocês sabiam que tem uma capela maravilhosa do lado da casa? O telhado é parecido com o de outra capela que visitamos também.



fazenda CABEÇOS

A casa foi construída há muito tempo, mas não sabemos a data certa. A professora falou que depois de um tempo vazia, o Coronel Maia foi morar nessa fazenda, em 1877, quando houve uma grande seca na região. Atrás da casa, tem uma máquina a vapor bem antiga, e pudemos ver tudo de perto. Foi muuuuito legal!



fazenda Cabeços



Máquina a vapor



Máquina a vapor



CAPELA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Visitamos também a Capela de Nossa Senhora da Conceição e a gente não sabe quem a construiu. Ela foi recentemente pintada e é cuidada pelos fiéis. Os tijolos usados para construir a capela são bem pesados, quase 14 quilos cada um! UAU!!!!

Alguns falaram que foram os jesuítas que construíram, mas outras pessoas falam que a capela já existia quando a região foi colonizada.

A capela de Nossa Senhora da Conceição é muito bonita e tem coisas interessantes dentro dela. Tem um buraco que a gente não sabe pra que serve, e também tem um lugar onde a família Lobo está enterrada, como José Lobo e Felícia Maia.



Capela Nossa Senhora da Conceição



Dentro da Capela



Buraco misterioso



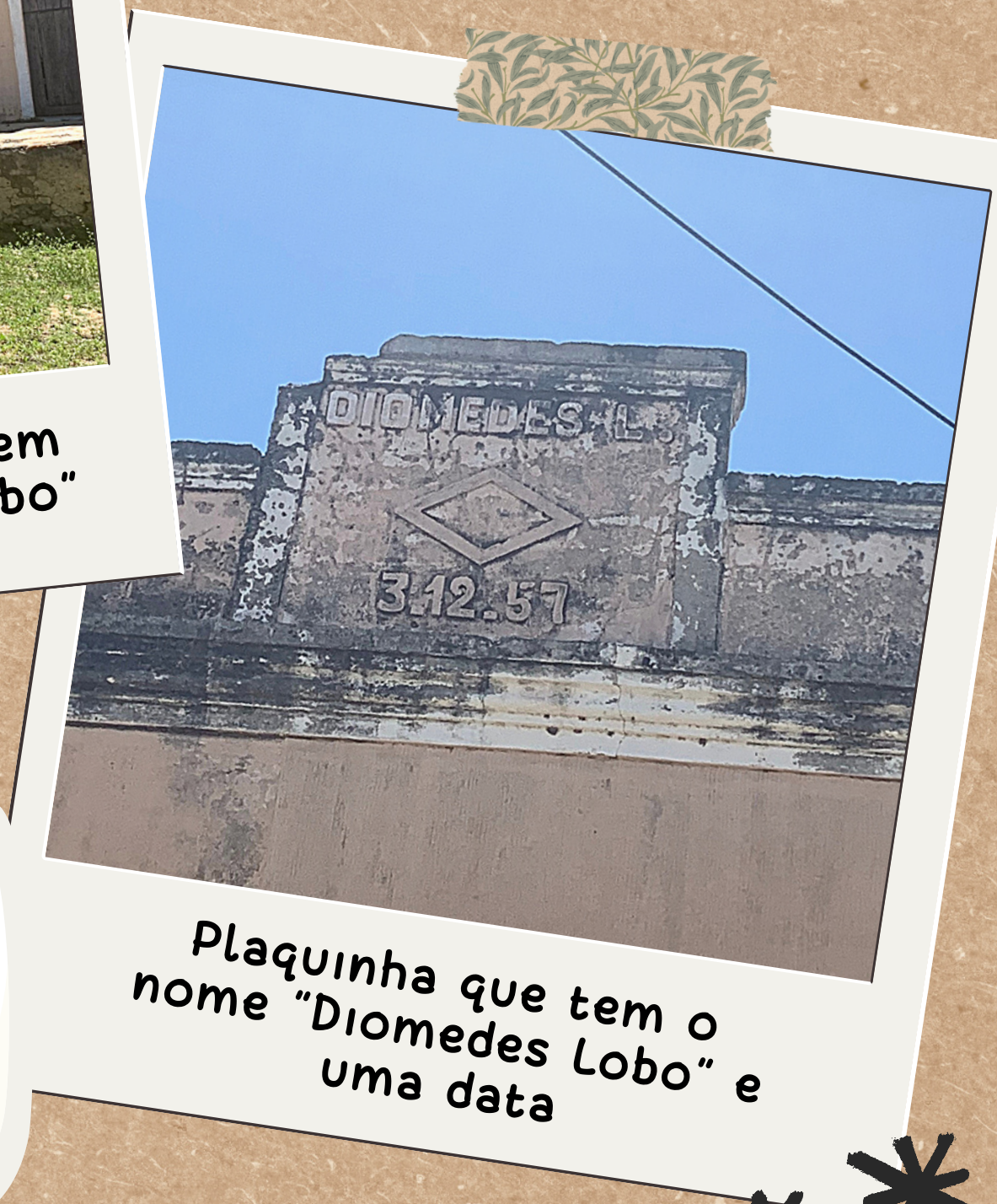
Lugar que está enterrada a família Lobo



+ CASARÃO DIOMEDES LOBO



Restos da casa que tem
o nome "Diomedes Lobo"



Plaquinha que tem o
nome "Diomedes Lobo" e
uma data

Foi legal visitar essa casa, mas fiquei triste porque não achamos muita informação sobre ela. Na frente da casa, tem o nome "Diomedes Lobo" e uma data. A professora contou que ele era filho de Francisco Lobo Maia e restaurou uma casa parecida em 1880, e também colocou seu nome lá. Então, a gente acha que essa casa é da mesma época.



Fazenda CACHOEIRA

Eu também visitei a Fazenda Cachoeira, em Brejo do Cruz. É uma das casas mais antigas da região e é branca com detalhes azuis. Tem uma pintura bonita de Nossa Senhora Aparecida na frente. A casa era feita de taipa, mas ao longo do tempo, as paredes externas foram trocadas por tijolos. Muitas pessoas importantes já viveram lá, como João Agripino de Vasconcellos Maia, um político importante da Paraíba que nasceu lá em 1886. Seus restos mortais e de sua família estão enterrados no quarto onde ele costumava dormir.



CASARÃO

BONFIM DE CIMA



Casa de morada



Capela

A casa é simples, com cores branco e azul. Eles estão construindo um lugar para festas lá. A professora disse que encontraram uma telha antiga durante uma reforma em 1992, que mostra a data 1832, o que parece ser o ano de construção da casa. Também havia uma capela por perto, mas ela não sabe se foi construída na mesma época, porque tem um piso de cerâmica.

Essa casa é bem antiga, foi construída em 1878, e a parte de dentro está muito bem cuidada. Não teve muitas mudanças ao longo dos anos. Algumas telhas foram trocadas, colocaram piso de cerâmica em alguns lugares e também colocaram grades na entrada da casa



CASARÃO

BONFIM DE BAIXO

SOBRADO dos Benícios



Olha só o que nós visitamos: o Sobrado, em Belém do Brejo do Cruz, que é uma das construções mais famosas da região e muito importante para a cidade. Foi construído por holandeses que vieram de Pernambuco há mais de 100 anos, mas infelizmente eles usaram trabalho escravo. O Sobrado é muito grande, tem dois andares e um sótão, o que era raro na época em que foi construído. Mesmo que esteja velho e abandonado, ainda é muito imponente e tem muitos detalhes bonitos, como essas janelas meio redondinhas e grandes estruturas nas laterais, que deixam parecendo um castelo !!!



COMO ALGUÉM TEVE
CORAGEM DE DEIXAR
FICAR ASSIM???



Fazenda DOIS RIACHOS I

Ei, eu adorei visitar a Fazenda dois Riachos I! Ela foi feita há muito tempo, em 1860. Incrível, né? Quando a gente entrou lá, viu que algumas coisas precisavam de conserto, tipo as janelas e o chão de madeira do sótão, que estavam velhos e quebrados. Mas mesmo assim, a fazenda era linda e deu para curtir bastante.



HMM, JÁ VOU AVISAR PRA ESSE PESSOAL COMO É IMPORTANTE CUIDAR DAS CASAS ANTIGAS PARA QUE ELAS NÃO FIQUEM DESTRUÍDAS E POSSAM CONTINUAR CONTANDO HISTÓRIA.



A fazenda Dois Riachos 2 tem uma história muito legal! Foi construída em 1885 e era a casa do coronel Valdivino Lobo, que era muito importante na política da Paraíba. A professora nos contou que em 1922, um grupo de cangaceiros liderados por Sinhô Pereira, que era amigo do famoso Lampião, invadiu a fazenda e roubou tudo o que encontraram de valor, como joias e moedas de ouro. Eles fizeram um verdadeiro estrago na casa e deixaram coisas valiosas caírem pelo caminho que passaram. E olha só, achamos ainda os restos do que costumava ser um engenho, com uma máquina gigante lá. Ah, a professora também contou que ela foi usada há pouco tempo como cenário de um filme que eu já estou louca para assistir!!!



VOU DIZER
QUE CONHECI
ANTES DE FICAR
FAMOSA!

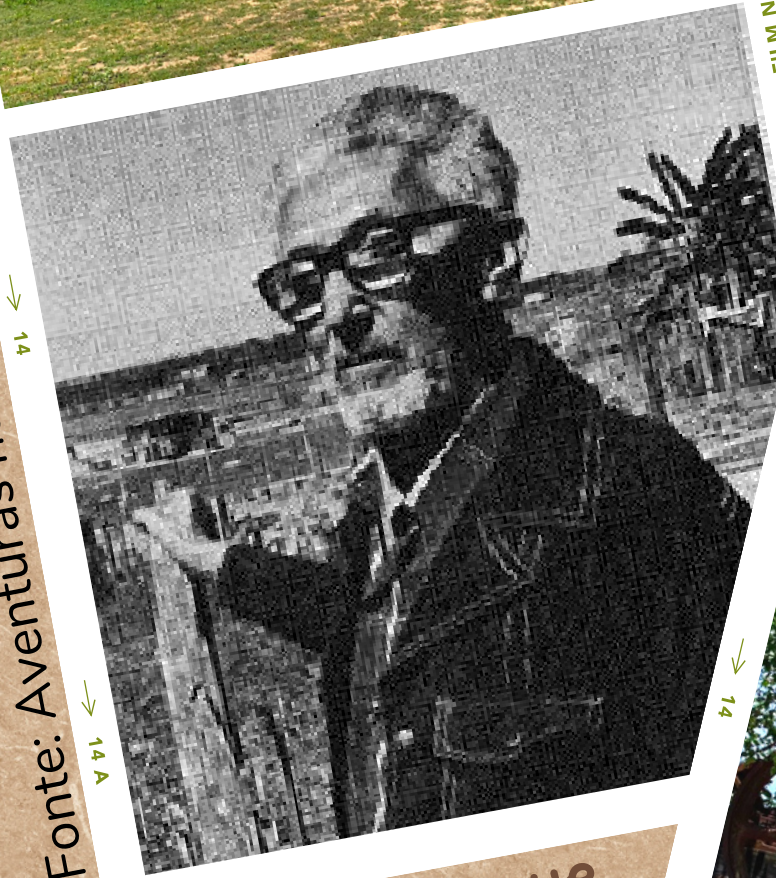
Fonte: Aventuras na história



FILM NEGATIVE

→ 13

→ 13 A



FILM NEGATIVE

→ 14

→ 14 A

o cangaceiro que
roubou a fazenda



FILM NEGATIVE

→ 13

→ 13 A



FILM NEGATIVE

→ 14 A

Fazenda DOIS RIACHOS II

Os restos do engenho

Oi diário, já estamos quaaase no fim da nossa viagem. Já vimos muita coisa, né? Mas ainda tem mais...

A professora contou que a fazenda Arruda não foi a primeira construção da propriedade. Antes, havia uma casa de barro perto da casa principal que foi derrubada, mas ainda podemos ver alguns sinais dela. Também, o bando de cangaceiros liderado por Sinhô Pereira passou pela fazenda, mas não roubou como fez com outra fazenda que visitamos.

A fazenda Curralinho é muito importante para a história do sertão paraibano e foi dada para um homem português chamado Diogo Nogueira Leitão por volta de 1699. É a fazenda mais antiga da região, como a professora nos disse.



Fazenda
ARRUDA



Fazenda
CURRALINHO



CASARÃO DO
SÍTIO SÃO GONÇALO



Andamos mais um pouco e conhecemos um casarão no sítio São Gonçalo, mas não pudemos entrar por causa de abelhas e outros insetos. A professora não conseguiu saber nada sobre a história dele, mas descobrimos que agora é usado como abrigo para bois. Chegando ao final da nossa visita, fomos a um casarão no sítio Cajueiro, perto da universidade UCPB. Fiquei triste porque, assim como na Fazenda Curralinho e no sítio São Gonçalo, não descobrimos muito sobre a história da propriedade. Mas conseguimos explorar um pouco e descobrir que as paredes eram feitas de taipa, o que foi bem legal. Infelizmente, a edificação está bem danificada e abandonada, com muitas partes faltando nas paredes. Isso é muito triste porque é um lugar histórico que pode ser perdido para sempre se não for preservado e cuidado direito.



CASARÃO DO
SÍTIO CAJUEIRO



Olha que diferente
essa parede !!

TOMARA QUE
ALGUÉM COMECE
A CUIDAR DESSES
TESOUROS :(
+



C A Ç A

P a l a v r a s

dia 7

Ufa, cansei de tanto andar! Que tal brincarmos juntos de encontrar palavras escondidas pra descansar um pouquinho? É uma verdadeira missão de detetive, onde as palavras podem estar escondidas em todas as direções: horizontal, vertical ou diagonal. Mas não se preocupe, tenho certeza de que você é um detetive esperto e vai encontrar todas elas!

Encontre as palavras:

COLONIAL

MEMÓRIA

CULTURAL

PAISAGEM

FAZENDA

PATRIMÔNIO

HISTÓRIA

RURAL

A	R	L	A	H	M	I	G	S	B	F	I
P	B	C	I	O	E	F	H	P	P	U	S
N	Q	C	T	U	M	P	S	A	A	C	R
A	E	O	E	H	Ó	O	O	I	T	U	H
C	U	L	T	U	R	A	L	S	R	E	I
F	Y	O	F	T	I	W	T	A	I	O	S
I	A	N	A	G	A	E	L	G	M	N	T
H	T	I	Z	N	S	G	O	E	Ô	H	Ó
I	S	A	E	D	A	L	A	M	N	O	R
O	W	L	N	H	N	H	G	T	I	I	I
X	H	D	D	M	T	C	E	O	O	R	A
E	E	M	A	D	M	C	S	M	N	J	P

veja a resolução na página seguinte

CAÇA PALAVRAS

Encontre as palavras:

COLONIAL

MEMÓRIA

CULTURAL

PAISAGEM

FAZENDA

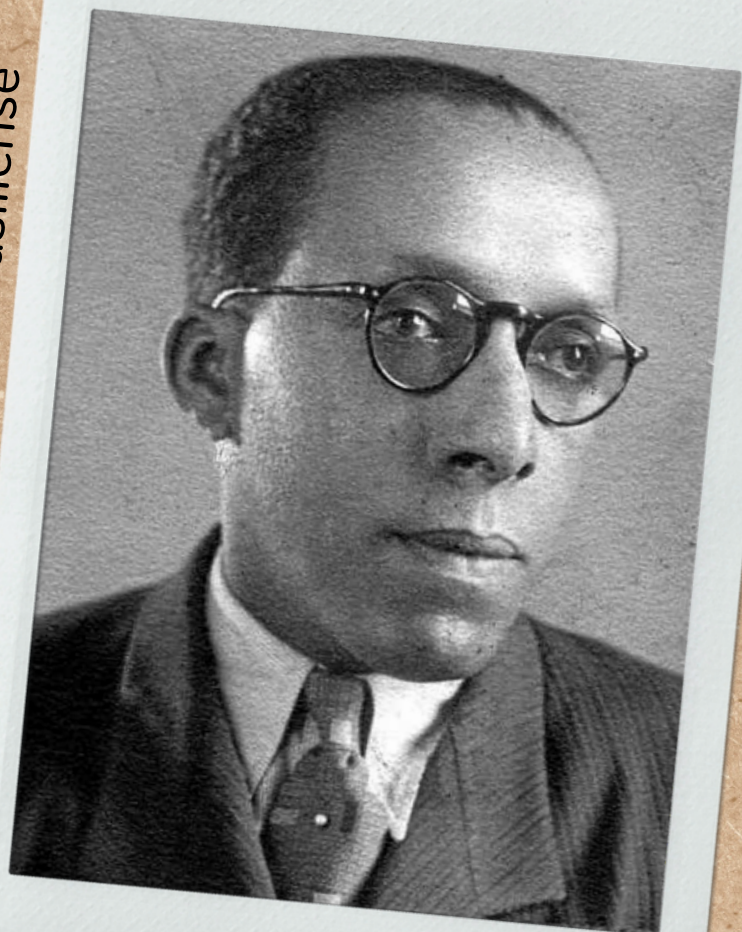
PATRIMÔNIO

HISTÓRIA

RURAL

A R L A H M I G S B F I
P B C I O E F H P P U S
N Q C T U M P S A A C R
A E O E H Ó O O I T U H
C U L T U R A L S R E I
F Y O F T I W T A I O S
I A N A G A E L G M N T
H T I Z N S G O E Ô H Ó
I S A E D A L A M N O R
O W L N H N H G T I I I
X H D D M T C E O O R A
E E M A D M C S M N J P

RESOLUÇÃO



Mário de Andrade



Fotografia tirada por ele

Você sabia que um escritor chamado Mário de Andrade visitou uma cidade chamada Catolé do Rocha em 1929? Naquela época, ele estava com medo porque um homem muito perigoso chamado Lampião e seus amigos estavam passando por outras cidades próximas.

Olha só o que ele disse:

"Era um domingo e na igrejinha branca, admirável pela harmonia da sua fachada sem torres, a procissão entrava. O céu estava negro de nuvens que não se resolviam a chover sobre a terra, e apenas do lado do poente, uma nesga de céu limpo deixava uns últimos raios de sol focalizarem, para efeitos da fotografia que encima estas evocações, a igreja e as casa da sua direita, no imenso largo vazio. No alto do morro, uma capelinha votiva também gritava muito espevitadamente o seu branco sem poeira, como um defeito de película fotográfica. E as casas coloridas, encarnadas, azuis, verde, limão, brincavam, numa esperança de alegria, com o ambiente feroz".

COOOORRE QUE É
HORA DAS
CURIOSIDADES





Chico César

Fonte: Página do Facebook
Oficial Chico César

Sabe aquela pessoa famosa que canta músicas bem legais? Pois é, o Chico César, que é um cantor muito conhecido, nasceu em Catolé do Rocha. Legal, né?

Sabe o que são gravuras rupestres? São desenhos que nossos antepassados fizeram em pedras há muito tempo atrás. É recentemente, descobriram um lugar muito grande com esses desenhos na cidade de Catolé do Rocha, na Paraíba. É um lugar muito importante para conhecermos mais sobre a história do nosso país. Ele se chama sítio arqueológico Malhada de Areia e fica na zona rural, a uns 20 quilômetros da cidade.



Fonte: TV Paraíba

**Pinturas rupestres
encontradas**

PÁGINA DE SEGREDOS



Oi diário, vou te contar uma coisa que aprendi na minha viagem por Catolé do Rocha. É importante cuidar dos lugares históricos, como casas antigas, igrejas e monumentos, porque eles nos ajudam a entender como as pessoas viviam e o que aconteceu naquela região no passado. É nossa responsabilidade protegê-los para que as futuras gerações possam conhecê-los também. Só que eu fiquei triste ao perceber que muitos desses lugares não têm registros ou informações suficientes sobre sua história. Isso pode dificultar a preservação e proteção deles. Por isso, precisamos investir mais em pesquisas e documentações para entender melhor a importância desses lugares e cuidar deles direitinho.

Tomara que as outras pessoas também descubram a importância disso tudo que é pro nosso patrimônio ser cada vez mais cuidado.



+ DIA 8

Dia de voltar pra casa 😞



+ Nossa, essa viagem foi demais! Eu amei ver todas essas construções históricas e aprender sobre como é importante preservar cada uma. É muito triste quando a gente vê que elas estão abandonadas ou destruídas, né? Mas sabe o que estava pensando? Eu mostrei meu diário de viagem pra vocês, e agora eu queria ver o de vocês também! Perguntem pros seus professores e responsáveis se eles conhecem esses lugares históricos, se sabem histórias interessantes sobre eles. Se não conhecem, que tal explorar e descobrir juntos? Tirem muitas fotos e façam um diário bem bonito, tenho certeza que vai ficar incrível. E eu já tô ansiosa pra próxima viagem, pra contar mais novidades pra vocês!

+ Até mais! +

REFERÊNCIAS

MESSIAS, Francisco Gil. Mario de Andrade na paraíba. 2022. Disponível em: <https://www.carlosromero.com.br/2022/02/mario-de-andrade-na-paraiba.html>. Acesso em: 01 maio 2023.

PB, G1. Sítio arqueológico é descoberto no Sertão da Paraíba, e professores acreditam que pode ser o maior do estado. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/08/28/sitio-arqueologico-e-descoberto-no-sertao-da-paraiba-e-professores-acreditam-que-pode-ser-o-maior-do-estado.ghtml>. Acesso em: 01 maio 2023.

